

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

ELIANE BLASZKOWSKI CHAMPAOSKI

**INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS: UM
GUIA DE ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E
POSSIBILIDADES**

CURITIBA

2019

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

ELIANE BLASZKOWSKI CHAMPAOSKI

**INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS: UM GUIA DE
ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES**

CURITIBA

2019

ELIANE BLASZKOWSKI CHAMPAOSKI

**INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS: UM GUIA DE
ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional Uninter, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

CURITIBA

2019



uninter.com | 0800 702 0500

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS
Secretaria do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias**

Defesa Nº 006/2019

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

No dia 21 de março de 2019, às 14h, sala 61, bloco A, do Campus Divina do Centro Universitário Internacional UNINTER, à Rua do Rosário, 147 em Curitiba-PR, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Ademir Aparecido Pinhelli Mendes (Presidente-Orientador - PPGENT/ UNINTER), Cineiva Campoli Paulino Tono (Integrante Externo – ITEDH), Marilene Santana dos Santos Garcia (Integrante Interno Titular- PPGENT/ UNINTER), Marcia Maria Fernandes de Oliveira (Integrante Interno Suplente - PPGENT/ UNINTER), para julgamento da dissertação: "INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS: UM GUIA DE ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES", da mestranda Eliane Blaszkowski Champaoski. O presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida à mestranda, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que a mestranda foi:

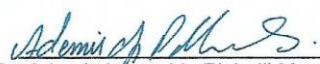
☒ APROVADA, devendo a candidata entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.

() AROVADA somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.

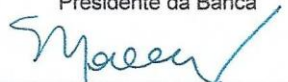
() REPROVADA.

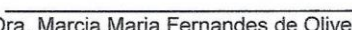
O Presidente da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

Recomendações: PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS
CIENTÍFICOS; DIVULGAÇÃO DO GUIA PARA
PAÍS EM EVENTOS; PUBLICAÇÃO DA
DISSERTAÇÃO EM LIVRO. APROVADA COM LOUVR.


Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes
Presidente da Banca


Dra. Cineiva Campoli Paulino Tono
Integrante Externo


Dra. Marilene Santana dos Santos Garcia
Integrante Interno Titular


Dra. Marcia Maria Fernandes de Oliveira
Integrante Interno Suplente


Eliane Blaszkowski Champaoski
Mestranda

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Deus, meu Guia e Protetor.
Ao meu marido Jovane, meu porto seguro, amor da minha vida.
À minha joia mais preciosa, minha filha Brenda, amor e inspiração.
Aos meus pais, sogra, irmãos, cunhados, sobrinhos e toda a minha
família, que com muito carinho e apoio estiveram presentes na realização
deste sonho, me motivando para fortalecer a caminhada.
Ao meu querido orientador, professor Dr. Ademir Aparecido Pinhelli
Mendes pela grande parceria em minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me acolher com seu imenso amor e bondade! Gratidão, superação e inspiração! Obrigada Meu Grande Mestre!

Para a minha cara metade, meu marido Jovane de França Champaoski, meu amor e porto seguro. Este mérito também é seu. Foram momentos intensos de alegrias, estudos, abdicação, parceria e companheirismo, tudo sempre regado com um café preparado por você, um chá ou um vinho servido com seus mimos e carinhos. Obrigada amor! Te amo!

À minha joia mais preciosa e delicada, Brenda Blaszkowski Champaoski, sempre carinhosa e com um sorriso no rosto, me oferecendo abraços, beijos e lindas palavras de carinho e cuidado, me ensinando e colaborando com seus saberes e experiências. Em alguns momentos até invertemos os papéis, quem ganhou colo de você fui eu.... Tão bom! Amo você minha princesa, obrigada por compreender minhas ausências por conta dos estudos e por me ensinar a arte de ser feliz com a sua alegria!

Aos meus pais, Luiz Blaszkowski e Deonilda Blaszkowski, que sempre foram exemplos de amor para mim, guiando-me com seus ensinamentos de bondade e gratidão pela vida. Obrigada por serem pais presentes e tão dedicados em minha vida. Obrigada por colaborarem com mais esta conquista. Amo vocês!

À minha sogra Leonilda de França Champaoski, que esteve presente com seu amor, carinho e incentivos no decorrer desta trajetória, acreditando em meu potencial e me incentivando a cada etapa. Obrigada por ser um presente em minha vida!

Aos meus queridos irmãos, cunhados, sobrinhos e toda à minha família que com muito carinho e apoio estiveram presentes na realização deste lindo sonho, me motivando para fortalecer a caminhada.

Ao melhor orientador que eu poderia ter, meu guia e mestre, professor doutor Ademir Aparecido Pinhelli Mendes, que conduziu este percurso do saber com paciência, comprometimento, dedicação e muita competência, me mostrando que conhecimento se constrói por meio de motivação, parceria e afeto. Obrigada Mestre e Amigo!

À querida amiga Eliete Oliveira, que também colaborou com suas dicas e conselhos, me acolhendo nos momentos de estudos da pesquisa.

À querida professora doutora Cineiva Campoli Paulino Tono, que despertou em mim a paixão pelo tema pesquisado, me inspirou e me motivou com sua presença e conhecimento, apresentando-me novos caminhos.

Ao doutor Flúvio Cardinelle Garcia, que teve importantes contribuições no desenvolvimento desta pesquisa, apresentando-me a realidade a respeito do uso das mídias digitais na vida das crianças, possibilitando-me um olhar mais sensível e afetivo acerca do tema. Obrigada por me ensinar a ser melhor!

Às minhas queridas amigas, Marcia Pereira, Miriã Pereira e Mônica Silva Dias da Paixão, que foram grandes articuladoras e parceiras nas decisões para a realização do mestrado. Amigas para sempre!

Aos meus queridos professores do mestrado em Educação e Novas Tecnologias da Uninter, que agregaram conhecimentos e saberes aos meus. Foram possibilidades e oportunidades que abracei com o coração, transformando-as em aprendizagens. Obrigada a todos!

Ao Instituto de Tecnologia e Dignidade Humana (Ong.), por ser o início e o meio da minha trajetória! Não há fim quando se fala em crianças, relações e interações, só esperança! Obrigada pela acolhida e pelas oportunidades na partilha de conhecimentos.

Ao Mauricio de Souza Produções, que por meio de sua equipe, disponibilizou e autorizou o uso da história em quadrinhos, tornando o guia para pais mais colorido, convidativo e atrativo.

Ao Centro Universitário Internacional Uninter que possibilitou o acesso e a concretização deste sonho, abrindo portas e ampliando as oportunidades em minha vida!

A todos os pais, mães e responsáveis pelas crianças, que assim como eu, vivem constantes momentos de aprendizagem para ressignificar o cotidiano de seus filhos acerca do acesso e uso das mídias digitais. O amor sempre será o nosso guia!

Às minhas gestoras Karina Gomes, Tânia Scopel Barcelino e Rosa Cerino, por serem exemplos de superação. Meu carinho e admiração!

Aos meus queridos colegas de trabalho, que foram companheiros incansáveis em momentos decisivos, acolhendo minhas angústias e confortando meu coração.

À designer gráfica, Ana Valéria De Pieri Alvarez, que projetou e coloriu minhas ideias no guia para os pais.

Aos profissionais, estudantes, pais, famílias e comunidades das escolas em que a pesquisa foi realizada: Colégio Martinus, Colégio da Polícia Militar do Paraná, Escola Municipal Umuarama e Escola de Tecnologia e Programação HappyCode. Todo o meu respeito e gratidão!

À todas as crianças que tornam a minha vida mais linda e feliz. Gratidão por me ensinarem a arte de sonhar e aprender, com o riso à toa e com os olhos do coração.

À Secretaria Municipal da Educação de Curitiba pela oportunidade da realização da pesquisa e pela parceria desenvolvida no decorrer do mestrado, valorizando a minha formação enquanto profissional da rede de ensino.

À Secretaria Estadual de Educação do Paraná pela oportunidade da realização da pesquisa em comunidade local.

À professora doutora Marilene Garcia que acompanhou o projeto de pesquisa, tecendo considerações relevantes ao percurso da pesquisa. Obrigada pela sua alegria e seus ensinamentos!

À professora doutora Marcia Maria Fernandes de Oliveira pelas considerações sensíveis que enriqueceram o percurso da pesquisa.

À todos os especialistas (professores, pedagogos, psicopedagogos, diretores em educação, gestores, médicos pediatras, agentes de saúde, promotores de justiça, delegados e advogados) que contribuíram para a avaliação do processo e validação dos dados do guia para os pais.

À querida Letícia Perez da Costa, uma grande parceira que colaborou para a formatação da pesquisa, com olhar sensível e acolhedor. Obrigada pela sua paciência e seu carinho!

Aos queridos orientandos, que me ajudaram a conhecer, compreender e aprender com os olhos do coração, com suas experiências, saberes e esperanças. Adorei aprender com vocês!

Aos meus colegas de estudos e pesquisas, por todos os momentos que compartilhamos nossos saberes e fizemos a diferença na vida uns dos outros. Foram ótimos momentos!

À todos que, de alguma forma, tocaram meu coração no decorrer desta trajetória, e ajudaram a tornar-me uma pessoa e profissional melhor a cada dia!

Obrigada de coração!

“Estou aqui para compartilhar... Amor e conhecimento!”

EPÍGRAFE

Ao analisar a condição de uma criança e um adolescente, desprovidos do acompanhamento de um adulto responsável para o uso das tecnologias, nota-se o quanto o arcabouço do seu desenvolvimento humano e social está combalido e em risco nos quesitos culturais, educacionais, sociais, éticos, morais e até emocionais e sentimentais, minimamente investigados cientificamente às vistas da prevenção dos riscos e efeitos nocivos à saúde física, saúde mental, ao processo cognitivo, à segurança e às relações familiares e sociais.

Cineiva Campoli Paulino Tono

RESUMO

Pesquisa apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, do Centro Universitário Internacional Uninter, na linha de pesquisa Formação de Professores e Novas Tecnologias na Educação e realizada com o apoio do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia e Sociedade. Investiga as relações de crianças de 8 aos 12 anos de idade com as mídias digitais, com o objetivo de compreender como e sob quais condições elas acessam e usam as mídias digitais, a fim de propor mecanismos e estratégias de proteção e segurança da criança por meio de um guia de orientação aos pais. A seguinte pergunta delinea o percurso da pesquisa: como está ocorrendo o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças com idade entre 8 e 12 anos, possibilitando interação, conhecimento e, principalmente, garantia da segurança delas? Por meio de pesquisa de abordagem qualitativa exploratória descritiva, analisam-se os dados obtidos a partir de um questionário com perguntas semiestruturadas aplicado a crianças com idade entre 8 e 12 anos, buscando compreender as possibilidades e limites do uso das mídias digitais para o desenvolvimento integral da criança. Analisa-se, ainda, o conteúdo de uma entrevista com autoridade em segurança pública e considerações de especialistas nas áreas da saúde, segurança e educação, a respeito do guia para pais. Os dados e as informações do guia foram validados por amostragem e saturação de dados. Apresenta-se, portanto, como resultado a produção de material didático instrucional como produto educacional tecnológico, sendo este o guia de orientações aos pais acerca do acesso e uso das mídias digitais pelas crianças. O estudo está fundamentado em Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013), Benjamin (2017), Bogdan e Biklen (2013), Coll e Monereo (2010), Dias (2016), Fantin e Girardello (2008), Kenski (2015), Kilbey (2018), Martino (2017), Moran, Masetto e Behrens (2015), Moran (2015), Santos (2015), Strasburger, Wilson e Jordan (2011), Tono (2017). Os resultados da pesquisa apontam para o cuidado ao se identificar possibilidades, riscos e danos que as tecnologias digitais podem trazer às crianças. Encontrou-se evidências que indicam que o acesso das crianças às mídias digitais precisa se dar com fatores de proteção, controle parental e orientação, de forma a garantir e respeitar os seus direitos de acesso e uso de forma segura e emancipadora. Apresenta-se, portanto, os cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança, que representam formas alternativas para o acompanhamento e orientações aos pais, como: o protagonismo infantil, o exercício da afetividade, o diálogo, o acompanhamento e controle parental e as orientações acerca dos limites e possibilidades. Estes, caracterizam-se num processo dialógico, com estímulo à maturidade e discernimento da criança, nos limites da sua proteção, para a apropriação de conhecimentos.

Palavras-chave: Criança e Mídias Digitais. Interações na Infância. Acompanhamento e Controle Parental. Proteção e Segurança da Criança. Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

This research was presented to the Professional Master's Program in Education and New Technologies, from Uninter International University Center, in the Teacher Education and New Technologies in Education line of research, and carried out with the support of the Education, Technology and Society Research Group. It investigates the relationships of children aged 8 to 12 years old with digital media, aiming to understand how and under what conditions they access and use digital media, in order to propose mechanisms and strategies for the protection and safety of the child through a manual for parents. The following question outlines the course of the research: how is the access and use of digital media by children aged 8 to 12 years, allowing interaction, knowledge and, above all, their safety, taking place? By means of a descriptive exploratory qualitative research, we analyze the data obtained from a questionnaire with semi-structured questions applied to children aged 8 to 12 years old, seeking to understand the possibilities and limits of the use of digital media for integral development of the child. The content of an interview with an authority on public safety and considerations of health, safety and education experts regarding the manual for parents is also analyzed. Data and the manual's information were validated by the process of sampling and data saturation. The result, therefore, is the production of instructional didactic material as a technological educational product, which is the manual to parents' guidance on the access and use of digital media by children. The study is based on Abreu, Eisenstein and Estefenon (2013), Benjamin (2017), Bogdan and Biklen (2013), Coll and Monereo (2010), Dias (2016), Fantin and Girardello (2008), Kenski (2015), Kilbey (2018), Martino (2017), Moran, Masetto and Behrens (2015), Moran (2015), Santos (2015), Strasburger, Wilson and Jordan (2011), Tone (2017), as well as other authors and reference documents. The research results point out to the care when identifying possibilities, risks and damages that digital technologies can bring to children. Evidence has been found that children's access to digital media needs to take place under protection factors, parental control and guidance, in order to ensure and respect their rights of access and use in a safe and emancipatory manner. We present, therefore, the five indicators for the safe use of the digital media by the child, which represent alternative forms for follow-up and orientations to parents, such as: children's protagonism, the exercise of affectivity, dialogue, parental monitoring and control and guidelines on limits and possibilities. These are characterized in a dialogical process, with stimulus to the maturity and discernment of the child, within the limits of its protection, for the appropriation of knowledge.

Keywords: Child and Digital Media. Interactions in Childhood. Monitoring and Parental Control. Protection and Safety of Children. Learning and Child Development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 –	UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PELAS CRIANÇAS.....	60
ILUSTRAÇÃO 2 –	IDADE DAS CRIANÇAS PESQUISADAS.....	61
ILUSTRAÇÃO 3 –	RECURSOS TECNOLÓGICOS MAIS UTILIZADOS PELAS CRIANÇAS.....	63
ILUSTRAÇÃO 4 –	USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS PELAS CRIANÇAS.....	65
ILUSTRAÇÃO 5 –	TEMPO DE USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PELAS CRIANÇAS.....	66
ILUSTRAÇÃO 6 –	ACOMPANHAMENTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS NOS MOMENTOS DE ACESSO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PELAS CRIANÇAS...	68
ILUSTRAÇÃO 7 –	COMO OCORRE O ACESSO DAS CRIANÇAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS.....	71
ILUSTRAÇÃO 8 –	CONTEÚDOS ACESSADOS PELAS CRIANÇAS.....	74
ILUSTRAÇÃO 9 –	EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS DIFERENTES PLATAFORMAS NAS RECEITAS.....	76
ILUSTRAÇÃO 10 –	ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL.....	101
ILUSTRAÇÃO 11 –	INTERAÇÕES E AFETIVIDADE.....	105
ILUSTRAÇÃO 12 –	OS CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA.....	109
ILUSTRAÇÃO 13 –	CONSIDERAÇÕES DE ESPECIALISTAS.....	118
ILUSTRAÇÃO 14 –	MAPA CONCEITUAL COMPREENDENDO OS INDICADORES DE PREVENÇÃO, SEGURANÇA E ORIENTAÇÕES AOS PAIS.....	130
ILUSTRAÇÃO 15 –	PROTAGONISMO INFANTIL.....	133
ILUSTRAÇÃO 16 –	EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE.....	137
ILUSTRAÇÃO 17 –	DIÁLOGO.....	139
ILUSTRAÇÃO 18 –	INFÂNCIA FELIZ E SEGURA NA ERA DIGITAL.....	141
ILUSTRAÇÃO 19 –	TRECHO DA MÚSICA “DESCONECTA”, POR DANIEL SALLES.....	144
ILUSTRAÇÃO 20 –	ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES PARA O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA.....	149
ILUSTRAÇÃO 21 –	ORIENTAÇÕES ACERCA DAS POSSIBILIDADES PARA O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA.....	150

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	CONSTATAÇÃO DA SATURAÇÃO TEÓRICA SOBRE A APRESENTAÇÃO VISUAL DO MATERIAL.....	98 e 99
TABELA 2 -	REGISTRO SOBRE A RELEVÂNCIA DO TEMA ABORDADO: “INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS: UM GUIA ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES”.....	100
TABELA 3 -	COMENTÁRIOS SOBRE O CONTEÚDO E A QUALIDADE DAS INFORMAÇÕES.....	103
TABELA 4 -	REGISTROS ACERCA DA LINGUAGEM UTILIZADA E AS INTERAÇÕES COM O(A) LEITOR(A).....	107
TABELA 5 -	ANÁLISE E REGISTRO DOS PARTICIPANTES ACERCA DOS “CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA”, SENDO ELES: E PROTAGONISMO INFANTIL, O EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE, O DIÁLOGO, O ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL E ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES. DE ACORDO COM A SUA ANÁLISE, ESSES INDICADORES CONTRIBUEM PARA APOIAR AS FAMÍLIAS A POSSIBILITAREM INTERAÇÕES SAUDÁVEIS DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.....	110 e 111
TABELA 6 -	REGISTRO DA OPINIÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: CONSIDERANDO A SUA AVALIAÇÃO A RESPEITO DO “GUIA PARA PAIS”, VOCÊ RECOMENDA A DISTRIBUIÇÃO DESTE MATERIAL PARA AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS COM IDADE ENTRE 8 E 12 ANOS, COMO FORMA DE DISSEMINAR INFORMAÇÕES, DICAS E SUGESTÕES AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS PARA O USO SEGURO, CONSCIENTE E RESPONSÁVEL DAS MÍDIAS DIGITAIS PELAS CRIANÇAS?.....	114
TABELA 7 -	SUGESTÕES, IDEIAS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES PERTINENTES PODERÃO SER AQUI REGISTRADAS POR VOCÊ.....	115 e 116

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

BDTD	-	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
CGI.BR	-	Comitê Gestor da Internet no Brasil.
CID	-	Classificação Internacional de Doenças.
DEDICA	-	Programa “Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente”.
DSM	-	Manual Diagnóstico Estatístico da Sociedade de Psiquiatria Norte-Americana.
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente.
NIC.BR	-	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR.
OMS	-	Organização Mundial da Saúde.
ONG	-	Organização Não Governamental.
SBP	-	Sociedade Brasileira de Pediatria.
TIC	-	Tecnologia da Informação e Comunicação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS	38
2.1 UM OLHAR PARA A CRIANÇA EM SEUS TEMPOS E ESPAÇOS	39
2.2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O BRINCAR	41
2.3 OS BRINQUEDOS E AS SUAS FORMAS DE INTERAÇÃO	43
2.4 OS CONCEITOS DIGITAIS NA INFÂNCIA	45
2.5 A INFÂNCIA NA ERA DIGITAL	49
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	52
4 CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	59
4.1 ANÁLISE DE DADOS DO QUESTIONÁRIO.....	60
4.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA.....	80
4.3 ANÁLISE E VALIDAÇÃO DO GUIA PARA PAIS	90
5 INDICADORES DE PREVENÇÃO, SEGURANÇA E ORIENTAÇÕES AOS PAIS.....	125
5.1 O PROTAGONISMO INFANTIL	131
5.2 O EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE	135
5.3 O DIÁLOGO	137
5.4 ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL	140
5.5 ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES.....	145
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICE A	162
APÊNDICE B	164
APÊNDICE C	166
APÊNDICE D	168
APÊNDICE E	188

1 INTRODUÇÃO

Desde que me¹ lembro, sempre fui apaixonada pela educação. Fui tocada pela energia das pessoas, pelos espaços que criam vidas e histórias, pela arte de aprender, acolher, compartilhar, ser e conviver. O encanto de sentir essa energia sempre foi tão forte, que me lembro bem da minha mãe tentando driblar todos os meus argumentos e justificativas para eu não ir à escola, pois, ainda não tinha a idade suficiente. Tudo em vão, e então, lá ia eu acompanhando meu irmão, me sentindo a mais especial das criaturas por vestir um guarda-pó quadriculado (assim chamado o jaleco), com uma bolsinha de lanche a tiracolo. Tamanha frustração quando era chegada a hora do meu irmão entrar na escola, pois isso significava que o meu retorno já tinha destino certo: a minha casa. E assim passaram-se três longos anos, até que finalmente chegou a minha vez.

Foi tanta emoção e alegria, que me lembro como se fosse hoje. Fui matriculada na turma do pré-escolar da Escola Municipal Maria Clara Brandão Tesserolli, na cidade de Curitiba, e no primeiro dia de aula fui recebida na porta da pequena sala da escola, que era a última do lado esquerdo do último corredor; era tão longe para o tamanho da minha vontade de chegar! A professora Cristina me deu as boas-vindas ao mesmo tempo em que tentava acalmar um colega da turma que chorava. E eu sem entender o porquê daquela tristeza toda, quando o dia era de imensa alegria. Cheguei ansiosa para descobrir logo as letras, brincar, desenhar e descobrir tudo o que era possível fazer naquele lugar, na escola! A escola que eu sonhava demorou um pouquinho mais a me mostrar as possibilidades, pois eu queria fazer logo tudo de uma vez. E assim, deu-se início no primeiro momento, às apresentações, em que cada um foi falando o seu nome completo. Quando chegou a minha vez, mais que orgulhosa, respondi: meu nome é Eliane Blaszkowski, Alemã e Polaca. E as professoras Cristina e Lenir riram e depois contaram a história para a minha mãe, e hoje todos da minha família lembram deste momento de forma divertida. Meus pais sempre me ensinaram que eu era de descendência alemã e polonesa, mas nessa época, de forma simplificada nos referíamos como “polacos”, e foi assim que, sem querer,

¹ A parte de apresentação pessoal será escrita em primeira pessoa do singular.

incorporei as descendências ao meu sobrenome. E para falar a verdade..., que orgulho tenho de ser quem eu sou!

Neste primeiro dia me delicieei na escola, utilizei alguns dos materiais novos, fiz modelagem com massinha e um desenho incrível, que ainda vemos nas práticas escolares, o desenho cego. Achei aquilo incrível, brincar com o lápis e depois colorir todos os espaços com cores diferentes. Amei!

Então os dias se passaram e as atividades eram realmente encantadoras, arrancavam de mim o meu melhor, eu adorava ir à escola, me expressar, dar ideias e desenvolver as atividades. No final do ano teve até formatura, foi lindo: fizemos uma dança com fitas, usamos beca e toga e seguiram-se as homenagens. Minha mãe fez até um vestidinho de crochê para mim, que me deixou toda orgulhosa e me sentindo ainda mais especial.

Depois deste primeiro ano, os desafios foram se tornando maiores, as atividades mais complexas, e isso passou a exigir mais estudos. A disciplina de matemática sempre me perseguiu, fazendo com que eu tivesse que me desdobrar para passar de ano. Não foi fácil, mas embora eu não fosse das melhores alunas, sempre tive a característica de ser forte e persistente, sempre focada de forma a buscar o meu melhor. Estudava tanto, de cima pra baixo, de forma alternada, respostas e perguntas feitas de diferentes formas, que não tinha nem como tentar burlar o sistema... A mãe sempre marcando presença, estudando junto, buscando estratégias para eu aprender melhor. O pai sempre conversando muito, orientando e buscando guiar o caminho. Assim, fui abençoada por ter pais tão maravilhosos me estimulando, acompanhando e dando as diretrizes para eu ser quem sou... Uma eterna apaixonada pela vida, feliz por estar sempre aprendendo e, principalmente, realizada por fazer o que amo: compartilhar conhecimentos.

Chegou o momento de ir para o Ensino Médio e minha escolha foi pelo Magistério, um curso com o qual sempre me identifiquei, pois para mim, falar, compartilhar e interagir com as pessoas sempre foi algo recompensador! E logo veio a faculdade, na qual optei pelo curso de Pedagogia. Mais momentos de ensino e aprendizagem, mas acima de tudo, de experiências e vivências únicas, pois estimular o conhecimento nas pessoas é algo delicado e desafiador, um processo que se inicia primeiramente em nós mesmos.

Depois de todo esse percurso, vieram outras formações, pós-graduações, extensões, formação continuada, dentre outros, que me guiaram pelo caminho do saber e para o desenvolvimento de habilidades que eu mesma desconhecia. Passei como profissional da educação em diferentes níveis de ensino e funções, desde a educação infantil, ensino fundamental e superior, como professora, pedagoga, orientadora de ensino e diretora, o que certamente me fez ser uma pessoa mais atenta e sensível às necessidades de cada criança, profissional ou pessoa que passou pela minha vida.

Como sempre gostei de desafios, mais uma vez busquei estudar e pesquisar, o que aconteceu por meio do ingresso no presente mestrado e do desenvolvimento desta pesquisa. Motivador, desafiador, com momentos de exaustão, mas também de orgulho, dedicação, persistência e vontade de fazer melhor, sempre e cada dia melhor!

Foram vários exercícios até a escolha do tema para o desenvolvimento desta pesquisa; muitas dúvidas, alterações, reflexões e amadurecimento de ideias. Foi então que, num seminário de tecnologia e dignidade humana, escutando a fala da professora Cineiva Campoli Paulino Tono, me sensibilizei com esta temática, frente à tamanha responsabilidade dos adultos (ou irresponsabilidade por parte de alguns) no acompanhamento e orientações às crianças para o uso seguro das mídias digitais.

O acompanhamento do meu orientador, professor doutor Ademir Aparecido Pinhelli Mendes e as suas orientações também foram fundamentais para definir o tema, sendo que, neste percurso, um dado importante a ser considerado foi o envio da pesquisa para o comitê de ética da Instituição; foram vários exercícios preparando a documentação necessária, principalmente porque, por se tratar de uma pesquisa envolvendo crianças, os critérios foram mais rigorosos e planejados de forma a garantir o bem-estar e a segurança das crianças e de todas as pessoas envolvidas. Após várias análises e tentativas, com escritas relevantes, reflexões foram se estabelecendo, estratégias que foram sendo delineadas no percurso do planejamento da pesquisa, até o momento da aprovação.

Investiguei com profundidade sobre o tema e percebi que, embora fossem muitas as discussões a respeito do uso das mídias digitais pelas crianças, poucos eram os registros acadêmicos e científicos que o legitimavam. Por ser

ainda um fenômeno extremamente recente, este estudo torna-se desafiador, trazendo consigo muitas questões para ampliar o olhar e as reflexões sobre a criança e o seu desenvolvimento. A partir daí o tema foi definido, resultando na pesquisa apresentada.

A pesquisa intitulada: Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades, contempla os limites e as possibilidades acerca do uso das mídias digitais pelas crianças de 8 aos 12 anos de idade, o que remete a uma preocupação de como está se dando este acesso e o seu uso, de forma a garantir a segurança das crianças, e ainda, aprendizagens que contribuam para o seu desenvolvimento global.

É importante destacar que a criança tem seu direito assegurado à acessibilidade, de forma a aprimorar suas capacidades na sociedade do conhecimento. Isso reflete em aprendizagens e possibilidades que valorizam a integração da criança, de forma autônoma, capaz e protagonista.

Considerando a acessibilidade, a mobilidade e o uso das mídias digitais pelas crianças, é possível perceber que as interações na infância vêm se transformando. O contexto do próprio brincar vem se modificando, pois os brinquedos e brincadeiras vêm sendo substituídos ao longo da história. Os espaços utilizados para o uso do brincar pela criança, os desafios e motivações, os tempos e as diferentes formas de interações, além do fator tecnológico, vêm contribuindo para que as brincadeiras e os brinquedos proporcionem novas formas de experiências na infância.

A infância passa a ser então, influenciada pelo uso das mídias digitais pela criança, o que interfere em seus comportamentos, atitudes, hábitos e na própria cultura infantil, possibilitando ou não o desenvolvimento de aprendizagens, aprimoramento de habilidades e potencialidades, bem como o exercício da memória, imaginação e criatividade. Este fator requer um olhar cuidadoso e criterioso, visto que, ao mesmo tempo que oferece potencialidades, pode emergir em riscos e danos à criança, seja em seus aspectos cognitivos, sociais, culturais, de saúde ou segurança.

A brincadeira sempre foi fundamental para o desenvolvimento da criança, pois é a forma com a qual ela interage, vive o faz-de-conta, desencadeia sentimentos e emoções; é a maneira com que ela experimenta, cria, transforma e se apropria do mundo que a cerca. “Ao brincar, a criança passa a compreender

sua cultura, valores, hábitos, desejos, desgostos, relações com o outro, enfim, vivência experiências de seu contexto circundante” (COTONHOTO; ROSSETTI, 2016, s/p).

As mídias digitais passam a ser também uma nova forma da criança brincar, sendo a ferramenta tecnológica utilizada o brinquedo, com o qual a criança explora, interage e experimenta o mundo. Conforme Santos (2015, p. 233), quando “brincando e nas diversas formas de relações com seus pares, as crianças criam para si um pequeno mundo cultural”. Isso significa que não é apenas o brincar pela criança que vem sendo modificado, mas a própria infância.

Pressupõe-se que a criança de 8 a 12 anos se encontre vulnerável ao fazer uso das mídias digitais, nos aspectos de segurança, saúde e educação. Cabe salientar que a presente pesquisa aborda todas essas instâncias, aprofundando os estudos no que diz respeito ao processo cognitivo, social, cultural e educacional, buscando investigar os desafios que estão postos acerca dos valores humanos, da qualidade de vida e bem-estar da criança em seu desenvolvimento integral².

Assim, vincula-se este projeto à linha de pesquisa Formação de Professores e Novas Tecnologias, do Mestrado em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional Uninter, apoiado pelo Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia e Sociedade, compreendendo-o numa perspectiva de interação e conhecimento, identificando-se limites e possibilidades, mas também fatores de proteção a partir do controle parental e orientação pedagógica para o uso de mídias digitais, sendo respeitados os direitos da criança de aprender de forma segura e emancipadora.

Assegura Saviani (2012, p. 173) “[...] o indivíduo não é aquele que sublima seus instintos, mas que compreende intelectualmente as exigências e necessidades postas pela sociedade [...]”, portanto, assim se estabelece a valorização e a caracterização do conhecimento, compreendendo a relação do sujeito com o mundo, consigo mesmo e com os outros num constante diálogo entre o pensar e o agir, entendendo-se que a construção do conhecimento se dá num processo de coletividade e visa a transformação social.

² A pesquisa não tratará de aspectos específicos à saúde física e mental da criança, no entanto, poderá indicar riscos e danos relacionados.

As mídias digitais estão postas, evidentes, e revelam-se como desafiadoras no cotidiano das crianças; no entanto, muitas vezes, estas não têm acesso àquelas, ou ainda, utilizam-nas de forma desmedida, sem quaisquer critérios para a devida utilização. Assim, justifica-se a importância deste estudo, como forma de possibilitar o acesso às mídias digitais como direito assegurado à criança, bem como garantir que o uso aconteça de forma saudável e responsável.

Para Martino (2017, p. 40),

As percepções, os relacionamentos e a própria atividade mental operam a partir de uma contínua intersecção com o digital. Por conta disso, nosso pensamento, assim como nosso relacionamento com a realidade e com outros seres humanos, é, ao menos parcialmente, adaptados à lógica das mídias digitais.

Assim, há de se valorizar o acesso das crianças às mídias digitais, proporcionando a adaptação, a mobilidade e as transformações tecnológicas, revisitando espaços e tempos, ao mesmo tempo em que se possibilita o exercício da ação-reflexão-ação, norteando e mediando o conhecimento.

O estudo do acesso às mídias digitais pelas crianças entre 8 e 12 anos de idade, visa buscar um olhar sensível e expressivo como forma de garantir o desenvolvimento e também a segurança delas, tendo ainda assegurados os seus tempos, espaços e direitos. Isso porque as mídias digitais dão acesso a um mundo de vulnerabilidade para a criança, que em seu processo de desenvolvimento ainda não apresenta maturidade para apreciar, compreender, assimilar e corresponder a determinadas informações e conhecimentos.

Dessa forma, as crianças vêm utilizando as mídias digitais em seu cotidiano de vida, compreendendo momentos de lazer e entretenimento, estudos e pesquisas educacionais. No entanto, muitas vezes, esse acesso e uso não são acompanhados pelos pais ou responsáveis e, o que é mais sério, a criança não recebe orientações para ampliar suas aprendizagens a respeito dessa exploração.

O uso desmedido das mídias digitais por parte das crianças, sem considerar os fatores de proteção, pode causar riscos e danos; em contrapartida, também pode possibilitar à criança estimular suas habilidades e funções cognitivas, aprimorando o seu saber, potencializando e valorizando aprendizagens.

Assim, como forma de conduzir o percurso desta pesquisa, apresenta-se a pergunta que norteia a investigação: como está ocorrendo o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças, possibilitando interação e conhecimento, mas, principalmente, garantindo a segurança delas?

No momento em que tecnologia, sociedade e educação vivem variáveis e influências cotidianas, inspira-se um olhar muito especial sobre os cuidados de proteção à infância. Espera-se, então, que a presente pesquisa venha colaborar com estudos, análises e o aprofundamento de conhecimentos a respeito da proteção à infância na era digital, frente aos desafios inovadores para o uso das mídias digitais, emergindo para a compreensão de que a criança tenha assegurados seus direitos, mas, principalmente, tenha garantido o acesso às tecnologias digitais de forma segura e emancipadora.

Nesse âmbito, o uso das mídias digitais apresenta limites e possibilidades, que podem vir a ser contemplados nas interações tecnológicas na infância da era digital, compreendendo espaços, tempos e direitos, que valorizam, sensibilizam e ampliam o olhar para o desenvolvimento da criança.

Partindo desse pressuposto, o problema desta pesquisa pode ser formulado por meio de duas questões:

As mídias digitais podem oferecer riscos e danos à infância pelo uso desmedido e sem fatores de proteção?

As possibilidades no uso das mídias digitais pelas crianças indicam que o acesso pode se dar de forma segura, a partir da garantia de fatores de proteção à criança, com controle parental e orientação, valorizando o uso saudável e ético das tecnologias?

O objetivo desta pesquisa é compreender como e sob que condições as crianças com idade entre 8 e 12 anos acessam as mídias digitais, a fim de propor mecanismos e estratégias de proteção e segurança da criança por meio de um guia de orientação aos pais.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

Investigar a infância e o direito ao acesso e ao uso das mídias digitais pelas crianças na faixa etária entre 8 e 12 anos.

Averiguar como está ocorrendo o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças entre 8 e 12 anos de idade, utilizando-se de um instrumento de pesquisa por meio de um questionário semiestruturado para as crianças desta faixa etária.

Compreender os riscos e danos que as mídias digitais podem gerar às crianças e as possibilidades para sua segurança e proteção, por meio de entrevista com profissional da área de segurança.

Analisar os dados da pesquisa empírica e propor um guia de orientação para pais acerca dos limites e possibilidades do acesso e uso das mídias digitais pela criança de 8 a 12 anos, como forma de disseminar os dados e informações, sendo este o produto final da pesquisa.

Aplicar questões para análise e reflexão do guia para pais, por meio de um formulário, para especialistas das áreas da saúde, segurança e educação, como forma de validação do guia para pais.

Compilar os dados e informações realizados pelos especialistas nas devolutivas dos formulários, por meio da amostragem e saturação de dados.

Como forma de viabilizar que os objetivos sejam alcançados, a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa é de natureza exploratória e descritiva de análise qualitativa, visto que no contexto da pesquisa se estabelecem as relações históricas, sociais, culturais, políticas e educacionais (BOGDAN; BIKLEN, 2013).

A fonte de investigação é o ambiente natural e, nesse caso, são 4 escolas previamente selecionadas, considerando como critério fundamental que o público-alvo tenha acesso às mídias digitais em seu cotidiano. Para isso, buscou-se selecionar escolas de diferentes iniciativas e com diferentes públicos-alvo, compreendendo, assim, escolas públicas e privadas, sendo: uma escola pública municipal de ensino fundamental I, uma escola pública estadual de ensino fundamental II, uma escola privada de ensino fundamental I e II e uma escola privada de tecnologia e programação para crianças, respectivamente descritas na sequência: Escola Municipal Umuarama, Colégio da Polícia Militar do Paraná, Colégio Martinus Portão e *HappyCode* – Escola de Tecnologia e Programação para Crianças e Adolescentes.

A pesquisa exploratória compreendeu as etapas de levantamento da revisão de literatura e o estudo do estado geral da arte, e ainda, abrangeu o uso do questionário aplicado às crianças de 8 a 12 anos, via formulário físico ou *Google Forms*, com perguntas semiestruturadas para investigar como está se dando o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças.

Incluiu ainda a análise do conteúdo da entrevista realizada com um delegado da Polícia Federal do Paraná, autoridade em segurança pública e especialista em crimes na internet. Justifica-se a escolha de um delegado para a entrevista, pelo fato de ser uma autoridade que está em contato direto com os casos de negligência, danos e violência sofridos pela criança no acesso e uso das mídias digitais.

Inicialmente, a intenção seria realizar a entrevista com os próprios pais das crianças, no entanto, algumas observações foram criteriosamente analisadas, como: os pais que não fazem o acompanhamento do uso das mídias digitais pelos seus filhos, poderiam se sentir desconfortáveis ao admitir tal comportamento e omitir ou deturpar as informações, o que traria resultados adulterados e/o improcedentes para a pesquisa; da mesma forma, os pais que acompanham e orientam seus filhos acerca desse uso, poderiam também adicionar elementos que, muitas vezes, não acontecem na prática, descaracterizando os critérios de transparência e fidelidade das informações.

Os professores das escolas também poderiam ser entrevistados, mas da mesma forma, ao refletir sobre a postura e a prática observada por parte de alguns profissionais, pensou-se que aqueles que não utilizam as tecnologias com seus alunos, poderiam se sentir lesados e/ou constrangidos, omitindo ou desvirtuando dados e informações, o que também não seria relevante para a pesquisa.

Nesse sentido, a entrevista com o delegado caracterizou-se por ser mais adequada aos propósitos da pesquisa, visto que ele é um profissional neutro, que poderia contribuir com dados estatísticos reais e contextos diversificados de forma a possibilitar a ampliação do olhar nos mais diversos momentos, espaços, situações e ocorrências.

E assim, além da entrevista realizada com o delegado, como forma de finalizar o processo, incluiu-se ainda, a amostragem e a análise de dados por saturação, compreendendo questões que foram enviadas para especialistas da área da saúde, segurança e educação, para a validação do guia para pais.

A pesquisa descritiva compreende e norteia todo o processo de investigação para que haja fidelidade nas informações e, principalmente, para que haja significado, tendo o investigador a sensibilidade de levar em

consideração as experiências do ponto de vista do informador (BOGDAN; BIKLEN, 2013).

A análise dos dados coletados por meio das observações e registros é essencial para a construção gradativa das análises, pois neste percurso são validadas as observações, a seleção e a interpretação dos mesmos, delineando, assim, o processo dos estudos e também seus resultados.

Dessa forma, alguns critérios são primordiais para o sucesso da abordagem qualitativa, como a sensibilidade na organização e análise das informações, a relevância dos dados e informações coletados e as relações estabelecidas com todos os partícipes, para a construção de conhecimentos, referenciais e teorias. Como expressam Bogdan e Biklen (2013, p. 48), “[...] para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto, é perder de vista o significado”.

A fundamentação teórica foi realizada com base nos seguintes autores: Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013), Benjamin (2017), Bogdan e Biklen (2013), Coll e Monereo (2010), Dias (2016), Fantin e Girardello (2008), Kenski (2015), Kilbey (2018), Martino (2017), Moran, Masetto e Behrens (2015), Moran (2015), Santos (2015), Strasburger, Wilson e Jordan (2011), Tono (2017), e ainda, outros autores e documentos referenciais.

O percurso metodológico foi composto pelas seguintes etapas da pesquisa:

- a) Definição do tema da pesquisa a partir da revisão de literatura, realização das disciplinas no curso do mestrado, participação em eventos, orientações e formações diversas, e ainda, contato com a Organização não Governamental (ONG), Instituto de Tecnologia e Dignidade Humana, na figura da professora doutora Cineiva Campoli Paulino Tono. O tema definido foi: Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades, compreendendo a metodologia qualitativa e a análise dos dados pesquisados.
- b) Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades, compreendendo a metodologia qualitativa e a análise dos dados pesquisados.

c) Pesquisa por meio de um questionário semiestruturado para crianças com idade entre 8 e 12 anos, formulado com diversos contextos, abordando o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças, a faixa etária destas, o tempo de acesso, as formas de acesso, o acesso aos conteúdos, bem como a programas, aplicativos e redes sociais. A aplicação dos questionários aconteceu no período compreendido entre os dias 18 de junho de 2018 e 13 de julho de 2018, respeitando a organização de cada instituição de ensino. Foram distribuídas aproximadamente 280 autorizações, sendo que retornaram preenchidas e autorizadas um total de 215; apenas uma família não autorizou a realização da pesquisa com a criança. As demais autorizações não retornaram para a escola, dessa forma, as crianças que não trouxeram a autorização não participaram da pesquisa. No dia da aplicação do questionário, alguns estudantes que já estavam autorizados a participar não compareceram à escola, portanto, no resultado final da aplicação do questionário computou-se 186 crianças participantes. Este questionário foi um instrumento para coletar dados e informações a respeito das percepções das próprias crianças no uso das mídias digitais, sendo enviado para um determinado número de crianças de 4 escolas previamente selecionadas, considerando como critério fundamental que o público-alvo tivesse acesso às mídias digitais para o desenvolvimento da pesquisa (escolas já citadas anteriormente). Para isso, foram selecionadas escolas de diferentes iniciativas, públicas e privadas, sendo uma escola pública municipal de ensino fundamental I, uma escola pública estadual de ensino fundamental II, uma escola privada de ensino fundamental I e II e uma escola privada de tecnologia e programação. Foram coletadas as autorizações dos pais para que os alunos respondessem os questionários nas turmas específicas de cada escola. As turmas foram pré-selecionadas, de forma que nas diferentes escolas, crianças de diferentes faixas etárias participassem. Esta foi uma forma de abranger as diferentes faixas etárias em todas as escolas.

Portanto, as crianças cujos pais enviaram a autorização para a participação na pesquisa receberam o formulário com as questões semiestruturadas para respondê-las na própria escola.

- d) Análise dos dados obtidos por meio do questionário citado para crianças entre 8 e 12 anos de idade; para a análise, a organização e a categorização dos dados optou-se por realizar considerações baseadas nos critérios dos índices apontados pelas crianças, em consonância com a revisão de literatura.
- e) Realização de uma entrevista com um delegado da Polícia Federal do Paraná, especialista em crimes na internet. A entrevista abordou questões pertinentes aos dados e informações de casos de crimes que envolvem crianças, compreendendo a faixa etária entre 8 e 12 anos, os tipos de violência cometidos com a criança e, ainda, consequências que esses crimes geram na vida delas e de suas famílias, refletindo-se em riscos e danos emocionais, sociais, culturais e cognitivos.
- f) Análise de dados e informações a respeito da entrevista realizada com o delegado da Polícia Federal do Paraná, em consonância com a revisão de literatura, com os resultados obtidos com os questionários respondidos pelas crianças e, ainda, com as reflexões críticas e considerações do percurso da pesquisa.
- g) Produção de um guia de orientações aos pais acerca dos limites e possibilidades das interações da criança com as mídias digitais, para disseminar tais conhecimentos, sendo este o produto final da pesquisa. O guia teve como critérios de organização, principalmente, dados e informações relevantes que foram considerados no decorrer da pesquisa, valorizando a legislação vigente, dicas, curiosidades, dados estatísticos, conceito de infância, direitos da criança, dentre outros. É importante salientar que o guia é destinado para orientação aos pais de crianças com idade entre 8 e 12 anos de idade.
- h) Realização do processo de validação de dados do guia para pais, por meio de uma pesquisa enviada em formulário, via *Google Forms*, com questões semiestruturadas, para especialistas das

áreas da saúde, segurança e educação. As questões referidas perpassam pelas seguintes análises e reflexões: a apresentação visual do material, a relevância do tema abordado: interações da criança com as mídias digitais: um guia acerca dos limites e possibilidades, o conteúdo e a qualidade das informações, a linguagem utilizada e as interações com o(a) leitor(a), as contribuições dos cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança, sendo eles: o protagonismo infantil, o exercício da afetividade, o diálogo, o acompanhamento e controle parental e orientações acerca dos limites e possibilidades como forma de apoiar as famílias a possibilitarem interações saudáveis da criança com as mídias digitais, a recomendação e a distribuição deste material para as famílias de crianças com idade entre 8 e 12 anos, como forma de disseminar informações, dicas e sugestões aos pais e/ou responsáveis para o uso seguro, consciente e responsável das mídias digitais pelas crianças, e ainda, sugestões, ideias e outras considerações pertinentes.

- i) Compilação das devolutivas dadas pelos especialistas a respeito das questões do formulário abordando aspectos para análise e considerações sobre o guia para pais. Para isso, foi realizada a amostragem e a saturação de dados, compreendendo-os de modo a dar maior credibilidade aos resultados e ao percurso da pesquisa. Pressupõe-se, portanto, que nesse contexto, busca-se a repetição dos dados, a redundância das respostas, a intensidade, mas também se valoriza percepções que expressam leituras, análises críticas e reflexivas, observações e relações que se apresentam no percurso da pesquisa como relevantes.
- j) Reformulação do guia para pais, com alterações necessárias a partir das análises, reflexões e considerações realizadas a partir das respostas dos formulários respondidos pelos especialistas. Cabe salientar, que para a reestruturação do guia em sua versão final, não foram consideradas apenas as opiniões dos especialistas, mas principalmente, as percepções, os dados e informações em consonância com toda a pesquisa realizada,

resultando, portanto, num processo dialógico, significativo e qualitativo.

Na busca de dados relevantes, autores e pesquisadores que abordam o tema, foi realizado um estudo do estado da arte da pesquisa, contemplando os limites e as possibilidades das interações da criança com os recursos tecnológicos. Percebeu-se como sendo um tema de grande complexidade, que envolve olhar sensível e cuidadoso, com estudos pautados em critérios e percepções que valorizem a criança em seus tempos, espaços e direitos, de modo a garantir o acesso e o uso das mídias digitais de forma segura e ética.

Embora seja amplo o objeto de estudo e pesquisa por profissionais de diversas áreas, quando este passa a ser estudado enfatizando as mídias digitais e as interações da criança, o número de pesquisas apresenta-se significativamente reduzido, o que demonstra que este campo ainda é novo e desafiador, precisando de maior atenção, exploração e investimento.

Como forma de elucidar o processo a respeito do estado da arte, foram utilizados os seguintes procedimentos: inicialmente, buscou-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) como banco de teses e dissertações, e para abordar pesquisas mais específicas ao tema utilizou-se a busca avançada. Delimitou-se o período de teses e dissertações compreendendo as realizadas entre os anos de 2013 e 2018, justificando-se pelo fato de o tema ser muito recente e obviamente novo no contexto da infância. Além disso, como forma de possibilitar a busca, foi utilizada a correspondência de todos os termos, sendo realizadas várias tentativas de busca, conforme explicitado: Infância, tecnologias digitais, proteção. Proteção à infância na era digital. Criança e tecnologia digital. Tecnologia digital, proteção. Criança, risco, celular. O uso das tecnologias por crianças até 12 anos de idade. Interação, crianças, tecnologias digitais.

No entanto, todas as buscas foram sem sucesso, pois traziam pesquisas em contextos diversificados, ora específicos demais, abordando inclusive outras áreas que não enfocavam a educação, ora amplos e com poucas possibilidades de exploração. Em várias leituras realizadas observou-se a abordagem das tecnologias digitais no contexto de interações com a primeira infância, com

situações de saúde, cinema, relações entre agentes de formação, na escola e em hospitais, em estudos a distância, dentre outros.

Posteriormente, várias tentativas foram sendo realizadas como forma de buscar novas teses e dissertações, com frequências periódicas de aproximadamente quinze dias, visto que o sistema da biblioteca digital vai sendo alimentado gradativamente. Assim, mais uma vez foi realizada a busca de pesquisas, na mesma BDTD, com refinamento no idioma português, com as palavras educação e tecnologias, abrangendo o período de 2013 a 2018, sendo registrados 100 trabalhos. As pesquisas demonstraram contextos não expressivos para o foco, apresentando tipos de abordagem epistemológica, relações das tecnologias em programas de ensino, a tecnologia na área da saúde, olhares sobre as tecnologias para os cursos de licenciatura, pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, e ainda, teses e dissertações com focos específicos, regionais e para determinadas situações que não colaboram para a temática deste estudo.

Em outro momento, as palavras na busca da pesquisa foram alteradas para “educação, tecnologias, crianças”, sendo registradas 110 teses e dissertações e, nesse contexto, focos específicos novamente apareceram, como as tecnologias na educação infantil, questões documentais, redes sociais na vigilância e promoção da saúde, tecnologia e física, gênero e inclusão digital, dentre tantos outros. Cabe salientar que os assuntos e as áreas de conhecimento não foram limitados, portanto, não passaram por refinamento, pois o tema perpassa várias áreas do conhecimento, compreendendo assuntos como: educação, saúde e segurança.

Outra tentativa de pesquisa se deu em outro momento, sempre na mesma biblioteca digital, compreendendo o refinamento com os critérios de língua portuguesa, anos de 2013 a 2018, e abordando as palavras “educação, mídias digitais, criança, segurança”, sendo, portanto, substituído o termo “tecnologia” por “mídias digitais”. No primeiro momento, com a busca avançada, não foi identificada nenhuma tese ou dissertação. Então, reavaliou-se a busca e realizou-se a busca simples, utilizando apenas as palavras “educação, mídias digitais, criança, segurança”. Foram encontradas, então, 74 teses e dissertações compreendendo as palavras abordadas. No entanto, como a busca não refinou o ano, apareceram pesquisas com anos anteriores e não significativas para

serem consideradas na presente pesquisa. Justifica-se que os temas encontrados também tratavam de outras áreas do conhecimento e não apresentavam contribuições ao desenvolvimento e enriquecimento deste estudo. Foram identificadas teses e dissertações com referência aos arquivos digitais, informação, poder e segurança pública, segurança nuclear, educação e política na Educação de Jovens e adultos (EJA), estratégias da informação em saúde, tecnologia da informação entre estudantes de administração, dentre outros.

Dessa forma, investiu-se então na pesquisa bibliográfica, compreendendo livros publicados que foram sendo indicados e referenciados por professores do mestrado, colegas do curso, indicações em eventos dos quais a investigadora participou, pesquisas pela internet, abordando as interações da criança com as mídias digitais, valorizando a faixa etária entre 8 e 12 anos de idade, bem como os diferentes espaços de aprendizagem.

Um estudo que veio a colaborar com a abordagem da pesquisa foi referenciado em Tono (2017). O livro é parte da tese de doutorado da autora, que retrata os impactos das tecnologias na sociedade, estabelecendo reflexões e mecanismos acerca do acesso e do uso das tecnologias por crianças e adolescentes, bem como das políticas públicas educacionais. Ainda, estabelece ponderações voltadas, principalmente, para as dimensões dos riscos e efeitos nocivos do uso da internet, compreendendo resultados da pesquisa-ação, ações diagnósticas, interventivas e de proteção, priorizando em suas pesquisas os aspectos relacionados à saúde, como distúrbios, comorbidades, transtornos e outros quadros relacionados. Dessa forma, apenas parte deste livro é significativo para a pesquisa em questão, sendo que os aspectos de segurança e saúde são considerados fundamentais para as interações da criança com os recursos tecnológicos; no entanto, há uma lacuna eminente nos aspectos cognitivos, sendo estes, portanto, objetos de estudos e reflexões da autora.

Dias (2016) apresenta um breve histórico acerca da teoria da proteção integral e do desenvolvimento dos direitos humanos e fundamentais da criança e do adolescente, contemplando, ainda, seus direitos à expressão, à liberdade e à informação. Dessa forma, o autor contextualiza e valoriza os benefícios, oportunidades e riscos na internet para a infância no Brasil, compreendendo a inserção da informação digital de forma segura. Além disso, aborda problemas

relacionados à falta de políticas públicas como forma de prevenção e proteção integral da criança, sendo garantidos o acesso da criança à informação.

Outro livro que colaborou para o desenvolvimento desta pesquisa foi o de Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013). Os autores, em estudos e reflexões acerca da saúde física e mental, estilo de vida, educação, cultura e segurança, apresentam temas integrados à infância e à adolescência em diferentes contextos, em perspectivas que são estabelecidas por mudanças de comportamentos na era digital. As interações sociais e culturais são resultados de novos processos envolvendo conhecimentos e informações, o que se reflete em transformação, ampliando possibilidades e estabelecendo direitos humanos e valores éticos. Assim, o livro traz formas para compreender os impactos e os comportamentos que se estabelecem a partir do mundo digital.

Ainda, pensando na perspectiva de abordar a criança e as interações que se estabelecem com as mídias digitais, foram referenciados Wilson, Jordan e Strasburger (2011). Os autores retratam o contexto histórico, social e cultural das mídias digitais no cotidiano das crianças e adolescentes, estabelecendo relações de como eles usam e processam as fontes eletrônicas de informação e entretenimento. Ainda, apresentam estudos a respeito da mídia educacional, a família e a mídia, comerciais, sexualidade e a internet, ressaltando as influências que as mídias exercem sobre determinadas atitudes e comportamentos das crianças e adolescentes. Pesquisam, estudam e realizam reflexões frente às novas mídias e a interatividade, conhecendo limites da participação das crianças na busca por informações. Além disso, abordam questões latentes, como a média de tempo que as mídias digitais são utilizadas, frequência, regras e quais as experiências vivenciadas por crianças e adolescentes. Tais estudos e reflexões colaboram para a pesquisa desta dissertação, que também propõe revelar dados e informações a respeito dos hábitos, atitudes, influências e relações da criança com as mídias digitais.

Martino (2017) também apresenta contribuições significativas para os estudos do tema desta pesquisa, visto que compreende e enfatiza as relações entre os seres humanos conectados pelas mídias digitais. Aborda conceitos-chave para as mídias digitais, estabelecendo conceitos e definições que integram essa grande teia de conexões. Neste contexto, o autor apresenta explicações para buscar entender as mídias digitais e as relações com o

cotidiano; apresenta algumas das principais teorias das mídias digitais; apresenta também trabalhos de pesquisadores, debatendo ideias e temas, de forma a valorizar pontos de vista de cada teórico.

Kilbey (2018) traz contribuições pertinentes ao presente estudo ao perpassar temas que incluem o brincar e o uso das mídias digitais pelas crianças, os limites e riscos relacionados ao uso das tecnologias, bem como aborda considerações importantes e práticas aos pais para que saibam lidar com situações e peculiaridades no cotidiano das crianças. Considera-se este livro primordial para a presente pesquisa, visto que ele compreende a temática da relação da criança com o uso das mídias digitais desde a mais tenra idade, partindo do pressuposto de orientações e prevenção por parte dos pais, o que pode se refletir nos aspectos de saúde, segurança e desenvolvimento integral da criança. Um fato importante a ser considerado é que todos os depoimentos e acontecimentos relatados no livro são casos reais, o que torna os exemplos fidedignos e em consonância com a realidade de muitas famílias, que atualmente não conseguem lidar com as situações relacionadas ao uso das tecnologias pelas crianças, não conseguindo exercer o controle parental, ou, ainda, exercê-lo com limites e restrições.

Moran, Masetto e Behrens (2015) trouxeram em seu referencial considerações relevantes para a pesquisa, compreendendo o processo de ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias, bem como as mediações, interações, rumos e mudanças na educação, possibilidades e desafios. O olhar dos autores revela acentuada sensibilidade nos momentos de interações da criança com as mídias digitais. O diálogo se estabelece como forma de reflexões que possibilitam o exercício do uso das mídias digitais de forma consciente e responsável.

E como forma de estabelecer reflexões acerca do uso das mídias digitais pelas crianças, que atualmente as utilizam como forma de descobrir o mundo, vivenciar experiências e brincar, a leitura de Walter Benjamin (2017) também representou um percurso importante para o desenvolvimento desta pesquisa. O autor retrata a importância dos brinquedos e dos livros infantis para a criança, abordando elementos como a experiência, o cotidiano infantil, o desenvolvimento cognitivo, as vivências em comunidade, as possibilidades de escolha, decisões e convicções, a exploração da imagem, da linguagem e da

fantasia infantil, trazendo a experiência, memória e narratividade como conceitos centrais de sua filosofia. Dessa forma, esta pesquisa está sendo embasada em tão ricas contribuições por parte do autor.

Com base nos estudos realizados, verifica-se a necessidade de investimentos no tema Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações, limites e possibilidades, de forma a valorizar as interações, a segurança e a proteção, estabelecendo limites e estimulando possibilidades acerca do acesso e do uso dos recursos tecnológicos pelas crianças entre 8 e 12 anos de idade. Embora haja muitas discussões na mídia a respeito do tema abordado, várias informações são especulativas e não possuem dados relevantes com base em pesquisas científicas, justificando-se, assim, que ele seja aprimorado, de forma a estabelecer critérios efetivos de proteção à criança, frente ao uso das mídias digitais.

Como forma de estruturá-la, a dissertação foi organizada em seis capítulos, sendo o primeiro deles a introdução, que abrange o tema, o problema de pesquisa, hipótese, objetivo geral e objetivos específicos, metodologia, percurso metodológico da pesquisa e estado da arte das pesquisas, traçando, assim, um panorama a respeito do percurso da própria pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado Interações da criança com as mídias digitais, implica no olhar sensível e criterioso das experiências das crianças com as mídias digitais, percebendo-as em seus tempos e espaços, considerando que o uso dos recursos tecnológicos pelas crianças pode apresentar danos e riscos, como também pode possibilitar o desenvolvimento global da criança. Neste contexto, aborda a concepção de infância e o brincar, os brinquedos e suas formas de interação, os conceitos digitais na infância e a infância na era digital.

O terceiro capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa, compreendendo a metodologia abordada, suas etapas e as estratégias utilizadas.

O quarto capítulo trata da categorização e a análise dos dados, com reflexões acerca do questionário realizado com as crianças com idade entre 8 e 12 anos, da entrevista realizada com uma autoridade policial, especialista em crimes na internet e da validação dos dados e do guia para pais por meio da amostragem e saturação dos dados.

No quinto capítulo são considerados os indicadores de prevenção e segurança para elaboração do guia de orientações aos pais, contendo a estruturação, os critérios de seleção, os dados estatísticos relevantes, a legislação vigente e as reflexões críticas acerca do tema.

O sexto capítulo é composto pelas considerações finais, abordando aspectos positivos e negativos da pesquisa e suas limitações, compreensão crítica acerca do tema, contribuições para trabalhos futuros, bem como a avaliação dos resultados em consonância com os objetivos propostos.

Cabe salientar que como produto final da dissertação, apresenta-se o guia para pais. A primeira versão do guia para pais apresenta-se como um protótipo, com dados e informações constituídos a partir da pesquisa pela organização e caracterização da pesquisadora. A versão final, que é a definitiva, apresenta-se reformulada, com alguns ajustes pertinentes, apontados após a análise e validação de dados por parte dos especialistas, com considerações que trouxeram contribuições.

2 INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS

Neste capítulo será tratada a revisão de literatura, articulando conceitos, informações e análises com um olhar crítico e reflexivo a partir de diferentes autores, compreendendo as interações da criança com as mídias digitais em seus tempos e espaços.

As crianças vivem experiências e vivências que as estimulam em seu desenvolvimento pois é na interação com os demais sujeitos e com o próprio ambiente que elas vão construindo a sua identidade.

Quando o olhar do pesquisador se volta para a interação da criança com as mídias digitais, há de ser mais criterioso e cuidadoso, visto que, pela maturidade e desenvolvimento de cada uma, ela se encontra, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade, o que se reflete diretamente no seu desenvolvimento cognitivo, afetando as emoções, os sentimentos, as reações, os comportamentos, atitudes e hábitos.

Novas oportunidades aparecem, trazendo benefícios e vantagens e dissolvendo barreiras geográficas, culturais e tantas outras, vaporizando diferenças sociais e penetrando barreiras políticas, superando expectativas e certezas tecnológicas em um mundo globalizado e cada vez mais conectado. (ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON, 2013, p. 12).

As mídias digitais podem, então, contribuir para o desenvolvimento global da criança, favorecendo as habilidades de interpretação, comunicação e expressão, funções cognitivas, estímulo do raciocínio, exercitando, ainda, a memória e a criatividade. Em contrapartida, as mídias digitais também podem oferecer riscos e danos à saúde da criança (física e emocional), ao seu desenvolvimento cognitivo e à sua própria segurança.

Por fim, é importante voltar o olhar para as crianças nos momentos de interações delas com as mídias digitais, sendo o adulto a primeira referência para a criança, constituindo exemplo com disciplina, discernimento e responsabilidade. Por isso, é importante que ele estabeleça limites saudáveis no uso cotidiano das mídias digitais, para então espelhar e incentivar o exercício do equilíbrio e autoconfiança para influenciar no desenvolvimento da maturidade na criança, do discernimento para que possa agir com prudência e de competências

estratégicas para que possa usufruir dos recursos digitais de forma ética, segura e emancipadora.

2.1 UM OLHAR PARA A CRIANÇA EM SEUS TEMPOS E ESPAÇOS

No decorrer da história da humanidade, é possível observar que a criança vem sendo tratada como um adulto em miniatura, tendo responsabilidades quando assim convém aos adultos, direitos feridos pela falta de voz e vez para participar ativamente da convivência num espaço democrático, e ainda, tendo espaços e tempos restritos, o que interfere em seu processo de aprendizagem e socialização.

A infância tem adquirido significados diferenciados em decorrência das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que marcam cada sociedade e diferentes tempos e espaços. Isso significa que a ideia de infância não é estática, ela se constrói e se modifica na prática social e está relacionada às formas de se olhar a criança. (CURITIBA, 2006, p. 16).

Olhar a criança como um sujeito de tempos e direitos, que tem sentimentos, emoções, desejos e faz parte de uma cultura, significa admitir que ela tem, sim, conhecimento, tem cultura e tem história. Isso implica compreender que “[...] as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (BRASIL, 1998, p. 21).

Os princípios da criança estão sempre pautados no despertar para a alegria, no despertar da criatividade, das emoções e de tudo aquilo que lhe atribui esperança e prazer. Brincar, explorar e interagir possibilitam a cada criança uma experiência única, singular e particular. E a partir dessas experiências é que se constrói e se harmoniza a identidade de cada um, com anseios, desejos, vontades e o brilho nos olhos para sentir e fazer acontecer.

Não é em vão que Benjamin (2017, p. 57) retrata a felicidade do brincar pela criança:

Toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento da situação primordial da qual ela tomou o impulso inicial [...] A criança precisa saborear, sempre de novo e da maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias. Assim, volta a criar para todo o fato vivido, começa mais uma vez do início.

Santos (2015, p. 228) afirma que Benjamin aponta a “[...] experiência como um problema oriundo do conflito geracional, uma crítica aos adultos que subestimam a capacidade da juventude – e também das crianças – no intercambiar das próprias experiências”.

Portanto, perceber e respeitar a infância das crianças, compreendendo-a com toda a diversidade que representa, de forma histórica, social e culturalmente, transita por entre os campos de experiências, valorizando a infância de direitos. No entanto, direito legal não garante uma infância de direito efetivo pois, na prática e na sociedade em que vivemos, há ainda muitos desafios para as crianças que vivem abandonadas, em situação de violência ou negligência.

Assim, a criança que se encontra neste contexto tem seu primeiro direito violado, conforme consta no Art. 7º do cap. I da Lei nº 8.069, de 13/07/1990: “A criança e o adolescente tem direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (BRASIL, 2013, p. 14).

Pensar a infância atualmente implica ainda conhecer outras formas de violação de direitos da criança, principalmente, o direito de proteção integral. Significa também conhecer a realidade em que as crianças se encontram imersas no mundo digital, fazendo uso das mídias sem qualquer critério ou fatores de proteção, sem segurança, sem orientação e sem acompanhamento parental, o que também impossibilita viver a infância do brincar, das fantasias, das experiências e das vivências.

Assim, há de se buscar olhar com sensibilidade para valorizar e garantir a infância, assegurados os tempos, espaços e direitos em seu processo de desenvolvimento cognitivo, social, histórico e cultural. “É essa criança que precisa ter espaços e condições de constituir-se no direito que tem de ser criança e de viver a sua infância de modo pleno” (CURITIBA, 2006, p. 20).

Conforme ressaltam Strasburger, Wilson e Jordan (2011, p 50), “[...] muitas são as implicações na interação da criança com a mídia, mas o que há de mais importante nesse processo, é o fato de que a cada experiência nova, a criança armazena mais informações de formas altamente organizadas na memória”.

Dessa forma, os conhecimentos prévios vão se difundindo às novas experiências, consolidando novas aprendizagem e, portanto, uma nova condição social e cultural.

2.2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O BRINCAR

O universo de cada criança é inundado com interesses que despertam a imaginação, o faz-de-conta, o prazer, o lúdico, as emoções e a criatividade; então, em consonância encontra-se a infância e o brincar. Conforme Benjamin (2017, p. 49), “[...] as manifestações na vida infantil não pretendem outra coisa senão conservar em si os sentimentos essenciais”. E esses sentimentos se conservam e se constroem no momento do brincar.

Desde pequena, a criança é educada em um determinado meio cultural familiar, onde adquire conhecimentos, hábitos, atitudes, habilidades e valores que definem a sua identidade social. A forma como se comporta dentro e fora de casa são resultado do poder educacional da família e do meio em que vive. (KENSKI, 2015, p. 19).

Brincar e ser criança significa, portanto, ser partícipe e protagonista de suas próprias aprendizagens, pois se essa identidade vai se constituindo na interação com os outros, com os tempos e espaços, resulta em possibilidades de apropriação de conhecimentos, o que gera desenvolvimento.

Para Kilbey (2018, p. 34), “[...] ‘brincar é crucial para o desenvolvimento de uma criança, pois quando brincam, as crianças aprendem a brincar e melhoram a brincadeira, por isso, é vital que tenham oportunidade de desenvolver sua brincadeira criativa, imaginativa e social”.

Oliveira (1993, p. 66) retrata o pensamento de Vygotsky quando explicita que “[...] para brincar, a criança comporta-se de uma forma mais avançada do que nas atividades da vida real, o que determina que ela aja sobre o mundo imaginário e estabeleça significado”. Assim, brincar sustenta as interações que estimulam o desenvolvimento.

Portanto, é no momento da brincadeira que a criança interage com o mundo à sua volta, experimenta sensações, cria e transforma. Mas nem sempre a brincadeira e a infância foram vistas de forma sensível e atenta. “Demorou muito até que se desse conta que as crianças não são homens ou mulheres em dimensões reduzidas, isso ocorreu no século XIX” (BENJAMIN, 2017, p. 86).

Benjamin argumenta que “[...] se as crianças devem tornar-se um dia sujeitos completos, então não se pode esconder delas nada que seja humano” (p. 87).

A compreensão da infância realmente vem passando por novos olhares e novas concepções. Ressalta-se a importância de a criança vivenciar um cotidiano com brincadeiras, pois são elas que possibilitam as oportunidades de aprendizagem, socialização e desenvolvimento. São as brincadeiras que estimulam as interações e é no momento do brincar que se exercita a sensibilidade infantil.

É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam na construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. (BENJAMIN, 2017, p. 58).

Nesse mundo de encanto, imaginação e faz-de-conta, é importante também considerar o brincar a partir da expectativa da própria criança, pois, muitas vezes, é o adulto que caracteriza o contexto do brincar, a seleção dos brinquedos, e ainda, define os espaços e os tempos de forma limitada aos seus próprios anseios ou interesses.

Portanto, a experiência, caracterizada por Benjamin (2017) como algo carente de sentido e espírito, deve ser estimulada no cotidiano da criança, visando a vivência, o experimentar, a frequência e a repetição, que proporcionam prazer, de forma que a criança possa ressignificar suas interações e o próprio brincar.

Moran (2015, p. 27) também aborda a experiência afirmando que:

De tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa, podemos extrair alguma informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista.

Lemos (2015, p. 17) também ressalta que “[...] as novas tecnologias tornam-se vetores de experiências, tanto no sentido de arte, do belo, como no sentido de comunhão, de emoções compartilhadas”. E compartilhar experiências representa aprender a aprender, exercitar o seu saber e dar-se a conhecer.

E assim novos pontos de vista vão surgindo a partir das interações que a criança estabelece, construindo novas hipóteses, realizando tentativas e

aprimorando aprendizagens já consolidadas, o que determina novos olhares, conceitos e conhecimentos. Dessa maneira, as experiências do brincar reforçam a concepção de que aprender brincando, além de ser mais prazeroso para a criança, é mais significativo.

2.3 OS BRINQUEDOS E AS SUAS FORMAS DE INTERAÇÃO

Ao brincar, a criança se envolve em diferentes ambientes, contextos, tempos e com recursos alternativos. Antes do século XIX surgiram as primeiras oficinas de brinquedos, que traziam estilo e beleza em circunstâncias únicas que eram nelas exploradas, portanto, não eram brinquedos feitos por fabricantes especializados (BENJAMIN, 2017).

Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais. Os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. (BENJAMIN, 2017, p. 92).

A partir desse olhar, é possível perceber que a criança tem seu jeito próprio de conceber e explorar os brinquedos e que quanto mais bonitos e ideais sob o ponto de vista do adulto, menos funcionais e atraentes eles se tornam para as crianças. Assim, justifica-se o fato de que qualquer objeto pode representar um brinquedo para a criança, transformando-se em tudo o que ela puder imaginar, criando contextos que imprimem marcas e sentimentos.

Benjamin (2017, p. 100) enfatiza que:

O brinquedo é condicionado pela cultura econômica e, muito em especial, pela cultura técnica das coletividades. Mas, se até hoje o brinquedo tem sido demasiadamente considerado como criação para a criança, quando não como criação da criança, assim também o brincar tem sido visto em demasia a partir da perspectiva do adulto, exclusivamente sob o ponto de vista da imitação.

Dessa forma, o autor apresenta um olhar crítico para os adultos, que, frustrados diante de suas experiências, põem-se a obstar as experiências infantis. Benjamin (2017, p. 102) assevera ainda: “[...] a essência do brincar não é um fazer como se, mas um fazer sempre de novo”.

Isso nos remete a olhar nos diferentes contextos da sociedade e perceber que, independentemente da classe social, cultural, econômica ou outras peculiaridades, o brinquedo é capaz de transformar qualquer brincadeira,

criando contextos imaginários e reais. E nesse âmbito, atualmente, pode-se compreender que os recursos digitais também podem estar sendo utilizados pelas crianças como brinquedos, visto que vêm substituindo momentos do brincar e de contextos de interações.

O acesso e o uso frequente dos aparelhos tecnológicos e das mídias digitais pelas crianças denotam uma preocupação ainda muito tímida na sociedade e nas famílias, visto que as pessoas não perceberam a seriedade do problema, já que são várias as implicações que atingem as crianças na faixa etária entre 8 e 12 anos de idade.

Portanto, os riscos estão evidentes, sendo experimentados diariamente por crianças, que vem desenvolvendo dificuldades, problemas e transtornos diversos, relacionados à saúde, à educação e segurança. Informações estão sendo disponibilizadas às crianças num ritmo desenfreado, sem critérios de seleção e, principalmente, de forma explícita em recursos tecnológicos digitais que fazem parte do cotidiano delas, estando sempre à mão, ou seja, as crianças estão fazendo uso de todo tipo de informação, seja ela boa e produtiva ou ruim e insuficiente, e ainda, por vezes, prejudicial.

Compreende-se, portanto, a necessidade de um olhar sensível e humanizado para as crianças em seus momentos de interações com as mídias digitais, estabelecendo respeito, diálogo, e oportunizando o protagonismo infantil. E a responsabilidade em fortalecer os vínculos, orientar e propiciar bons hábitos digitais para as crianças depende dos pais e/ou responsáveis, mas também da escola e da parceria da sociedade, que precisa incluir as crianças em uma cidadania digital.

E para a inclusão digital das crianças é preciso “dinamizar as interações, as trocas, a busca, os resultados. A afetividade propicia isso, facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união e multiplica as potencialidades” (MORAN, 2015, p. 18). Assim, torna-se visível o papel da afetividade como fator determinante na relação que as crianças estabelecem com as mídias digitais.

Martino (2017, p. 40) aponta que:

As relações, os relacionamentos e a própria atividade mental operam a partir de uma contínua intersecção digital. Por conta disso, nosso pensamento, assim como nosso relacionamento com a realidade e com os outros seres humanos, é, ao menos parcialmente, adaptado à lógica das mídias digitais.

E se, nesse mundo digital, as relações familiares encontram-se fragilizadas, os vínculos pessoais expostos e a afetividade já não encontra lugar disponível para fazer morada, as crianças também se encontram, então, expostas e vulneráveis, cabendo à sociedade como um todo resgatar e valorizar o diálogo, as relações interpessoais, as interações e o exercício do afeto.

Conforme ressalta Eisenstein (2013, p. 214),

[...] o abraço, o olho no olho, o toque do afeto no convívio diário vão fazendo uma enorme falta na construção do amor. Assim, em vez de as tecnologias simplificarem a comunicação em uma ponte social entre abismos familiares, acabam tornando-se um pantanal de ruídos, imagens e mensagens que são entrecortadas, mal interpretadas, confusas ou mesmo muitas vezes nem entendidas!

Então, justifica-se a importância da sociedade em constituir e fortalecer os elos para a construção (ou reconstrução) da ponte social, para que as crianças não necessitem viver em abismos cheios de ruídos, que as maltratem a ponto de serem atingidas por danos irreversíveis à saúde, segurança e educação. Estes podem não apenas representar fracassos, mas principalmente, a perda da dignidade humana e da cidadania digital, a perda de acreditar e ter esperança, viver, interagir e ser.

Por isso, “[...] educar para a inovação e para o exercício da cidadania digital implica mudanças, compreendendo aspectos cognitivos, éticos, políticos, científicos, cultural, lúdico e estético, em toda a sua plenitude”. (KENSKI, 2015, p. 67). Que as mudanças possam, então, ressignificar as relações pessoais, resultando em parcerias que estimulem o uso consciente e responsável das mídias digitais, estimulando habilidades e potencialidades, preparando as crianças para que sejam protagonistas nesse processo.

2.4 OS CONCEITOS DIGITAIS NA INFÂNCIA

Várias são as formas da criança brincar, interagir, explorar e se apropriar dos recursos tecnológicos na infância. “O aprender está relacionado ao desenvolvimento humano e, nesse sentido, as crianças podem encontrar nas

tecnologias boas oportunidades para a aprendizagem.” (PORTUGAL, 2013, p. 21).

Estamos vivenciando o cibridismo (cyber + híbrido – o corpo biológico integrado às plataformas digitais), termo utilizado pelo pesquisador, arquiteto e escritor americano Peter Anders, para explicar o fato de, segundo ele, estarmos habitando dois mundos simultaneamente, o que possibilita elementos da virtualidade no cotidiano, mas permite também a experiência de estar entre as redes: on e off-line (FAVA, 2014, p. 83).

Compreendendo o acesso e o uso dos recursos tecnológicos digitais, observa-se um aumento expressivo destes por parte das crianças, que vêm interagindo com espaços e tempos que lhe são novos, oportunos, ricos e repletos de possibilidades, o que não necessariamente acontece, pois essas relações se estabelecem a partir da forma como as tecnologias são utilizadas e do modo como a criança interage a partir dos seus conhecimentos, maturidade e experiência.

Há diferentes maneiras para a utilização de termos que podem compreender e enriquecer os conceitos e o vocabulário infantil no que diz respeito ao mundo digital.

Um dos conceitos principais para se compreender as mídias digitais é a noção de informação. Embora no uso cotidiano essa palavra seja usada às vezes como sinônimo de “comunicação” ou mesmo de “conhecimento”, no estudo das mídias digitais ela tem um significado específico. Em linhas gerais, a informação pode ser entendida como qualquer dado novo que aparece em um sistema. (MARTINO, 2017, p. 24).

Martino (2017, p. 211) ainda ressalta: “[...] as mídias digitais não podem ser reduzidas a um único objeto. Trata-se de uma pluralidade de aparelhos, ferramentas, dispositivos e acessórios, fixos ou móveis, acoplados ou não diretamente aos seres humanos”.

Essas ferramentas e dispositivos podem ampliar as possibilidades na comunicação para o desenvolvimento da criança, então, é importante ter a compreensão de que os aparelhos e recursos tecnológicos, podem se apresentar das mais variadas formas.

Pela abrangência e variedade de objetivos no uso das TICs, seria muito difícil elaborar uma descrição exaustiva e fechada. Isso porque elas percorrem todos os ramos da atividade humana e se multiplicam em aplicações específicas. (GARCIA, 2018, p. 35).

E Garcia (2018, p. 35) argumenta: “as tecnologias da informação e comunicação, são tecnologias que geram, gerenciam, enviam partilham a informação, bem como visam armazenar e recuperar, processar, calcular, elaborar conteúdos”. Nas interações com as tecnologias, a criança pode dar sentido ao seu desenvolvimento cognitivo, constituindo experiências e novos conhecimentos.

Antes de avançarmos, queremos deixar claro que o termo ‘tecnologias e mídias digitais’ traduz a necessidade de compreendermos, neste momento histórico, cultural, econômico, científico e tecnológico que toda mídia apresenta ou se apoia numa tecnologia que, hoje, é digital (digitalizada). (HAGEMeyer; SÁ; GABARDO, 2016, p. 160).

Portanto, mesmo os conceitos digitais sendo específicos e, ao mesmo tempo, amplamente utilizados e nomeados, salienta-se que no percurso da pesquisa, o termo escolhido para tratá-los como um todo, refere-se às “mídias digitais”, podendo ser utilizados também palavras similares, como recursos tecnológicos, recursos digitais, tecnologias digitais, tecnologias da informação e da comunicação, dentre outros.

As mídias digitais podem se apresentar como agentes facilitadores para o desenvolvimento das diferentes linguagens da criança, nos espaços e ambientes em que encontra-se e nas relações que estabelece.

Kenski (2015, p. 21) ressalta que “[...] a evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos e transforma a maneira de pensar, sentir e agir dos homens”.

Então, a infância também vem se modificando, pois na era digital, as mídias digitais por meio da internet, dos aplicativos, da robótica, dos *blogs*, dos *games*, *sítes* e outros vêm substituindo os tempos e os espaços de muitas crianças, redefinindo posturas, atitudes e hábitos.

Para Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013), “[...] as relações cada vez mais se realizam nas redes, em contatos síncronos e assíncronos, dependendo das possibilidades e das necessidades. Com as dificuldades contemporâneas, a vida na praça virtual trouxe novo alento a muitas relações sociais que fundou uma nova maneira de socialização”.

Fava (2014, p. 83) cita Martha Gabriel como escritora e palestrante, que defende que: “[...] as redes sociais têm a ver com pessoas, relacionamento entre

peças, e não com tecnologias e computadores. Tem a ver com como usar as tecnologias em benefício do relacionamento social.”

Ao fazer uso das mídias digitais, a criança participa e se relaciona, interagindo em diferentes contextos, que são influenciados e influenciadores, compreendendo as redes sociais, os aplicativos, os *blogs*, os *games*, os diferentes dispositivos e *softwares*, a internet e outros programas e ferramentas.

Lévy (2011, p. 137) também trata da herança de métodos e as tecnologias para além do sujeito e do objeto, afirmando que “[...] a inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos”.

E nesse processo de apropriação do conhecimento, “os recursos digitais são mediadores culturais”, instrumentos cognitivos que inter-relacionam a cognição individual com o conhecimento que circula nas redes. (VIGOTSKI, 1998).

A evolução das mídias digitais por meio da internet merece um olhar cuidadoso, visto que trouxe acesso à determinadas informações e relações à criança, que antes não existiam.

Salienta Dias (2016, p. 218),

A utilização da Internet é a migração de determinadas relações, ou seja, situações fáticas são transportadas para o mundo virtual, conforme ocorre em muitos embates de direitos fundamentais ligados à comunicação na infância.

Há portanto, informações plurais ao acesso da criança e, numa velocidade acelerada, multiplicando possibilidades, informações e interações, que nem sempre são utilizadas de forma a colaborar para o desenvolvimento dela. Justifica-se, a proteção da criança na constituição, pois a ela podem ser apresentadas informações que nem sempre conduzem a interações saudáveis e, dessa forma, há de se minimizar os impactos, danos e riscos que possam surgir.

Independente do meio, ferramenta, conceito ou qualquer nomenclatura que aborde os recursos tecnológicos digitais, a criança ainda encontra-se em fase de desenvolvimento, e assim, a sensibilidade, o cuidado e a proteção lhe são fundamentais para o exercício do uso seguro e responsável.

2.5 A INFÂNCIA NA ERA DIGITAL

Historicamente, os conhecimentos são construídos na relação com o outro, de forma humanizada, com empatia e solidariedade. Conforme Vygotsky (1998, p. 60), “[...] o desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e na relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, e é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual”.

De acordo com Hagemeyer, Sá e Gabardo (2016, p. 68), “[...] o objeto das relações sociais não é o indivíduo, mas a rede de relações das quais esse indivíduo participa”. Mais uma vez, as interações permeiam todas as relações, incluindo, a partir do século XX, as relações com as mídias digitais.

Com a chegada das tecnologias da informação e da comunicação, “[...] sendo estas marcadas pelo uso de telefone celular (1990) e quando foi implantada a Internet no Brasil (1995)” (EISENSTEIN, 2013), as formas de interações, aprendizagens e conhecimentos vêm se modificando com tamanha rapidez e magnitude que replicam contextos sociais e culturais que antes não poderiam ser observados.

Dessa forma, Tono (2017, p. 111) afirma que “[...] a introdução e o uso das tecnologias de informação e comunicação nas atividades humanas modificou a dinâmica dos processos de comunicação de maneira ilimitada, espacial e temporalmente”.

O crescente dispêndio de tempo destinado ao uso das tecnologias da informação e comunicação na atualidade em todos os setores da atividade humana, eleva o número de pessoas sujeitas a desenvolver algum tipo de problema da saúde física, na saúde mental, nos processos cognitivos, na sexualidade, na sociabilidade, na segurança e em outras esferas da vida humana, principalmente em se tratando de crianças sem a devida orientação e acompanhamento para o uso responsável e seguro destas tecnologias. (TONO, 2017, p. 112).

Assim, os conhecimentos construídos pela inovação das mídias digitais provocam impactos na história da humanidade, visto que na ansiedade pela busca de informação, no uso desmedido das mídias digitais, na perda de tempo, na falta de foco, de atenção e concentração e também na expansão de multitarefas, as crianças vêm substituindo a infância do brincar pela infância da distração e, diga-se, distração sem interação e sem diversão, sem qualidade, sem criatividade e imaginação.

Nesse âmbito, “[...] a criança também é educada pela mídia. Aprende a informar-se, a conhecer, a sentir, a fantasiar, a relaxar, viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A mídia educa enquanto estamos entretidos” (MORAN, 2015, p. 50). E aí se instala um grande problema: quando a criança não é acompanhada nesse momento de interação com as tecnologias digitais por um adulto que lhe oriente e acompanhe seus percursos e incursões, pode se tornar suscetível e fragilizada, deparando-se com a falta de segurança.

O uso saudável e seguro das mídias digitais pelas crianças é contemplado na legislação do Marco Civil da Internet, que é a lei que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil, ressaltando que é algo que deve ser propiciado a elas, possibilitando, ainda, que seja garantido, dessa forma, o direito de acesso à internet, como forma essencial ao exercício da cidadania, conforme o artigo 7º da Lei nº 12.965/2014, sendo assegurada a “XII - acessibilidade, consideradas as características físico-motoras, perceptivas, sensoriais, intelectuais e mentais do usuário, nos termos da lei”.

O acesso das crianças às mídias digitais aprimora suas capacidades de armazenamento e processamento das informações, valorizando a sociedade do conhecimento. No entanto, ao mesmo tempo exige a presença de um adulto, que deve compreender ser ele o responsável pelos principais fatores de proteção à infância, com orientações, acompanhamento e controle parental, com firmeza, concomitantemente.

Conforme Dias (2016, p. 48) ressalta, “[...] a efetivação dos direitos de crianças e adolescentes deve ter orientação, momento em que se agrega a essa sistemática alguns princípios, a começar pelo melhor interesse da criança”.

Ainda, Tono (2017, p. 148) alerta os pais e responsáveis:

Quanto à responsabilidade que possuem acerca da garantia de proteção das crianças na era digital, de modo a desenvolver valores humanos e sociais para as futuras gerações, superando a frieza das relações preponderantemente materializadas por dispositivos tecnológicos.

Muitos são os comportamentos que foram observados e registrados por pesquisadores a respeito do uso das mídias digitais pelas crianças, compreendendo aspectos relacionados à saúde, segurança e educação.

Além do aprendizado dos comportamentos sociais de comunicação e a construção da teia de novos relacionamentos, durante a progressão do desenvolvimento social são transmitidos valores e princípios que irão nortear as condutas morais e éticas de cada indivíduo em sociedade. Tem-se aqui a moral como conjunto de regras e deveres que fazem parte do padrão mais aceito no grupo social, e a ética como o conjunto de valores de existência e modelos de vida [...] (EISENSTEIN, 2013, p. 215).

Como apontam Silva e Lima (2017, p. 56) na pesquisa TIC Educação, realizada sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, “[...] o uso das tecnologias digitais promove práticas socioculturais que incidem diretamente nos processos de aprender e na sua cognição”. E, nessa mesma pesquisa, as autoras ressaltam que “[...] a cognição individual se relaciona com a cognição social, que é distribuída pelos recursos digitais, e ambas se desenvolvem em um processo aberto e indefinido, como numa espiral”.

Basta olhar o entorno de nossa sociedade para verificar que as inovações tecnológicas trouxeram sucessos, aprendizagens, conhecimentos, produtividade e desenvolvimento, mas em contrapartida, em função delas podem emergir danos, riscos e fragilidades.

“Para as crianças, que ainda encontram-se em processo de desenvolvimento e de amadurecimento intelectual” (TONO, 2017, p. 57), são mais latentes os riscos e danos, as fragilidades, insucessos e temores, ocasionando prejuízos no processo de desenvolvimento, com perdas efetivas que podem causar danos irreparáveis na formação para a vida. Portanto, daí surge a necessidade de que a sociedade ampare não apenas legalmente as crianças, mas faça uso de outros instrumentos que garantam segurança, saúde e educação.

Conforme Bacich, Neto e Trevisani (2015, p. 173) indicam, “[...] as mudanças de paradigmas vindos da modernidade acabaram por engendrar necessidades e posturas mais críticas e profundas do ser humano em formação”.

E as nossas crianças, compreendendo a faixa etária de 8 aos 12 anos de idade, encontram-se em formação corporal, mental, emocional, social e cognitiva, necessitando de olhares sensíveis, mas, principalmente, que os adultos as acolham e atuem com competência no acompanhamento da infância.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada para a pesquisa, em consonância com os autores referenciados, o percurso da metodologia, compreendendo as etapas que foram realizadas e os dados relevantes indicativos do contexto, tempos, critérios e informações relevantes.

A pesquisa investigou a infância e o acesso da criança com idade entre 8 e 12 anos às mídias digitais e pretende identificar como está o desenvolvimento infantil no mundo digital, partindo do pressuposto que o uso das mídias digitais pela criança deve apresentar limites e possibilidades. Apresenta como resultado a produção de material didático instrucional como produto educacional tecnológico, sendo um guia de orientações aos pais acerca do acesso e uso das mídias digitais pelas crianças, compreendendo os cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança (abordados no capítulo 5). Eles representam formas alternativas para o acompanhamento e orientações aos pais, como: o protagonismo infantil, o exercício da afetividade, o diálogo, o acompanhamento e controle parental e as orientações acerca dos limites e possibilidades. Caracterizam-se ainda, num processo dialógico, com estímulo à maturidade e discernimento da criança, nos limites da sua proteção, para a apropriação de conhecimentos.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa é de natureza exploratória descritiva, numa abordagem qualitativa, visto que no contexto da pesquisa se estabelecem as relações históricas, sociais, culturais, políticas e educacionais (BOGDAN; BIKLEN, 2013).

Considerando o percurso da metodologia proposto, a pesquisa em sua natureza exploratória compreende as etapas de levantamento da revisão de literatura e o estudo do estado geral da arte, e ainda, abrange o questionário, aplicado às crianças de 8 a 12 anos, via formulário físico ou *Google Forms*, com perguntas semiestruturadas para investigar como está se dando o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças. Aborda a análise do conteúdo da entrevista realizada com a autoridade em segurança pública a partir de questões semiestruturadas e, posteriormente, a produção de um guia de orientações aos pais das crianças de 8 a 12 anos de idade, acerca do acesso e uso das mídias digitais, além do questionário semiestruturado, via *Google Forms*, apresentado

à especialistas das áreas da saúde, da segurança e da educação, para apreciação, leitura, análise e considerações, de forma a validar os dados e informações do guia para pais.

Na pesquisa de natureza qualitativa, as questões analisadas são determinadas por algumas características, que podem ser compreendidas em maior ou menor profundidade, conforme apontam Bogdan e Biklen (2013): na investigação qualitativa a fonte de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal (p. 47); a investigação qualitativa é descritiva, portanto, os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números (p. 48); o processo é mais importante do que simplesmente os seus resultados ou produtos (p. 49); a análise dos dados se dá de forma mais indutiva, de modo a se construir um quadro à medida que se recolhem e examinam as partes (p. 50); o significado é de importância vital na abordagem qualitativa, destacando-se as perspectivas dos participantes (p. 50).

Embora a pesquisa envolva alguns dados numéricos, não se caracteriza como quantitativa, visto que a natureza do conteúdo é mais relevante do que alguns números que apenas representam contextos para indicar e contextualizar como está se dando o acesso e o uso das mídias digitais pela criança.

A pesquisa se sustenta ainda como qualitativa por apresentar características que nortearam o decorrer do percurso, partindo de sua fonte inicial de investigação que é o ambiente natural e, nesse caso, são 4 escolas previamente selecionadas, considerando como critério fundamental que o público-alvo tenha acesso às mídias digitais em seu cotidiano.

Para isso, buscou-se selecionar escolas de diferentes iniciativas e com diferentes públicos-alvo, compreendendo escolas públicas e privadas, sendo uma escola pública municipal de ensino fundamental I, uma escola pública estadual de ensino fundamental II, uma escola privada de ensino fundamental I e II e uma escola privada de tecnologia e programação para crianças.

As escolas aceitaram inicialmente o convite para a participação na pesquisa, no entanto, quando houve contato para a realização do questionário com as crianças, uma das escolas, da iniciativa pública municipal de Curitiba, não aceitou mais participar, alegando estar com o quadro de profissionais defasado, o que implicaria na falta de acompanhamento no decorrer da pesquisa. Assim, logo se realizou o convite a outra escola, que aceitou participar

e corresponder às etapas da pesquisa. As escolas que participaram e se envolveram no processo da pesquisa foram duas escolas públicas e duas escolas privadas.

Como forma de adequar o questionário a ser realizado com as crianças na faixa etária entre 8 e 12 anos de idade, realizou-se previamente alguns exercícios em forma de testes com a filha da pesquisadora, de 10 anos de idade. Conforme foi-se observando o grau de compreensão dela, as dificuldades apresentadas no entendimento das perguntas e a forma do preenchimento do questionário, as perguntas foram sendo reestruturadas. Uma questão pertinente observada pela pesquisadora foi o fato de o termo “mídias digitais” não apresentar sentido claro e objetivo, o que a fez alterar o termo para “tecnologia ou recursos tecnológicos”, apenas para ser compreendido o objeto do questionário. Cabe salientar que, no decorrer da pesquisa, ambas as nomenclaturas foram utilizadas, sendo, por vezes, o termo “mídias digitais” mais fortemente identificado e citado, por ser mais usual nas referências utilizadas.

Para a aplicação da pesquisa às crianças, foi priorizado o ambiente escolar, sendo este também o espaço para a aplicação do questionário (APÊNDICE A), pois foi uma maneira de fidelizar as informações dadas pelas crianças, no sentido de não haver influências por parte dos pais ou responsáveis.

Para esse momento, inicialmente solicitou-se acompanhar as crianças de forma a tornar a pesquisa mais fidedigna possível e sem qualquer consideração de terceiros, no entanto, por questões de organização e logística das escolas, houve a solicitação, por unanimidade, de que os próprios professores aplicassem o questionário, visto que isso facilitaria a organização de horários, espaços e do próprio exercício da pesquisa.

Outro fator relevante nesse percurso foi a criação de um critério para distribuir os questionários, adequando o número de estudantes à faixa etária, de forma que todas as idades fossem contempladas de maneira similar, visto que os interesses voltados para o acesso e uso das mídias digitais são diferenciados. Esse dado pode parecer, à primeira vista, algo insignificante, no entanto, é uma forma alternativa para qualificar os resultados, compreendendo os sujeitos da pesquisa em suas especificidades, respeitando, portanto, uma das características da pesquisa qualitativa:

Questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências, e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem. (PSATHAS, 1973 apud BOGDAN; BIKLEN, 2013, p. 51).

O questionário, aplicado pelos próprios professores das turmas selecionadas, teve como pressuposto a observação de algumas recomendações: que fosse aplicado somente às crianças com as devidas autorizações preenchidas pelos pais, que as crianças tivessem entre 8 e 12 anos de idade e que não houvesse qualquer influência por parte dos adultos nas respostas, no caso, dos professores e demais profissionais.

A aplicação dos questionários aconteceu no período compreendido entre os dias 18 de junho de 2018 e 13 de julho de 2018, respeitando a organização de cada instituição de ensino. Foram distribuídas aproximadamente 280 autorizações, sendo que retornaram preenchidas e autorizadas um total de 215; apenas uma família não autorizou a realização da pesquisa com a criança. As demais autorizações não retornaram para a escola; dessa forma, as crianças que não trouxeram a autorização não participaram da pesquisa. No dia da aplicação do questionário alguns estudantes que já estavam autorizados a participar não compareceram à escola. Portanto, no resultado final da aplicação do questionário computou-se 186 crianças participantes.

Como várias respostas foram obtidas com questionários físicos foi posteriormente realizada a transposição delas para o *Google Forms*, de modo a apresentar os dados em questões de quantidade de crianças e em porcentagem, facilitando a visualização, a compreensão e a legitimação dos resultados.

Assim, os dados foram automaticamente transformados em porcentagens pelo próprio *Google Forms*, sendo analisados posteriormente com o cruzamento dos estudos da revisão de literatura, compreendendo as concepções de diferentes autores e a visão crítica e reflexiva da pesquisadora. A análise detalhada dos dados encontra-se no item 4.1 desta dissertação.

Outro aspecto que assegura a abordagem qualitativa desta pesquisa é a entrevista com um delegado da Superintendência da Polícia Federal do Paraná, autoridade em segurança pública e especialista em crimes na internet envolvendo principalmente crianças e adolescentes. A entrevista aborda uma pauta com questões semiestruturadas, pertinentes aos dados e informações de

casos de crimes que envolvem crianças (APÊNDICE B), compreendendo a faixa etária entre 8 e 12 anos de idade, os tipos de violência cometidos com a criança, e ainda, consequências que esses crimes geram na vida delas e de suas famílias, refletindo-se em riscos e danos emocionais, sociais, culturais e cognitivos.

A entrevista teve a duração aproximada de uma hora e trinta minutos, sendo realizada no dia 26 de junho de 2018, com início às 15:30h, na sede da Polícia Federal do Paraná. A análise da entrevista é apresentada de forma detalhada no item 4.2, compreendendo toda a abordagem das informações, dados relevantes e considerações reflexivas.

Como forma de aquilatar os dados e informações da pesquisa, foi realizada a produção de um guia de orientações aos pais acerca dos limites e possibilidades, compreendendo as interações da criança com as mídias digitais para disseminar tais conhecimentos, sendo este o produto final da pesquisa. O guia teve como critérios de organização, principalmente, dados e informações relevantes que foram considerados no decorrer da pesquisa, valorizando a legislação vigente, dicas, curiosidades, dados estatísticos, conceito de infância, direitos da criança, dentre outros. É importante salientar que ele é destinado à orientação aos pais de crianças com idade entre 8 e 12 anos de idade.

Após a produção e finalização do guia para pais, realizado em sua primeira versão (APÊNDICE D), houve o processo de validação de dados e informações contidos nele, por meio de uma pesquisa enviada por formulário (*Google Forms*), com questões semiestruturadas, para especialistas das áreas da saúde, da segurança e da educação.

As referidas questões perpassaram pelas seguintes análises e reflexões: a apresentação visual do material, a relevância do tema abordado: interações da criança com as mídias digitais: um guia acerca dos limites e possibilidades, o conteúdo e a qualidade das informações, a linguagem utilizada e as interações com o (a) leitor(a), as contribuições dos cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança, sendo eles: o protagonismo infantil, o exercício da afetividade, o diálogo, o acompanhamento e controle parental e orientações acerca dos limites e possibilidades como forma de apoiar as famílias a possibilitarem interações saudáveis da criança com as mídias digitais, a recomendação e a distribuição deste material para as famílias de crianças com

idade entre 8 e 12 anos, como forma de disseminar informações, dicas e sugestões aos pais e/ou responsáveis para o uso seguro, consciente e responsável das mídias digitais pelas crianças, e ainda, sugestões, ideias e outras considerações pertinentes (APÊNDICE C).

Após a devolutiva das respostas dos especialistas, foi realizada a compilação das apreciações a respeito das questões do formulário abordando aspectos para análise e considerações sobre o guia para pais. Para isso, foi realizada a amostragem e a saturação de dados, compreendendo-os de modo a dar maior credibilidade aos resultados e ao percurso da pesquisa. Pressupõe-se, portanto, que nesse contexto, busca-se a repetição dos dados, a redundância das respostas, a intensidade, mas também se valoriza percepções que expressam leituras, análises críticas e reflexivas, observações e relações que se apresentam no percurso da pesquisa, num processo dialógico, significativo e qualitativo.

A partir de todas as análises, reflexões e estudos acerca do tema, houve ainda, a reformulação de dados e informações no guia para pais, apresentando-se, portanto, uma versão final, que no caso, é a versão definitiva a ser distribuída nos ambientes educativos como forma de disseminação dos dados e informações (APÊNDICE E).

A reformulação com as devidas alterações apresenta-se como resultado de todas as análises feitas no percurso da pesquisa, mas ainda, como sugestões e considerações realizadas pelos especialistas que validaram o presente guia. Nesse sentido, cabe salientar que mais uma vez, justifica-se tal pesquisa como qualitativa, pois “[...] as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (BOGDAN; BIKLEN, 2013, p. 50).

Além destas propostas, a pesquisa descritiva compreende e norteia todo o processo de investigação para que haja fidelidade nas informações e, principalmente, para que haja significado, “[...] tendo o investigador a sensibilidade de levar em consideração as experiências do ponto de vista do informador”. (BOGDAN; BIKLEN, 2013, p. 51).

Ressalta-se, portanto, várias características da pesquisa qualitativa, visto que em sua natureza exploratória e descritiva o processo é valorizado, sendo-lhe atribuído maior significado. Ainda, a análise dos dados é integrada de forma

a constituir relevância no processo, atribuindo significado às diferentes perspectivas dos participantes desta pesquisa, o que indica que, nesse percurso, estão sendo consideradas as percepções e as experiências de cada um.

Em consonância com essas ideias, considerações de Benjamin(2017) são apresentadas como forma de contribuir para a compreensão do conceito de infância, o brincar pela criança e a educação, sendo explorados no decorrer do texto conceitos centrais de sua filosofia, que valorizam a experiência, a memória e a narratividade.

4 CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados por meio das observações e registros foi essencial para a construção gradativa do percurso da pesquisa, pois assim foram validadas as observações, a seleção e a interpretação deles, delineando o processo dos estudos e seus resultados.

Dessa forma, a criação de critérios foi primordial para o sucesso da abordagem qualitativa na organização e análise dos dados coletados e as relações estabelecidas com todos os partícipes, para a construção de conhecimentos, referenciais e teorias.

Tendo em vista que a análise dos dados é a busca da estruturação deles em consonância com a revisão de literatura, bem como a compreensão de informações e sistematizações, — nesse caso, remete aos dados do questionário realizado com as crianças, à entrevista com o delegado da Polícia Federal do Paraná e à análise dos dados e informações realizada pelos especialistas acerca da apreciação e considerações sobre o guia para pais — a análise passa a configurar uma estratégia de forma de conteúdo. Bogdan e Biklen (2013, p. 206) afirmam que “[...] numa das abordagens da investigação qualitativa, a análise é concomitante com a recolha dos dados e fica praticamente completa no momento em que os dados são recolhidos. Ela revela-se tanto mais eficaz e eficiente quanto melhor souber aquilo que se está a fazer”.

Esta pesquisa apresenta a análise de campo, visto que a cada etapa realizada os dados vão sendo configurados, registrados e analisados, compreendendo, portanto, um processo de continuidade das ações.

Como forma de iniciar a análise e a categorização dos resultados, a revisão sistemática de literatura, os dados do questionário realizado com as crianças entre 8 e 12 anos de idade, a entrevista com o delegado da Polícia Federal do Paraná (autoridade em segurança) e as considerações realizadas pelos especialistas acerca do guia para pais, apresentaram informações relevantes, que dialogam com as hipóteses e objetivos propostos, validando-os, e inclusive, recomendando a disseminação das informações e dados como forma de apoio para acompanhamento e orientação para os pais.

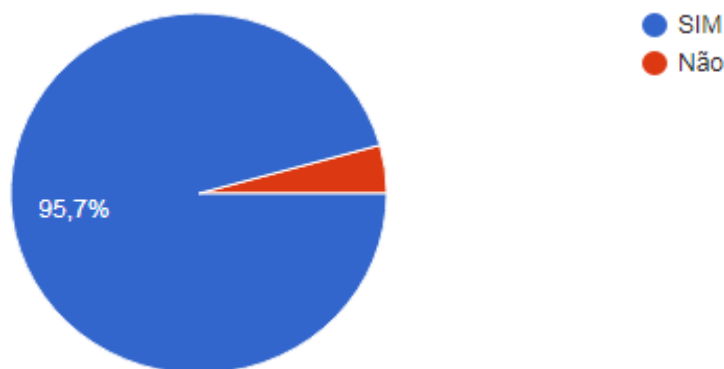
4.1 ANÁLISE DE DADOS DO QUESTIONÁRIO

Com relação à análise dos dados do questionário, que é a primeira etapa a ser considerada após a revisão de literatura, será apresentada cada questão norteadora, seguida das respostas das crianças e dos dados apresentados e validados, bem como posterior análise reflexiva e crítica dos autores pesquisados, estabelecendo, então, um olhar sensível, crítico e reflexivo sobre os resultados.

O questionário foi apresentado às crianças com o título: “Pesquisa sobre as tecnologias para você criança, com idade entre 8 e 12 anos de idade”. Inicialmente, esse dado pode parecer irrelevante, mas é primordial no sentido de já situar a criança como partícipe da pesquisa, compreendendo que para isso existem conceitos e regras pré-estabelecidas.

Pergunta 1: você utiliza celular ou outros recursos tecnológicos digitais para acesso à internet em momentos de estudo, lazer ou diversão?

ILUSTRAÇÃO 1 - UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PELAS CRIANÇAS.



FONTE: A Autora (2018).

Os dados apresentam um número expressivo de crianças na faixa etária de 8 a 12 anos que utilizam celular ou outros recursos tecnológicos para acesso à internet em momentos de estudo, lazer ou diversão. De um total de 186 crianças que responderam ao questionário, apenas 4,3% responderam não utilizar as mídias digitais, no entanto, num momento posterior à essa questão, citaram que utilizam redes sociais e aplicativos para interações, o que deixa

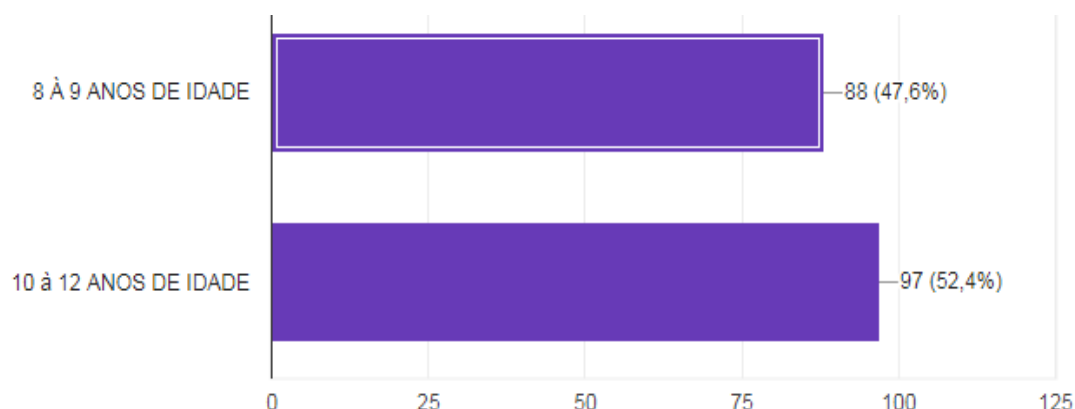
transparecer que esse percentual provavelmente seja menor do que o indicado no gráfico acima.

Se pensarmos que, conforme o gráfico indica, 95,7% das crianças que responderam ao questionário utilizam as mídias digitais, e que talvez ainda se tenha uma lacuna presente na pesquisa elevando o número de crianças que delas faz uso, é preciso reconhecer que é um número extremamente alarmante, principalmente por se tratar de crianças que ainda se encontram em fase de desenvolvimento e não apresentam maturidade emocional, psicológica e cognitiva para lidar com situações que podem vir a influenciar atitudes, hábitos e conhecimentos. Strasburger, Wilson e Jordan (2011, p. 129) justificam que “[...] as crianças passam a pensar sobre a mídia como um meio de atender a usos particulares ou gratificar necessidades particulares”.

Esse pensamento leva ao entendimento de que as crianças nem sempre fazem as melhores escolhas. Portanto, inicialmente já há uma lacuna que exige um olhar cuidadoso, atento e criterioso por parte dos adultos para o uso das mídias digitais pelas crianças; principalmente porque as escolhas partem dos interesses e desejos delas, o que não necessariamente leva a conteúdos que remetem a lazer ou diversão saudáveis, nem interações e apropriação de conhecimentos com qualidade.

Pergunta 2: indique a sua idade.

ILUSTRAÇÃO 2 - IDADE DAS CRIANÇAS PESQUISADAS.



FONTE: A Autora (2018).

A questão apresentada às crianças foi para que indicassem sua idade, compreendendo dois tópicos para marcar “x”, sendo o primeiro, idade entre 8 e 9 anos, e o segundo, idade entre 10 e 12 anos. É importante ressaltar que a distribuição dos questionários se deu de forma a contemplar um número correspondente de crianças das diferentes faixas etárias, justamente para valorizar os diferentes interesses, contextos e os acessos e usos das mídias digitais.

Conforme o gráfico acima, a maior parte das crianças que participou da pesquisa, respondendo às perguntas do questionário, tem idade entre 10 e 12 anos, indicando o total de 52,4%. O grupo de crianças com idade entre 8 e 9 anos representa 47,6% do total de participantes. Nesse contexto, cabe ressaltar que “[...] educar para o mundo digital significa educar para a vida, que cada vez mais se apropria do universo virtual” (ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON, 2013, p. 185).

Esses dados confirmam o crescente uso das mídias digitais pelas crianças no Brasil, visto que a pesquisa TIC Kids Online Brasil (2017) estima que cerca de oito em cada dez crianças e adolescentes (82%) com idades entre 9 e 17 anos são usuários de internet, o que corresponde a 24,3 milhões de crianças e adolescentes em todo o país. Nessa abordagem foram também incluídos casos de adolescentes, o que não é relevante para a análise destes dados, no entanto, são pertinentes por também contemplarem parte da faixa etária pesquisada, entre 9 e 12 anos de idade, ficando fora daquela pesquisa apenas as crianças de 8 anos.

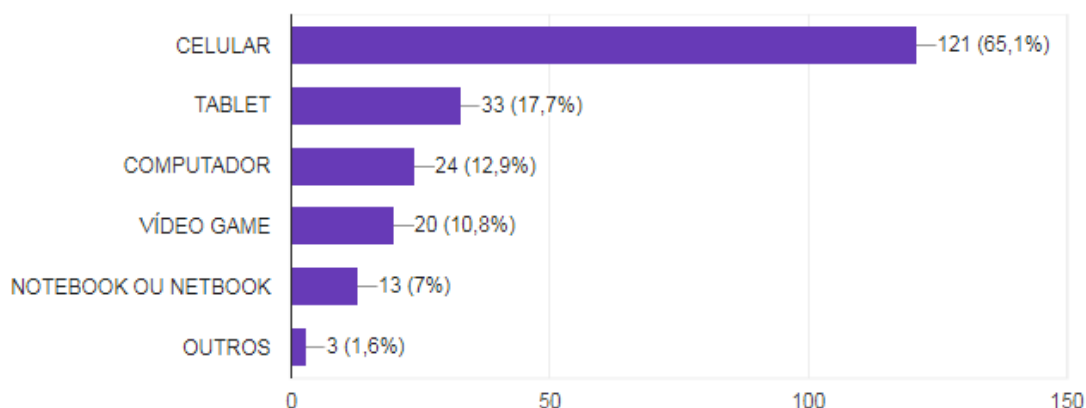
Ainda é importante salientar que a pesquisa TIC Kids Online Brasil (2017) considera os dados acima fazendo referência apenas ao uso da internet, o que pode indicar que o número de crianças que fazem uso de mídias digitais pode ser mais elevado que o indicado, pois não necessariamente as mídias digitais necessitam da internet para o seu uso, como é o caso da televisão, do videogame, e outros recursos tecnológicos.

Partindo desse pressuposto, é importante destacar que, embora o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças tenham se ampliado de forma considerável, quando feitos de forma apropriada e que preze por limites que perpassam a prevenção e a segurança, podem sim estabelecer subsídios para

a melhoria da qualidade de vida e bem-estar, refletindo-se inclusive em processos de aprendizagens mais significativos.

Pergunta 3: qual o recurso tecnológico que você mais utiliza?

ILUSTRAÇÃO 3 -RECURSOS TECNOLÓGICOS MAIS UTILIZADOS PELAS CRIANÇAS.



FONTE: A autora (2018).

É realmente impactante observar crianças com recursos tecnológicos tão dispendiosos e que, por hora, funcionam no cotidiano delas como se fossem brinquedos. Já dizia Benjamin (2017, p. 102): “O hábito entra na vida como brincadeira, e nele mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira. Formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis o que são os hábitos”.

Atualmente, explorar, interagir e usar os recursos tecnológicos digitais tornou-se hábito para as crianças. Os aparelhos celulares aparecem com maior índice de utilização entre os alunos investigados, totalizando 65,1%; seguidos do *tablet*, com 17,7%, do computador, com 12,9%; do videogame, com 10,8%; do *notebook* e *netbook*, com 7%; e 1,6% de outros recursos e mídias digitais.

Esses dados podem ser comparados com os obtidos pela Pesquisa TIC Kids Online Brasil (2017, p. 24):

Os resultados também confirmam a tendência de crescimento no uso de dispositivos móveis por crianças e adolescentes para acessar a Internet – em 2016, 91% (22 milhões) se conectaram pelo celular. Em 2012, essa proporção era de 21%, e em 2014, de 82%. Em contrapartida, o uso da rede por meio de computadores apresentou queda.

A mesma pesquisa estimou que “[...] 37% das crianças e adolescentes usuários de Internet acessaram a rede exclusivamente por meio de telefones celulares, o que equivale a 8,9 milhões de crianças” (2017, p. 24).

Os dados analisados apontam para a maior conectividade pelas crianças via telefones celulares. Tais informações demonstram, portanto, que é interessante perceber como está se dando o acesso e o uso das mídias no cotidiano das crianças. Conforme justifica Eisenstein (2013, p. 220),

Limites existem, e a melhor liberdade é a que respeita o uso de uma internet que seja ética, segura, saudável e educativa, durante os períodos de crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes. Cabe a todos nós, como sociedade, compreender e, assim, proteger a nova geração digital, sem banalizar os riscos e ao contrário, sem superestimar os benefícios das tecnologias.

Assim, reconhecendo o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças, é importante identificar que as interações acontecem, seja tendo os aparelhos e recursos tecnológicos como brinquedo ou não, fazendo uso da internet ou não, e permitem a exploração, a experiência e a transformação, que podem gerar conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento. “Proibir o uso da internet é fechar portas para um mundo sensacional que está disponível, é preciso apenas ter a medida adequada para usá-la para o bem” (ANGELINI, 2018).

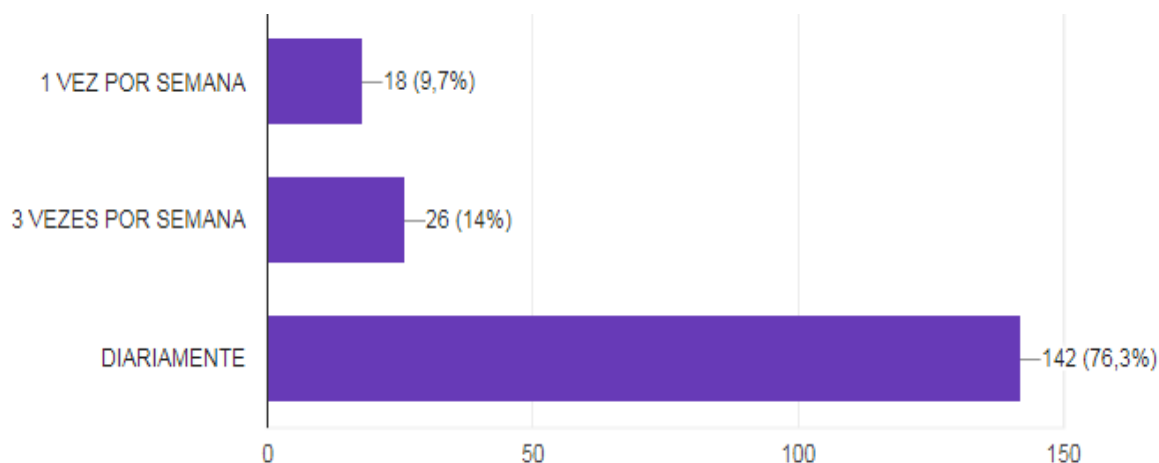
Por outro lado, o uso das mídias digitais de forma descompensada e sem acompanhamento pode implicar em “[...] riscos e danos à saúde da criança, seja em seu crescimento e desenvolvimento mental, sexualidade, saúde física, saúde social/digital” (ESTEFENON, 2013, p. 221).

Assim, é possível perceber que a frequência com que as crianças vêm acessando as mídias digitais denota a presença expressiva das TIC no cotidiano delas, demonstrando, portanto, que ocorre uma inclusão digital.

Ela é importante no sentido de identificar que as interações das crianças vêm ocorrendo frequentemente, possibilitando melhorar o desempenho de recursos que podem favorecer a aprendizagem e os aspectos cognitivos, que refletem no desenvolvimento global da criança.

Pergunta 4: com qual frequência você usa os recursos tecnológicos?

ILUSTRAÇÃO 4 - USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS PELAS CRIANÇAS.



FONTE: A autora (2018).

No gráfico acima é possível identificar que 76,3% das crianças pesquisadas com idade entre 8 e 12 anos acessam diariamente as mídias digitais, o que sinaliza que é um número expressivo considerando-se que ainda são crianças e que se encontram em desenvolvimento social, cognitivo, cultural, neurológico, e em fase de crescimento. Observa-se que 14% das crianças usam as mídias digitais 3 vezes por semana, e apenas 9,7% das que participaram da pesquisa indicaram fazer uso apenas uma vez por semana.

Nesse contexto, percebe-se que o mundo social e real dessas crianças vem sendo substituído pelo mundo virtual. Para que as implicações e interferências no desenvolvimento da criança sejam mínimas, convém observar o que ressalta Eisenstein:

Cabe à família manter o canal de diálogo com as crianças e os adolescentes sempre aberto e permeável, mesmo usando as tecnologias, e realizar um aprendizado mútuo de regras de respeito ao outro, respeitando o seu tempo de maturação e compreensão, tanto na família em si como na rede de convívio das amizades na escola. (EISENSTEIN, 2013, p. 219).

É preciso, portanto, que as famílias e a própria sociedade voltem seus olhares com atenção, cuidado e acompanhamento das crianças nesse acesso e uso das mídias digitais. O critério da frequência do uso pode afetar o desenvolvimento global da criança, refletindo-se em danos e riscos,

principalmente nos aspectos sociais, emocionais e psicológicos, pois é a partir dessas relações que a criança pode deixar de estabelecer vínculos afetivos e relações pessoais.

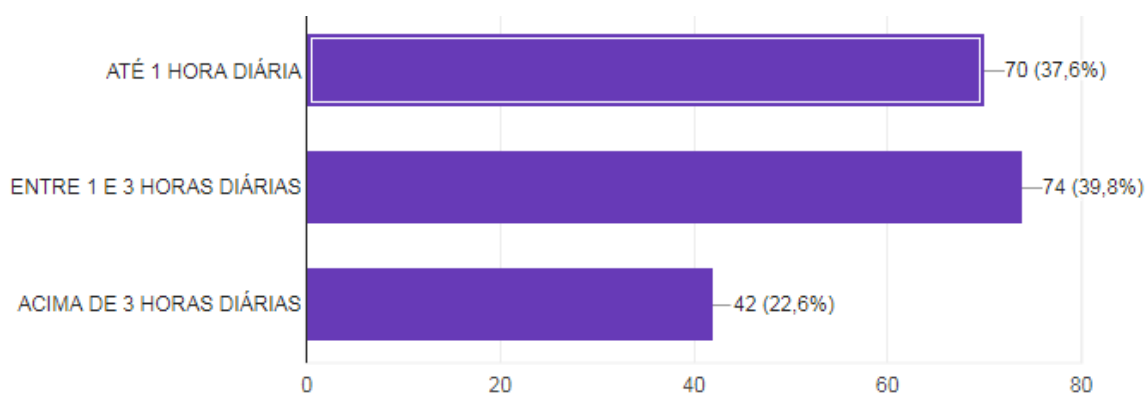
Conforme apontam Nejm e Ribeiro,

Uma dinâmica social acelerada vai sendo vivenciada pelos participantes, promovendo um processo de contínua readequação social em resposta às demandas proporcionadas pelas alterações dos aparatos tecnológicos e das infraestruturas técnicas e logísticas associadas. (2013, p. 303).

Nesse contexto, a família também estabelece o papel primordial de acompanhamento e orientação às crianças que, com relação à frequência do acesso e uso das mídias digitais, é imprescindível para exercer não necessariamente o controle, mas obrigatoriamente a autoridade enquanto pais, visando estimular o uso consciente e responsável das tecnologias pelas crianças.

Pergunta 5: qual o tempo que você os utiliza?

ILUSTRAÇÃO 5 - TEMPO DE USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PELAS CRIANÇAS.



FONTE: A autora (2018).

Os resultados da pesquisa apontam que a maior parte das crianças pesquisadas utiliza os recursos tecnológicos entre 1 e 3 horas diárias, totalizando 39,8%, seguido de 37,6% das crianças que utilizam até 1 hora diária, e 22,6% que utilizam acima de 3 horas diárias.

Assim, é possível perceber que realmente o tempo que as crianças têm utilizado as mídias digitais em seu cotidiano é demasiado, visto que estudos científicos sugerem que “[...] os pais devem limitar a quantidade de tempo que

os filhos passam com as mídias de entretenimento de tela a 2 horas ou menos por dia” (STRASBURGER; WILSON; JORDAN, 2011, p. 364).

Quando se fala em tela, todas as mídias digitais que as utilizam (celulares, *videogames*, *tablets*, computadores, televisão e outras) são consideradas nesse contexto; então, pelo gráfico acima, pode-se observar que a maior parte das crianças já se encontra em processo, ou está se aproximando, de uso de mais de 2 horas diárias das mídias digitais, o que é um fator importante a ser considerado no desenvolvimento integral da criança. É importante pensar que, para o desenvolvimento das habilidades, a criança precisa exercitar autonomia, imaginação, criatividade, memória e atenção, e isso se dá principalmente por meio do brincar.

Embora venham estimulando o pensamento, as mídias digitais nem sempre estimulam as habilidades voltadas para o exercício do brincar, da percepção, do sentir e das emoções. Portanto, o tempo integrado a esses fatores é um aspecto preocupante, visto que o uso excessivo das mídias digitais pelas crianças pode contribuir para a ausência de momentos de interação, de exploração, de vivenciar o ato de brincar.

Kilbey (2018, p. 102) enfatiza:

O relatório do *Office of National Statistics* sobre o bem-estar infantil descobriu que as crianças que passam mais de três horas por dia letivo em sites de redes sociais têm o dobro de risco de sofrer problemas de saúde mental. O relatório afirmou que essa quantidade de tempo de tela pode levar essas crianças a sofrer retardos no desenvolvimento emocional e social.

Dessa forma, é preciso priorizar a criança em seu desenvolvimento, acompanhando-a e possibilitando as interações necessárias, com orientações e intervenções familiares, para que possa usufruir de uma infância segura e emancipadora, considerando, ainda, que neste contexto novas relações também ocorrem com o próprio conhecimento.

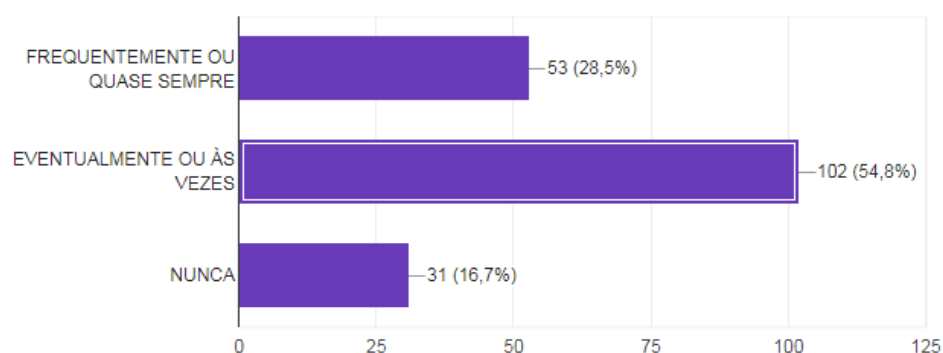
Os conhecimentos então construídos desempenham um papel de transformação na relação da criança com o mundo digital. Asseguram Nejm e Ribeiro:

Vale observar que crianças e adolescentes podem aprender muito rapidamente a usar os novos recursos digitais, sejam equipamentos ou serviços online; porém, a capacidade de uso crítico e ético dependerá de um processo mais amplo de educação cidadã, de transmissão intergeracional de valores e referenciais éticos que deem o suporte necessário para vivenciar esses novos ambientes de forma mais apropriada. (2013, p. 304).

Isso faz pensar que o tempo que as crianças vêm utilizando as mídias digitais, considerando a frequência semanal e o tempo de uso diário, não se encontra vinculado à qualidade da aprendizagem, pois pode ser melhor utilizado com experiências que remetem a conteúdos e ampliação de conhecimentos. A utilização de pequenos períodos de acesso e uso das mídias digitais pelas crianças não indica maior ou menor relevância e, da mesma forma, as crianças que utilizam as mídias digitais com maior frequência e tempo não necessariamente estão usufruindo de qualidade na interação com essas mídias.

Pergunta 6 - seus pais ou responsáveis acompanham você nos momentos de acesso às tecnologias digitais?

ILUSTRAÇÃO 6 - ACOMPANHAMENTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS NOS MOMENTOS DE ACESSO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PELAS CRIANÇAS.



FONTE: A autora (2018).

Os resultados do gráfico acima apontam que apenas 28,5% das crianças pesquisadas são acompanhadas frequentemente por seus pais ou responsáveis no momento em que acessam as tecnologias digitais. Esse número é pequeno se considerarmos que os sujeitos em questão são crianças entre 8 e 12 anos de idade, ou seja, ainda “não têm habilidades cognitivas e com o grau de

amadurecimento para desenvolver um uso crítico, responsável e cidadão nesses ambientes[...]” (NEJM; RIBEIRO, 2013, p. 305).

Considerando que 16,7% dos pais nunca acompanham as crianças no momento de uso das mídias digitais, parte-se do princípio que a criança em questão não está sendo considerada e respeitada com prioridade absoluta, como deveria ser, de acordo com o artigo 227 da Constituição Federal, que ressalta que “[...] os filhos menores de 18 anos têm garantido o direito à saúde, que engloba o desenvolvimento psíquico e social”. Nesse contexto, observa-se que o uso das mídias digitais sem o devido acompanhamento parental pode implicar em perdas, riscos e danos à criança, seja em aspectos sociais, educacionais, de segurança, ou ainda, relacionados à própria saúde.

E há algo ainda mais sério a ser considerado neste contexto: além do fato das crianças estar sendo negligenciadas, seus pais também têm feito uso excessivo das mídias digitais, o que ressalta a ideia de mau exemplo, falta de proteção, segurança, cuidado e, principalmente, afetividade.

Uma pesquisa global realizada pela AVG Technologies, que viralizou recentemente, mostrou o quanto os filhos estão invisíveis dentro de casa. Cerca de 83% das crianças entrevistadas disseram que se sentem trocadas pelo celular, 56% gostariam de ser um celular e afirmaram que confiscariam os aparelhos dos pais se pudessem. (UOL, 2017, não paginado).

Essa pesquisa afirma que os pais também estão fazendo uso excessivo das mídias digitais, restando pouco tempo de interação com os filhos. Esse fato apresenta-se de forma desconfortante para as crianças, pois os pais são os primeiros e principais educadores, então, além de participarem e estarem juntos, devem ser o exemplo para eles.

A doutora Luci Pfeiffer é médica pediatra e psicanalista vinculada à Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, coordena o Programa de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DEDICA), que retrata o sofrimento que as crianças vêm tendo pelo uso excessivo de eletrônicos e redes sociais por parte dos seus pais. Ela configura esse abandono como “uma violência virtual”, afirmando que “os pais trocam as crianças pelas telas” (MELO, 2017, não paginado). E tal violência virtual vem se refletindo diretamente no desenvolvimento cognitivo das crianças, implicando no processo social, emocional, psicológico, ético e cultural.

Essas implicações, que se resumem em prejuízos ao desenvolvimento da criança, são enfatizadas por Eisenstein (2013, p. 215), que assevera:

Se a atenção e o afeto são transmitidos em quaisquer mensagens, usando valores como respeito, compreensão e tolerância, no desenvolvimento da criança ou adolescente estão sendo inculcados os fundamentos ou princípios da construção de um elo de confiança positivo entre as gerações.

Analisando ainda o acompanhamento dos pais e/ou responsáveis nos momentos de uso dos recursos tecnológicos pelos filhos, têm-se que 54,8% estão presentes eventualmente quando acontece tais interações. Esse dado é fundamental para estabelecer reflexões acerca do real significado do acompanhamento parental.

Acompanhar não significa, necessariamente, estar junto o tempo todo, como também não significa estar longe, acompanhando o uso das mídias digitais pela criança de forma superficial. Implica em ir além disso: implica no exercício da construção da cidadania, por meio das experiências e do convívio das interações que se estabelecem com os outros e em seus diferentes tempos e espaços.

A cidadania digital vem ocorrendo de forma muito convidativa para as crianças e num ritmo intenso e acelerado. No entanto, é algo considerado como “um caminho sem volta”, ou seja, as crianças já se encontram imersas, partícipes e protagonistas, e, assim, as mídias digitais se consolidam no cotidiano infantil. Conforme explicita Kilbey (2018, p. 112),

O relatório recente “GrowingUp Digital” do Commissariado dos Direitos da Criança do Reino Unido destacou a importância de uma educação digital mais precoce e ampla nas escolas e recomendou sua expansão para incluir os elementos “sociais” da vida virtual.

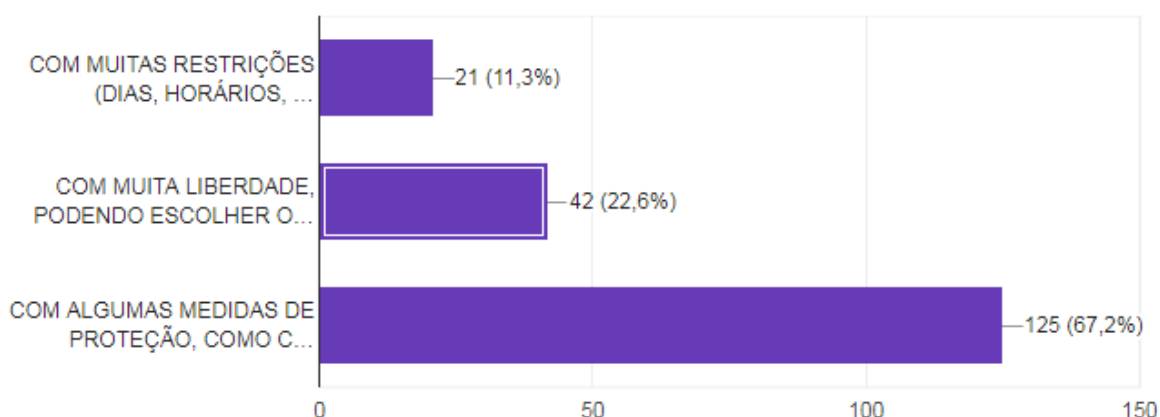
Isso mostra que o acompanhamento dos pais ou responsáveis no acesso e uso das mídias digitais pelas crianças realmente exige cuidados, proteção, restrições, estímulos adequados, regras, combinados e, principalmente, diálogo. O diálogo que confere o poder do acompanhamento parental, de forma que possibilita educar para que a criança seja capaz de desenvolver consciência, responsabilidade e resiliência, respeitando os limites e possibilidades no uso das mídias digitais. Conforme sinaliza Eisenstein (2013, p. 216), “[...] cidadania, direitos e responsabilidades se aprendem na família, na escola e a cada momento de convívio com os outros no contexto social”.

É preciso investir em hábitos saudáveis, que levem as crianças e suas famílias a reestruturarem suas rotinas para vivenciar novas dinâmicas. Conforme ressalta a SBP (2016, não paginado), “[...] as tecnologias influenciam comportamentos através do mundo digital, modificando hábitos desde a infância”; portanto, há de se ter cuidado para a prevenção da saúde física, mental e comportamental de todos da família.

E como assevera Pfeiffer (2017, não paginado), “[...] toda criança, ao nascer precisa se encontrar no olhar dos pais, e estes, devem poder enxergar nela exatamente o que ela é, para poder lhe dar um lugar único e intransferível, em suas vidas”. Ou seja, a criança precisa ser atendida e respeitada em seu tempos, ritmos, interesses e potencialidades, e os pais são os seus maiores incentivadores nesse processo.

Pergunta 7: como acontecem os seus acessos aos recursos tecnológicos digitais?

ILUSTRAÇÃO 7 - COMO OCORRE O ACESSO DAS CRIANÇAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS.



FONTE: A autora (2018).

Conforme os dados levantados, percebe-se que poucos pais ou responsáveis apresentam-se muito resistentes aos acessos e usos das mídias digitais pelas crianças, impondo limites com muitas restrições (dias, horários, acessos e bloqueios a conteúdos com senhas) e, às vezes, até sendo mais drásticos a ponto de proibir totalmente o uso dos recursos tecnológicos pelas crianças. Da pesquisa realizada, apenas 11,3% indicaram essa forma, o que

pode ser avaliado como um fator positivo, visto que pode indicar que os pais já perceberam que realmente proibir e inibir o uso das mídias digitais não é o caminho mais adequado.

Em contrapartida, 22,6% das crianças indicaram na pesquisa que os seus acessos aos recursos tecnológicos acontecem com muita liberdade, podendo escolher o que querem acessar e sem tempo determinado. Esse índice representa mais uma vez que há um número elevado de crianças vulneráveis em sua segurança, saúde e cognição, pois na faixa etária compreendida entre 8 e 12 anos de idade, conforme assegura Eisenstein,

A mídia social influencia os estereótipos dos comportamentos e as questões de saúde/doença de todos, mas principalmente a formação dos hábitos das crianças e adolescentes. Questões envolvendo hábitos alimentares, obesidade, sedentarismo, violência, agressividade, uso de cigarros, álcool, drogas, sexualidade, transtornos da imagem corporal, depressão, transtornos do sono, hiperatividade e transtornos da conduta social estão associadas ao tempo de uso e às mensagens transmitidas pela mídia social. Apesar de a mídia social não poder ser acusada como causa principal em nenhuma destas questões, ela exerce uma pressão e uma contribuição substancial em todos esses comportamentos de risco. (2013, p. 215).

Assim, mais uma vez reafirma-se que os pais ou responsáveis precisam agir com seriedade para educar seus filhos para a cidadania digital. Conforme Moran (2015, p. 84), “[...] num mundo globalizado, que derruba barreiras de tempo e espaço, o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade”. Então, já não cabe mais por parte dos pais assumir uma postura rígida e insensata, negando aos filhos o acesso e o uso às mídias digitais, da mesma forma que não é cabível a ausência total dos pais nos momentos das interações de seus filhos com os recursos tecnológicos digitais, deixando-os ao léu, sem acompanhamento, orientação e controle parental.

E, nesse contexto, como então possibilitar o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças de forma segura, responsável e emancipadora? Conforme a pesquisa realizada, 67,2% das crianças responderam que fazem uso dos recursos tecnológicos com algumas medidas de proteção, como cuidar do tempo e dos conteúdos que acessam. Essa atitude seria a mais prudente e criteriosa por parte dos pais, pois permite não apenas o acompanhamento parental, mas,

principalmente, possibilita que interações aconteçam, seja com a participação deles ou não.

Supervisionamos nossos filhos muito mais no mundo real do que no virtual, embora a internet seja um dos lugares mais genuinamente perigosos para eles. No mundo real, falamos para as crianças não conversarem nem acompanharem estranhos – no entanto, muitas vezes não reproduzimos isso na internet, já que não temos como ver os riscos potenciais com nossos próprios olhos. (KILBEY, 2018, p. 118).

Uma importante forma compreendida por Strasburger, Wilson e Jordan (2011, p 355) para acompanhar o uso das mídias digitais pelas crianças é “[...] mediar a quantidade de conteúdo da mídia que entra em sua casa. Tais negociações oferecem aos pais uma oportunidade importante não só para que estabeleçam limites como também transmitam valores e convicções culturais”. E nesse contexto, os autores ressaltam que, como forma de proteção à exposição da criança aos conteúdos da mídia, existem três tipos de mediação: a mediação ativa, que envolve os tipos de conversa que os pais têm com as crianças; a mediação restritiva, que envolve o uso de regras explícitas a respeito do que pode ser acessado, bem como o tempo de acesso; e, por fim, o coassistir, que é uma estratégia para limitar a exposição das crianças às coisas ruins e aumentar os benefícios das coisas boas.

Pode-se observar que, na pesquisa realizada com as crianças de 8 aos 12 anos de idade, a maioria delas relata fazer uso das mídias com algum tipo de medida de proteção e acompanhamento parental, o que nessa faixa etária é extremamente relevante, pois essa mediação caracteriza-se como uma forma de orientação, ao mesmo tempo que estimula habilidades, a criatividade, a autoconfiança, a autonomia e o protagonismo da criança.

Educar para a cidadania digital é, portanto, proporcionar esse protagonismo da criança nos momentos de interações com as mídias digitais. “Os princípios fundamentais são sempre os mesmos: acolher, motivar, mostrar valores, colocar limites, gerenciar atividades desafiadoras de aprendizagem” (MORAN, 2015, p. 13).

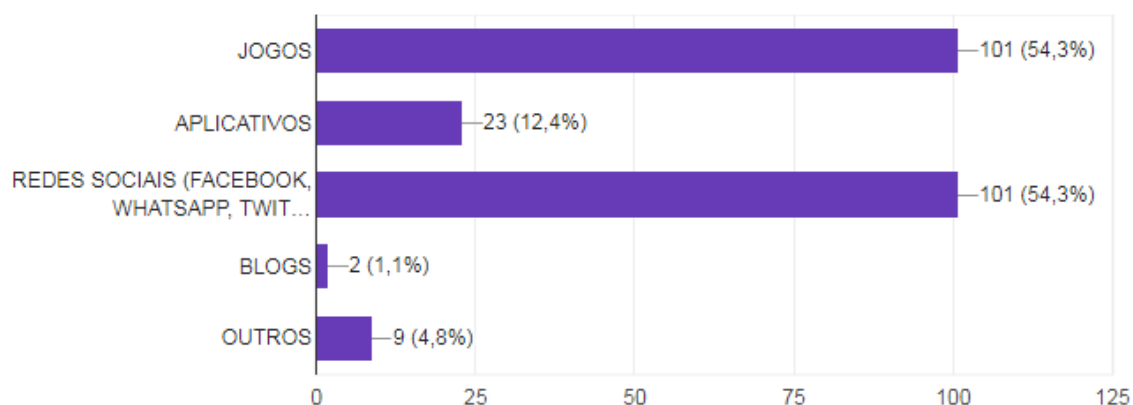
Sinalizando aspectos positivos que podem ser gerados pelo uso das tecnologias no cotidiano, bem como aspectos negativos que podem ser danosos, Tono (2017, p. 70) afirma que “[...] a discussão permanece à luz de teorias valorativas do diálogo, da reflexão, da crítica às vistas da análise do risco”.

Cabe então aos pais ou responsáveis pelas crianças abster-se de preconceitos e atitudes de negação do acesso e uso das mídias digitais por elas, compreendendo que as mídias devem colaborar para a emancipação humana.

É claro que o acompanhamento parental se faz necessário e é fundamental para o exercício da inclusão digital, que será ainda permeado pelo diálogo, com orientações e recomendações que poderão dinamizar as interações da criança no contexto social, construindo e transformando valores, atitudes e aprendizagens.

Pergunta 8: quais são os principais conteúdos acessados por você?

ILUSTRAÇÃO 8 - CONTEÚDOS ACESSADOS PELAS CRIANÇAS.



FONTE: A autora (2018).

É interessante perceber que, mesmo as crianças que responderam à primeira pergunta marcando a questão como “não”, justificando que não fazem uso dos recursos tecnológicos, na questão de número 8 algumas delas citaram conteúdos como jogos e redes sociais sendo usadas em seu cotidiano. Poderia se justificar ainda que 4,8% das crianças registraram como “outros”, considerando os acessos aos conteúdos. No entanto, no acesso a todos os formulários observou-se que não havia esta correspondência, o que indica que realmente existe uma lacuna na questão 1, sugerindo um perfil de que quase a totalidade das crianças que participaram da pesquisa acessam e fazem uso das mídias digitais.

Coincidentemente, 54,3% das crianças que participaram da pesquisa dizem fazer uso de jogos, sendo exatamente o mesmo índice observado de crianças que fazem uso das redes sociais (*Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram*, etc.), o que significa um número consideravelmente alto com acesso não apenas às mídias digitais, mas, principalmente, ao uso da internet, o que é um dado muito relevante para a pesquisa, porque a internet é considerada um campo aberto para as crianças nessa faixa etária, que ainda não apresentam maturidade para a organização e análise das informações que envolvem esse tipo de acesso.

Em seguida, os aplicativos foram relatados com 12,4% de acessos e os *blogs* com 1,1% de acessos. As crianças que responderam que acessam outros conteúdos somam 4,8%. Analisando os dados acima, pode-se observar que, praticamente, é baixo o número de crianças que faz uso das mídias digitais sem o acesso à internet, ou seja, a rede vem sendo frequentemente usada no cotidiano das crianças.

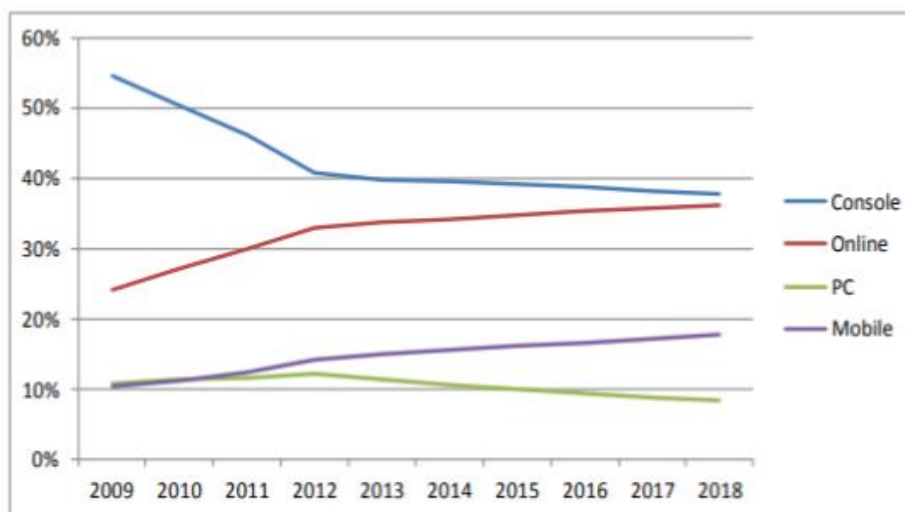
A pesquisa TIC Kids Online Brasil (2017, p. 19) aponta que

Em sua primeira edição em 2012, 47% de crianças usuárias de Internet acessavam a rede todos os dias ou quase todos os dias, essa proporção atingiu 81% em 2014. A edição de 2016 aponta, entretanto, estabilidade na frequência de uso da Internet por crianças e adolescentes em relação ao último ano: 84%.

“As redes sociais possuem algumas características próprias que as diferenciam de outros meios de comunicação, como a velocidade com que as informações se propagam, a grande quantidade de pessoas que elas conseguem atingir [...]” (CGI, Cartilha de Segurança para Internet, 2012, p. 87). Então, mais uma vez, percebe-se que as crianças entre 8 e 12 anos de idade, sujeitos da pesquisa em questão, deveriam fazer uso adequado, consciente e responsável das mídias digitais, com acompanhamentos parental e orientações, pois não apresentam em seu desenvolvimento condições cognitivas para abarcar tal aparato.

O uso frequente da internet pelas crianças também pode ser observado no gráfico abaixo, conforme a pesquisa intitulada “Mapeamento da indústria brasileira de jogos digitais” (2014).

ILUSTRAÇÃO 9 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS DIFERENTES PLATAFORMAS NAS RECEITAS.



Fonte: PwC (2014)

FONTE: FLEURY, NAKANO e CORDEIRO (2014)

É importante justificar que, embora esta pesquisa não tenha sido realizada especificamente com as crianças, ela apontou que em 2012, dos 80 milhões de internautas no país, 61 milhões acessavam algum tipo de jogo. Desses jogadores, 67% utilizavam consoles, e 42%, computadores pessoais, especialmente para os jogos *online*. Os jogadores *online* gastavam mais tempo que os que utilizavam console: em média 5h14 min por dia, contra 3h22 min dos que jogavam por meio de consoles de mesa e portáteis.

É importante também observar que o número de jogadores que faz uso dos jogos nas plataformas *online* ou *mobile* vem apresentando um aumento expressivo, indicando que eles fazem uso da internet.

Esse dado é relevante no sentido de compreender que, se as crianças estão utilizando principalmente as mídias digitais para acesso aos *games*, então estão fazendo uso da internet também na maioria das vezes, visto que, para o acesso aos jogos, para baixá-los, para acessá-los ou mesmo para a compra deles, é necessário estar *online*.

E nesse contexto, podem estar utilizando as mídias digitais de forma desmedida, ou podem ser aumentados pela dependência que os *games* (jogos) ocasionam, pois podem gerar estímulos e habilidades, intensificando a interatividade.

Os jogos são desenvolvidos com base em pesquisas sobre os desejos e as necessidades do ser humano. A partir daí são vários os fatores que tornam os eletrônicos extremamente envolventes e fazem que o uso intenso esteja associado com marcado prejuízo em diversas áreas da vida de alguns jogadores (ABREU, EISENSTEIN, ESTEFENON, 2013, p. 118).

Então, se as crianças estão realmente ampliando o uso das mídias digitais com acesso à internet, as interações precisam ser ressignificadas, pois a própria dinâmica de uso se modifica. Como bem salientam Fantin e Girardello (2008, p. 43), “[...] multiplicar as telas significa não só multiplicar as possibilidades do ver e do saber, mas também os espaços do habitar, do viver social”.

E Moran (2015, p. 59) complementa: “[...] há um pulsar virtual muito rico e incessante, que estimula e dificulta, facilita e complica. Tudo está no virtual, tudo fica registrado, tudo pode ser compartilhado, o interessante, o problemático e o banal”. Angelini (2018), no 3º *Workshop* “Impactos da exposição de crianças e adolescentes na internet”, retrata a questão da importância do uso da internet, afirmando que “é uma ferramenta que veio pra ficar, é uma fonte de conhecimento e um mecanismo de oportunidades”.

Isso remete a pensar que o uso da internet por crianças possibilita interações, mediações, aprendizagens e experiências que são particulares de cada um, o que reflete no arcabouço social, cultural, psicológico, emocional e cognitivo da criança. Entretanto, há de se ter critérios para que a criança possa explorar esse mundo virtual, de modo que esteja segura e protegida nas formas de acesso e interações, o que pode ser estimulado primeiramente no âmbito familiar, e ainda, nos demais contextos que a criança participa e encontra-se inserida. Esses critérios são necessários para que a criança aprenda a lidar com as informações das quais irá se utilizar, se apropriar e disseminar. As informações, quando bem utilizadas, possibilitam aprendizagens significativas, que revertem em arcabouço social, cultural e cognitivo.

Martino (2017, p. 41) ressalta que “[...] a mente humana tem uma enorme plasticidade, capacidade de se adaptar ao ambiente cognitivo no qual está inserida [...]”. E como forma de processar informações, o ambiente cognitivo é determinado pelos modos de circulação de dados em uma determinada época.

A velocidade das informações acarreta uma instabilidade e um desequilíbrio cognitivo determinando que exercícios cotidianos, mentais,

psicológicos e habilidades sejam constantemente experimentados e vivenciados pelas crianças, e assim, “[...] é preciso saber selecionar a informação, é preciso ir buscar as fontes, cruzar as fontes, e aí, uma vez mais, pôr em prática o espírito crítico” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 177).

O uso da internet pelas crianças pode ser, então, valorizado e estimulado de forma consciente, responsável e emancipador, como também pode ser explorado de maneira incoerente e insuficiente, tornando a criança vulnerável às informações ali postas, bem como incapaz de lidar com a diversidade.

O reverso de toda liberdade, aliás – é que, se a liberdade de consulta da Internet é total, vai circular qualquer coisa e qualquer coisa pode ter mesmo peso para aquele que não tem os pontos de referência, que não tem o capital cultural, a estrutura intelectual suficientemente constituída. (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, 181).

E é justamente nesse ponto que se justifica o acompanhamento parental, seja em momentos de interação com as mídias digitais voltadas para as práticas do brincar ou das práticas pedagógicas, seja para ampliar o conhecimento ou para simplesmente conversar. É importante ressaltar que os pais ou responsáveis devem estar atentos e sensíveis às necessidades cotidianas da criança, estimulando o uso das mídias digitais, mas acompanhando esses momentos com medidas protetivas, que possam assegurar o mínimo de danos e riscos à criança, em seus aspectos sociais, psicológicos, culturais e cognitivos.

Após as questões estruturadas de marcação de alternativas, foi registrada ainda uma questão aberta para as crianças.

Pergunta 9: o que você gosta de acessar ou ver na internet?

Nessa questão as respostas foram inúmeras e diversificadas, entretanto, a maior parte das crianças expressou gostar de acessar as redes sociais, como o *WhatsApp*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *Facebook*, *Netflix*, de jogar *games* (mais citados: *Roblox*, *Minecraft*, *Ride*, *Fut Draft*, *Friv*), ver vídeos, filmes, tutoriais e *youtubers* (mais citados: Felipe Neto, Julia Minegirl, Planeta das Gêmeas, Rezendeevil, Authentic Games), utilizar aplicativos, como o *Musically* e o *Snapchat*, ouvir música, dentre outros.

A faixa etária das crianças que participaram da pesquisa indica uma diferença de 4 anos de idade, no entanto, não constatou-se grandes variáveis nos aplicativos e redes sociais que acessam, o que não foi considerado

pertinente no processo, não sendo portanto, necessário diferenciar os estudos por faixa etária.

Da mesma forma, com relação às escolas pesquisadas, o critério fundamental era que as crianças tivessem acesso às mídias digitais e que estivessem na faixa etária apresentada, portanto, não houve variações a ponto de se considerar necessário separar as informações das pesquisas realizadas, sendo que estas se apresentariam de forma redundante.

Ainda, cabe salientar, que mesmo que esse dado fosse pertinente, as informações e os dados estruturados e selecionados para compor o guia para pais, independe de aplicativos, programas, *softwares* ou redes sociais, visto que representa um guia para disseminação de dicas, dados, legislação, informações, reflexões e mudanças de hábitos e atitudes, apresentando-se de modo prático, atrativo e funcional, sem informações minuciosas, pois isso talvez implicasse, na falta de interesse da leitura pelos pais.

As informações acima apresentam, principalmente, conteúdos acessados nas mídias digitais pelas crianças na internet (que era o foco da pergunta). No entanto, algumas e poucas respostas contemplaram o uso das mídias digitais também sem a utilização da internet, como, por exemplo: tirar fotos com o celular e fazer desenhos com aplicativos do próprio aparelho.

E mais uma vez é de extrema relevância observar que a lacuna na questão número 1, em que algumas crianças registraram que não faziam uso dos recursos tecnológicos, realmente existe, e é validada nesse momento, pois mesmo as crianças que disseram não fazer uso dos recursos registraram na última pergunta, dissertativa, suas preferências de acesso e uso das mídias digitais. Esse fato é pertinente para verificar que a pesquisa é um levantamento de dados e informações, mas também permite alguns dados com margem de erro, como é o caso da questão número 1. Embora algumas crianças tenham marcado que não fazem uso das mídias digitais, em todas as outras questões se posicionaram de forma contrária, inclusive nesta última questão, citando o que mais gostam de acessar ou ver na internet.

Além disso, nessa última questão fica visível que o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças entre 8 e 12 anos de idade vem acontecendo constantemente com o uso da internet, o que é um aspecto importante a ser

considerado no contexto da pesquisa, visto que muitos podem ser os impactos no desenvolvimento delas.

Diante do quadro apresentado, vislumbra-se um alto grau de afetação de crianças e adolescentes inseridos neste novo contexto social informativo da Internet, estando obviamente abarcados pela proteção integral constitucional, ainda que algumas questões se apresentem em um prisma diferenciado, o qual pode ter resultados positivos desde que se atente a determinados pontos. (DIAS, 2016, p. 222).

Dessa forma, os danos e riscos são eminentes; nesse contexto, a cautela, a proteção, os cuidados envolvendo segurança, acompanhamento e orientação são fundamentais para o exercício do uso das mídias digitais pelas crianças, de forma a que elas possam usufruí-las com limites e responsabilidade.

Kilbey (2018, p. 173) aponta para a boa notícia: “[...] precisamos pensar nas formas como podemos usar a tecnologia de maneira construtiva para tirar o melhor dela, unir nossas famílias e promover o vínculo, e não o isolamento”. Talvez aí se encontre o maior desafio de todos para os pais: construir e fortalecer os vínculos positivos das crianças no uso das mídias digitais, estimulando a confiança, o respeito mútuo, a colaboração e as interações.

4.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA

A entrevista realizada com o delegado da Polícia Federal do Paraná, autoridade em segurança pública e especialista em crimes na internet, remete a muitas reflexões acerca do uso das mídias digitais pelas crianças com idade entre 8 e 12 anos. Especialmente por se tratar de seres humanos que ainda estão em fase de desenvolvimento, o delegado ressalta que “é preciso ter muita calma, muita cautela, ter uma amostragem representativa, enfim, tudo aquilo que uma pesquisa empírica exige”.

Realmente, para agir com calma e cautela faz-se necessário primeiramente o engajamento das pessoas que são responsáveis pelas crianças, seja no âmbito familiar, escolar, ou na própria sociedade. E engajamento significa, antes de tudo, responsabilidade em assumir a criança, assegurando-lhe direitos de cuidado e proteção integral.

O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) assegura a proteção da criança e do adolescente, mas é necessário ir além, é preciso agir

de modo proativo, com possibilidades de orientações e acompanhamento permanente, principalmente porque, como expressou o delegado:

Você delimitou muito bem a sua pesquisa, me permita até dizer, porque como se considera a criança até 12 anos, então, qual a faixa etária das crianças mais atingidas? Por óbvio teria que ser de 12 pra baixo, porque senão já seriam adolescentes, então, o que se diz, se tem hoje de estudo, a faixa, digamos assim, mais potencialmente é propensa a ser vítima é entre justamente entre 9 e 10, depende se é menino ou se é menina, mas assim, do ponto de vista geral, a gente pode colocar uma faixa de 9 a 12. São os momentos, é onde, exatamente, são os mais, é onde há maior incidência de vítimas.

E essas incidências se dão, principalmente, pelo fato de que,

As crianças não têm acompanhamento, não têm orientação e aí surgem dois fatores, que você muito bem citou na sua fala, que em convergência, geram boa parte dessa problemática: que é a descoberta do corpo e a descoberta da tecnologia de uma forma mais a fundo. Aliado a isso, o tempero, que é a falta de orientação.

Várias percepções foram sendo tecidas durante a entrevista, e nesses momentos ficou evidente a preocupação com a exposição de crianças e adolescentes na rede mundial de computadores, o que pode resultar em violação dos direitos da criança, fruto da negligência e/ou desconhecimento: abuso sexual, pornografia infantil, envolvendo fotografia, desenho, montagem, vídeos e outros.

O delegado fez ainda menção de que acredita que as tecnologias vieram “pra ficar”. Então, “qualquer tipo de movimento de demonização da tecnologia, seja no ambiente familiar, seja no ambiente educacional, está fadado ao insucesso”. O entrevistado salientou que “nós temos que nos adaptar a ela”. E, para ilustrar suas ideias, usou a seguinte analogia: “a tecnologia é um cano, por onde pode passar água limpa ou pode passar esgoto, mas ela é um instrumento”.

Dessa forma, cabe relacionar essa analogia com a citação de Moran (2015, p. 27), que afirma:

De tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa, podemos extrair alguma informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista.

Pensando nas mídias digitais como instrumento, as crianças podem usufruir de experiências boas, positivas e construtivas, mas deve-se ter consciência que existe o mau proveito dela, o que implica em danos e riscos que

podem influenciar seu desenvolvimento, trazendo-lhes insucessos, fragilidades e colocando, inclusive, a própria vida em risco.

O delegado falou sobre o marco civil da internet, refletindo que, “embora a criança tenha direito ao acesso à tecnologia, questiona-se como este acesso acontece, a partir de qual ferramenta e se há instrução ou orientação para isso!” Dessa forma, cabe estabelecer os limites para o seu uso, e ele salientou que “os primeiros a darem esse limite, penso eu, são os pais, são os familiares [...]”.

Na pesquisa realizada, esse acompanhamento e controle parental também aparecem como primordiais ao acesso e uso seguro das mídias digitais pelas crianças, assim, valoriza-se a necessidade de que as experiências agreguem conhecimentos para a disseminação de um uso consciente e responsável das tecnologias, para que as crianças tenham discernimento para uma utilização adequada, ao mesmo tempo em que vão desenvolvendo habilidades para utilizá-las.

A autoridade em segurança ainda registrou o fato de que nessa aquisição de conhecimentos por pais e filhos pode-se gerar uma crise, visto que os filhos muitas vezes assumem uma posição de autoridade ao dominarem o uso das mídias digitais. Entretanto, o delegado salientou que, para que essa inversão de valores não aconteça, os pais devem buscar informação para aprender e ajudar as crianças nessas descobertas. Os pais ou responsáveis precisam estabelecer a criança como prioridade absoluta, compreendendo proteção integral à ela.

O delegado enfatizou a questão:

Qual é a tua prioridade? A tua prioridade qual que é? Não é uma questão de ter tempo para seu filho, é uma questão de prioridade, de escolha. Então, o que nós temos que ver é, olhar para as nossas crianças, olhar para os nossos adolescentes e saber o seguinte: um dia, a conta vem pra pagar. [...] Às vezes, o cachorro tem mais prioridade do que o filho. Então, eu acho assim, hoje, é uma questão de prioridade. Então, a gente tem que olhar pras nossas crianças e adolescentes e falar assim: vale a pena investir, porque eu tô investindo no meu futuro. Porque são eles que formarão a sociedade amanhã. [...]

É nesse contexto que os pais ou responsáveis precisam se fazer presentes; como bem cita Behrens (2015, p. 84), “[...] derrubando as barreiras do tempo e espaço, acessando a tecnologia de forma crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade”. Assim, se os pais se preparam e se envolvem com seus filhos, acompanhando-os, dando-lhes

prioridade, mostrando que são exemplo e referência e que podem ajudá-los no exercício da cidadania digital, então haverá amadurecimento e desenvolvimento, o que propicia aprendizagens saudáveis para o acesso e uso responsável e saudável das mídias digitais pelas crianças.

Outro fator preponderante ao qual o delegado fez referência é o fortalecimento das relações pessoais, indicando que muitas vezes, dependendo da forma como a tecnologia é utilizada, conforme expressa um amigo seu, “ela aproxima quem está distante, mas afasta quem está perto”. E se assim formos refletir, quem está mais próximo de nós são as pessoas do convívio diário, nossos filhos e familiares, então cabe sempre refazer cotidianamente o exercício da conscientização sobre as prioridades e escolhas.

Um olhar sensível e criterioso também por parte da autoridade em segurança indica que a orientação é complicada, sim, porque alguns pais, por desconhecimento, preferem proibir o uso das mídias digitais. Mas a própria autoridade reforça “que o que é proibido é mais gostoso”, justificando que a criança pode então aproveitar outros momentos oportunos, em que os pais não estão presentes, para experimentar de forma inadequada aquilo que não lhe é saudável ou apropriado.

Neste contexto, Fantin e Girardello (2008) sugerem que a brincadeira das crianças em computadores segue também regras de interação e fantasia que regem toda brincadeira infantil na atualidade. Então, é importante perceber que ao brincar a criança interage e se desenvolve, mas ao fazer uso do computador, talvez essa interação não seja saudável, ou ainda, os conteúdos acessados não sejam condizentes com o seu grau de maturidade, o que pode trazer implicações em seu desenvolvimento, afetando questões psicológicas, sociais e cognitivas.

Kilbey (2018, p. 176) afirma que “[...] os aparelhos oferecem oportunidades de comunicação, interação colaborativa, aprendizado independente, bem como oportunidades de as crianças obterem bons resultados”. Ao contrário, também podem emergir em danos e riscos, estabelecendo vínculos fragilizados e que podem colocar a criança em situação de vulnerabilidade, expondo-a, restringendo-a, ou ainda, trazendo implicações mais graves à sua segurança, saúde e educação.

Na entrevista realizada com a autoridade em segurança, ficou realmente claro que as mídias digitais têm conseguido “afetar” as crianças quando o

delegado afirmou que “na tela tudo é igual, é tudo a mesma coisa, é tudo do mesmo jeito. Então, isso dá problemas pra criança no futuro, pois a criança pode se desenvolver com dificuldade, se ela ficar viciada em cima desse troço aqui”.

Isso porque a criança deixa de exercitar várias funções cognitivas, sociais, físico-motoras, emocionais e psicológicas, e, inclusive, funções inerentes ao processo bioquímico do corpo humano. Nesse sentido, quando a criança age de forma a infringir um destes apontamentos, termina por prejudicar o seu desenvolvimento integral, no exercício de habilidades motoras, relações interpessoais, socialização, linguagem, na sua capacidade de foco e concentração. Ainda, sua saúde fica fragilizada, implicando negativamente na alimentação, no sono, no crescimento, na audição, na visão, na formação óssea, causando obesidade, dentre tantas outras patologias que advêm de atitudes e comportamentos gerados pelo vício e pelo uso compulsivo e desmedido das mídias digitais.

Tão sérias são as consequências que têm surgido pelo mau uso das tecnologias pelas crianças na sociedade que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu o vício em *games* como doença oficialmente reconhecida, sendo referenciado também pelo Manual Diagnóstico Estatístico da Sociedade de Psiquiatria Norte-americana (DSM 5).

Consta a inclusão do uso abusivo de jogos eletrônicos (a chamada *gamingdisorder*) na seção de transtornos que podem causar vício. Ou seja, a dependência dos jogos de videogames online e off-line passa a ser entendida como doença (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018, não paginado).

Conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria, “[...] a nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID 11), já está sendo utilizada como base para identificar tendências e estatísticas relacionadas à saúde, ressaltando-se que o documento reflete o progresso da medicina e os avanços na compreensão científica”.

Wakka (2018, não paginado) afirma que,

De fato, o documento apresentado é uma prévia para que países possam começar a se organizar quanto às novas diretrizes. O próprio site da OMS aponta que o CID 11 será apresentado oficialmente em maio de 2019 durante a Assembleia Mundial da Saúde. Se aprovada, a proposta entra em vigor em 1º de janeiro de 2022.

O delegado entrevistado ressaltou que considera o caso como “seríssimo”, sugerindo que “educação, saúde e segurança precisam se conectar para oferecer a possibilidade do exercício da cidadania digital”. Justificou, ainda, que “nas relações que se estabelecem no mundo virtual, não é só receber, mas também dar, também saber se portar nas redes sociais”.

Garcia (2018, p. 71) reflete que “[...] o consumo cultural infantil está relacionado ao que as crianças estão expostas no contexto das mídias.” Esse fato remete a pensar que a criança além de estar vulnerável, sofre influências em todo o seu desenvolvimento cognitivo, ao mesmo tempo em que desenvolve suas habilidades, maturidade e consciência, portanto, a forma como a criança acessa e utiliza as mídias digitais, apresenta limites e possibilidades, que podem emergir em danos e riscos, mas também em potenciais conhecimentos.

O delegado expressa ainda que, “então, a gente precisa ter uma cultura digital, uma orientação nesse sentido”. Por isso, ele mesmo sugere que “a sociedade deve começar a pensar em estratégias para colocar uma disciplina eletiva nos cursos”, de forma a preparar as pessoas para o uso consciente e seguro das mídias digitais. E justificou essa necessidade também pelo volume excessivo de informações que as crianças têm recebido, indicando que elas não conseguem digerir isso tudo.

Para Fantin e Girardello (2008, p. 51), “[...] uma das dimensões que precisa ser reconhecida é a cidadania cultural, que tem a ver com o pertencimento cultural dos cidadãos”.

Dessa forma, como a criança vem vivenciando relações no mundo virtual, também necessita participar da cidadania cultural para se apropriar da cidadania digital, e isso, é claro, também é um exercício que deve ser estendido aos pais ou responsáveis.

Moran (2015, p. 9) afirma que “[...] o mundo físico e o virtual não se opõem, mas se complementam, integram, combinam numa interação cada vez maior, contínua, inseparável. Ter acesso ao digital é um novo direito de cidadania plena”.

A cidadania digital pode ser exercida a partir do momento que a criança passa a ter acesso às tecnologias, mas isso ainda não é o suficiente, pois alguns elementos são fundamentais para que realmente se estabeleça uma inclusão dela como cidadã digital.

O cidadão que realiza alguma forma de trabalho on-line, participando, compartilhando, colaborando, tornando-se produtivo, expressando-se, engajando-se, estaria utilizando seu excedente cognitivo para exercer formas de cidadania para construir um mundo melhor e mais cooperativo (GARCIA, 2018, p. 35).

Como a inserção das mídias digitais na vida das crianças já é algo cotidiano, as experiências deslumbradas por elas e habilidades exercitadas podem se constituir como forma do exercício para a cidadania digital, o que implica não apenas em aprendizagem para elas mesmas, mas principalmente, na disseminação de informações que contribuem para um processo de construção, formação, transformação e colaboração, em prol de toda a sociedade.

Neste contexto, o delegado destacou a importância de “se ampliar o olhar para a percepção de que as pessoas também já não têm mais memória, pois estão terceirizando tudo”. Ao realizar esta citação, ele afirma que algumas capacidades e habilidades motoras passaram automaticamente a ser realizadas por meio dos dispositivos, como o caso da agenda telefônica, em que as pessoas já não registram na memória as informações, necessitando obrigatoriamente dos recursos para apoio e consulta.

E ainda, argumentou sobre as dificuldades que os professores têm de manter as crianças concentradas, visto que as informações por elas recebidas se dão num ritmo intenso e rápido. Citou ainda “a modificação da própria linguagem e da comunicação, sendo estas substituídas, dificultando assim, os mecanismos para uma aprendizagem mais densa”. Essa ideia fica clara quando o delegado diz: “pega um livro de maior expressão e mais densidade e dá pra turma ler. Não lê!”.

É fundamental, portanto, pensar na importância da parceria escola e família, que juntas podem “estimular a cultura de segurança na internet, além de oportunizar a construção da cultura social e histórica” (HAGEMEYER; SÁ; GABARDO, 2016, p. 33). Pensando que as mídias digitais podem possibilitar prazer e diversão, é preciso que a escola e a família estimulem aprendizagens positivas para o bom uso das tecnologias. Por conseguinte, um aprendizado interativo pode indicar um caminho de desenvolvimento e sucesso para a formação integral da criança.

O delegado expressou também sua preocupação com o uso das redes sociais pelas crianças, pois, segundo ele, são os mecanismos que os criminosos mais utilizam para afetar a faixa etária que compreende crianças entre 8 e 12 anos de idade. Ele afirmou que “além das redes sociais, os aplicativos de conversa ponto a ponto, como o *WhatsApp*, o *Telegram* e uma série de outros” são os mais utilizados pelos criminosos. “Se coloca uma informação lá no celular, o cidadão pega o celular e começam as trocas por ali”.

É fácil perceber que a criança, que ainda se encontra em desenvolvimento, mesmo com tantas orientações e acompanhamento parental, muitas vezes, fica vulnerável em situações simples e cotidianas. Então, tratando-se de criminosos especialistas, cujo foco é a criança mais vulnerável e sem o devido acompanhamento e controle parental, os riscos e danos se elevam de forma considerável.

Esse fato vem se agravando mais ainda à medida que “as crianças passam a participar das redes sociais, tanto como receptoras ou como expectadoras, assumindo condições de sujeitos ativos nesse processo” (CGI.BR, 2017, p. 40).

O delegado ressaltou que nesse contexto as crianças passam a sofrer ameaças, referenciando a autora Anna Salter, que chama a “esse fenômeno de ameaças, como pacto do silêncio”. Ele asseverou que “esse pacto do silêncio é muito, muito forte e que as ameaças são muito pompudas”. E aí se inicia um ciclo vicioso no qual a criança vai sendo envolvida e passa a sofrer constantes ameaças, conforme o delegado relatou:

É um ciclo horroroso de trevas que a criança vai entrando e, se ela não tem essa proximidade com o pai, se ela não tem o hábito de conversar com o pai, com a mãe, ou com quem quer que seja da família em relação àquilo, se ela não tem essa abertura pra conversar, poucos que entram nesse redemoinho conseguem sair.

Mais uma vez é possível perceber que os pais ou responsáveis são fundamentais para dar o alicerce emocional e psicológico para seus filhos, mas é importante ressaltar: não apenas quando a criança já se encontra nesse tipo de situação, mas, especialmente antes de tais ocorrências, como forma de cuidado, atenção e prevenção, para que a criança não precise passar por isso, visto que os danos são irreversíveis.

Como o próprio delegado destacou:

Normalmente, quando a situação chega para a polícia, é porque é um dano irreparável que já foi feito. [...] Normalmente, quando aponta aqui, o dano já foi feito à criança. Então, ou já foi abusada ou já ligou a webcam e já se mostrou nua, enfim, e por aí vai. Enfim, o abuso psicológico é o maior deles. É o trauma [...].

O delegado foi categórico ao afirmar que “uma criança indefesa, completamente sem balizamento do bem e do mal dentro daquilo que a gente entende como uma mentalidade adulta, ela se vê enganada por pessoas que deveriam estar zelando por ela”. Essa opinião remete ao fato de que, “além de a criança ser negligenciada, em 90% dos casos, segundo o delegado, esse abuso acontece por alguém da confiança dela, como pai, professor, padre, pastor”.

Ressalta-se que a criança que passa por esse tipo de abuso, além de estar frágil, exposta, ferida e abalada, muitas vezes ainda é apontada como acusada, conforme relatou o delegado:

Existe um desvirtuamento total, querendo empurrar pra criança essa responsabilidade, porque a criança se deu, de alguma forma facilitou? Não! Nós temos que observar a criança como efetiva vítima. Como uma pessoa em desenvolvimento, que precisa ser assistida, que foi enganada.

Kenski (2015, p. 19) garante que “[...] as tecnologias invadem nossas vidas [...], e fragilizam as capacidades naturais do ser humano”. E realmente fragilizam, principalmente quando se percebe uma inversão de valores e responsabilidades por parte dos pais, que muitas vezes não assumem a função parental de acompanhamento, orientação, cuidado e proteção, ou seja, responsabilidades estas que são inerentes ao seu papel de provedores.

É importante destacar que a negligência, as agressões e a violência contra a criança também podem ser reconhecidas de forma direta ou indireta, envolvendo as interações, as relações, e interferindo no desenvolvimento social da criança. Inclusive, muitas vezes, elas são caracterizadas pelo próprio corporativismo familiar. Por isso, é importante que realmente a sociedade como um todo seja preparada também para exercer a cidadania digital, compreendendo suas responsabilidades num contexto que não lhe pertence e não lhe favorece, mas que implica em ação e atitude, visto que num campo de convivência a sociedade também está infringindo os direitos da criança, mesmo não tendo responsabilidade direta sobre ela.

Nesse contexto, o delegado abordou também o cuidado ao tratar da criança que já se encontra negligenciada ou abusada de alguma forma no momento da denúncia, e explicou:

A depender da situação, existe uma revitimização da criança. É melhor que ela não seja ouvida, muitas vezes é até melhor, sabe? É duro dizer isso, mas é até melhor, sabe por quê? Porque ela já é vitimizada primeiramente pelo seu agressor, depois, pode ser vitimada pelo Estado várias vezes. [...] Então, quantas vezes ela vai ter que viver essa situação, sabe? Realmente, é uma situação muito, muito complicada.

Considerando que a criança tem o direito de educação e proteção garantido na forma da Lei, mas que maiormente os pais têm dever de agir assegurando essa proteção, o delegado faz um alerta a eles: “invista no maior patrimônio que você tem, que é o seu filho. [...] E investir no seu filho, é investir em orientação, em apoio, em cuidado [...]”. Ressalta ainda que “a melhor forma de proteger seus filhos é criando vínculo de amizade e respeito mútuo”, e que “a maior arma de um abusador é o amor. [...] É justamente usando desses artifícios de confiança e de amor, ou amor entre aspas, é que eles se aproximam”.

Em geral, todos pensam que o abusador logo age com violência e agressão, quando, na verdade, inicialmente se aproxima da criança, de seus familiares, conquistando a confiança de todos, e logo invadindo a infância de uma forma abrupta e cruel, usando de artimanhas que a criança nem sempre reconhece como sendo maldosas ou prejudiciais.

Strasburger, Wilson e Jordan (2011, p. 165) provocam reflexões a respeito do que intitulam como “[...] dessensibilização, que é uma forma de afetar a disposição da pessoa para intervir ou tomar uma atitude em benefício de uma vítima”. E isso tem sido frequentemente observado de forma devastadora em nossa sociedade: pessoas sendo coniventes com a violência; pessoas tendo conhecimento de fatos e situações graves de violência, não agindo e não denunciando; pessoas se omitindo nas diferentes circunstâncias, negando cuidado, segurança e proteção, seja a vítima qual for.

Ao abordar essas situações, o delegado insistiu afirmando que “a sociedade talvez pudesse contribuir mais, não se omitindo”; e ressaltando: “tudo bem, não se meta diretamente, mas noticie alguém, noticia. Hoje tem tantos números pra ligar, tem o disque 100 [...], tem tantos números que são disponibilizados pra gente falar”.

E novamente teceu um alerta aos pais:

Nós precisamos nos conscientizar que essa, a omissão, a falta de tempo, a falta, a ausência de tomada de iniciativa nesse sentido pra proteger nossas crianças e adolescentes, é algo que é muito grave, é muito grave, muito grave mesmo. E eu gosto sempre de usar essa expressão: a conta virá, a conta virá, a conta virá pra pagar.

Assim, o delegado continuou a afirmar “a relevância da sociedade estar envolvida em todas as facetas: na área policial, sociedade, educação, enfim, todos aqueles que direta ou indiretamente têm contato com as crianças”. Salientou, ainda, “a necessidade de políticas públicas” voltadas para esse assunto, justificando que é “um tema árduo, difícil e complexo”.

Realmente amparar a criança em seus direitos, preservando sua infância de forma digna e saudável, envolve o engajamento em todas as esferas da sociedade, saúde, educação, políticas públicas, segurança e ética. Portanto, não basta apenas disseminar informações, é preciso ter conhecimento, atitude, e agir com cuidado e cautela, tendo consciência de que este trabalho é intenso e desafiador, mas precisa ser feito com muito critério e seriedade.

E, de uma forma muito singular, o delegado ilustrou:

A gente se reunia aqui e falava assim: nossa, mas se tem tantos abusadores lá fora, a gente consegue, a gente prende um, prende outro, a gente não faz muita diferença, né? Mas aí, às vezes, fala assim, pra essa criança, pra esta criança eu fiz, eu não posso fazer pra todas, mas pra esta aqui a gente tenta fazer.

Fazer a diferença na vida de uma criança é respeitá-la em seus direitos, suas limitações, acolhendo seus medos, receios e anseios, permitindo-lhe viver com dignidade e humanidade, mas, acima de tudo, permitindo-lhe ser protagonista da sua história, vivendo suas experiências em um contexto que podemos intitular como cidadania digital.

4.3 ANÁLISE E VALIDAÇÃO DO GUIA PARA PAIS

Compreendendo as análises anteriores, a pesquisa teve continuidade com alguns exercícios de registros significativos, sendo selecionados materiais e recursos, textos, músicas, índices e dados obtidos por meio da pesquisa, documentos pertinentes e legislação, imagens, depoimentos de profissionais, dentre outros. Cabe salientar que a seleção destes materiais já vinha sendo realizada gradativamente desde a tomada de decisão sobre o produto final da

dissertação, um guia de orientação aos pais acerca dos limites e possibilidades do uso das mídias digitais pelas crianças, portanto, isso facilitou a curadoria e a escolha das informações para a produção do guia para pais.

A partir destes materiais, deu-se início ao esboço do guia para pais e, conforme a pesquisa foi sendo aprofundada, houve a necessidade de ampliação em alguns aspectos e retirada de outros. Inicialmente, houve a dificuldade em superar o uso da linguagem acadêmica e científica utilizada pela pesquisadora, sendo abordada, portanto, uma linguagem menos formal, valorizando a linguagem mais objetiva e acessível aos pais, critério fundamental para atingir a todas as famílias responsáveis por crianças com idade entre 8 e 12 anos, podendo ainda, os estudos abranger outras faixas etárias. Embora a linguagem estruturada no guia para pais priorize a linguagem mais simplificada e acessível, algumas citações e referências foram mantidas para garantir a fidelidade de informações importantes para os pais, permitindo portanto, não apenas uma linguagem coerente, mas acima de tudo, informações e conhecimentos pertinentes ao tema abordado e com orientações visando o olhar sensível às crianças e atitudes conscientes e responsáveis.

Concomitantemente à seleção de materiais, recursos e informações que iriam compor o guia para pais, foi sendo pensado o projeto gráfico com a colaboração da designer gráfica, e ainda, as questões que seriam disponibilizadas aos especialistas para a análise do guia e validação dos dados.

Assim, o esboço do guia para pais foi sendo ressignificado e redesenhado no decorrer da produção, com apoio da revisão de literatura, legislação, as análises dos questionários respondidos pelas crianças entre 8 e 12 anos, a análise da entrevista realizada com a autoridade em segurança pública, análise de dados estatísticos pesquisados, análise crítica da pesquisadora, análise de especialistas, dentre outros dados relevantes.

No momento da construção das ideias a respeito do projeto gráfico e da diagramação do guia, inicialmente, se prezava por um guia mais artesanal e personalizado, com tiragem de poucos exemplares para que o material realmente atingisse seu objetivo de levar conhecimentos e orientações com maior qualidade para os pais e/ou responsáveis por crianças na faixa etária de 8 aos 12 anos. Essa ideia surgiu, pois, pensava-se que tendo um material diferenciado dos convencionais e comerciais, os pais dariam maior importância,

apropriando-se melhor das informações nele contidas, o que seria apenas uma hipótese.

Conforme foram sendo realizados os primeiros registros do projeto gráfico, a ideia do material mais personalizado e artesanal foi sendo substituída, visto que posteriormente, pelo alto custo e maior organização para a produção, não teria como ser distribuído para muitos pais, portanto, as informações estariam acessíveis a poucos, o que também não seria produtivo, pois não cumpriria com o principal objetivo do projeto, que seria disseminar tais orientações como forma de apoio e auxílio nas orientações às famílias a respeito do acesso e uso das mídias digitais pela criança.

Foram vários exercícios de estudos, pesquisas, reflexões, revisões e considerações que resultaram no guia para pais, intitulado como: interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades.

Este guia apresenta elementos fundamentais para disseminar informações, conhecimentos e orientações aos pais acerca do acesso e uso das mídias digitais pelas crianças com idade entre 8 e 12 anos. Como esse guia é resultado e produto final de uma dissertação de mestrado, visa registrar o percurso da pesquisa, colaborando para a disseminação de conhecimentos à sociedade, o que implica em parceria e divulgação.

Para a divulgação apropriada do guia para pais, um fator importante foi compreender todas as etapas do processo de produção, garantindo que ícones, referências, autores, imagens e fotos, história em quadrinhos, entrevistas, informações diversas e outros registros fossem respaldados juridicamente, caso contrário, não haveria como disseminar tais informações.

Após a produção do guia para pais e várias revisões textuais e de diagramação, o guia foi impresso inicialmente com uma tiragem de 32 exemplares em uma gráfica, sendo a pesquisadora a única responsável pelos custos financeiros.

Do total de 32 exemplares, 27 unidades foram utilizadas para a distribuição aos pais e especialistas do tema abordado, que tinham como objetivo conhecer o mesmo, analisar as informações, a linguagem e as interações, e ainda, validar o guia como recomendado ou não, para posteriormente ser distribuído aos pais, numa próxima tiragem de exemplares.

Outros 5 exemplares foram reservados para a apreciação e análise por parte da banca de defesa do mestrado da pesquisadora.

Os especialistas foram escolhidos pela própria pesquisadora, que os selecionou conhecendo o perfil e a função de cada um por meio de livros, congressos, seminários, simpósios, encontros e eventos diversos e pesquisas na internet. No caso dos pais das crianças, estes foram selecionados tendo como critério ter filho na faixa etária pesquisada, compreendendo, portanto, especialistas em todas as áreas que perpassam o tema, como a saúde, a educação e a segurança.

Dessa forma, foram selecionados os pais e/ou responsáveis (famílias) por crianças com idade entre 8 e 12 anos, professores que atendem esta mesma faixa etária, pedagogos, gestores de escolas públicas e privadas, gestores de instituições públicas de diferentes departamentos, psicopedagogos, psicólogos, médicos pediatras, promotor de justiça, delegado e advogados.

Então, foi realizado contato com todos os especialistas que participariam do processo de análise do guia para pais e da validação deste para saber da predisposição em participar da pesquisa; os contatos foram realizados pessoalmente, ou ainda, via *e-mail*, telefone ou mensagem via *WhatsApp*.

Alguns especialistas logo manifestaram não poder participar da pesquisa neste momento, justificando demanda acentuada de trabalho ou período de férias, então automaticamente, os guias para pais foram entregues pessoalmente pela pesquisadora apenas para os especialistas que confirmaram sua participação, comprometendo-se com o processo de análise e considerações a respeito do guia.

Os guias para os pais foram sendo distribuídos a todos os pais e especialistas, que o receberam em versão impressa e também digital, de forma a facilitar o acesso e a leitura para participar da análise e validação. Juntamente com o guia, foi enviada uma carta convite, apresentando o projeto de pesquisa, seus principais objetivos e, por fim, a proposta a ser realizada para a validação deste percurso.

Logo após a entrega do guia, o formulário para a validação foi disponibilizado no “*Google Forms*”, via drive. Para compor as questões do formulário, foram sendo estruturadas questões abertas e fechadas,

compreendendo informações relevantes ao processo de produção do guia para pais.

Assim, o período recomendado para a leitura, apreciação, considerações e preenchimento do formulário aos especialistas participantes da pesquisa foi de 20 dias, no entanto, conforme o tempo foi passando, poucas foram as devolutivas, mesmo sendo enviados vários lembretes durante o período e todos terem confirmado a participação anteriormente.

Gradativamente, foi sendo realizado contato individual com os especialistas via *e-mail*, telefone e *WhatsApp*, incluindo o reenvio do guia e do formulário para preenchimento, salientando a importância da participação no processo de análise e validação do guia, visto que haviam se comprometido e a validação do guia seria algo importante para a finalização do projeto de pesquisa.

Assim, o prazo inicial para a devolutiva do formulário preenchido que era de 20 dias, foi ampliado para 40 dias, sendo que nesse período, a colaboração no retorno das devolutivas, totalizou 14 participações³.

As respostas dos formulários preenchidos foram sendo devolvidas e, conforme foram sendo apreciadas, também foram sendo registradas e analisadas de forma criteriosa, apresentando-se, portanto, dados coletados para compor a validade científica da pesquisa.

O propósito de se adotar métodos de validação conforme o objetivo de cada pesquisa consiste em uma perspectiva integradora, cujo intuito é alcançar uma proposta holística de validade, resguardando as pesquisas de caminhos e resultados equivocados (NASCIMENTO, 2018, p. 244).

Como forma de assegurar maior credibilidade e fidelidade ao percurso da pesquisa qualitativa, ressalta-se que foi utilizada a técnica por amostragem e saturação de dados, sendo a validação dos dados e informações a última etapa, resultando na produção do guia para pais, como produto final deste trabalho, para a disseminação de informações e orientações aos pais acerca do acesso e uso das mídias digitais pelas crianças.

³ A participação efetiva na validação dos dados do guia para pais, sucedeu-se por meio de 14 participantes, sendo: pais, professores, pedagogos, gestores de escolas públicas e privadas, gestores de instituições públicas de diferentes departamentos, psicopedagogo, psicólogos, promotor de justiça e advogado.

Minayo (2017, p. 5) apresenta a “[...] saturação como um termo criado por Glaser e Strauss para se referirem a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado”. No caso desta pesquisa, a validação do guia para pais representa esse momento do trabalho, sendo o produto final.

Fontanella (2008, p. 17), compreende a amostragem por saturação de dados como “[...] uma ferramenta conceitual, sendo considerada saturada quando apresenta redundância ou repetição, não sendo relevante persistir na coleta de dados”.

A seleção e os critérios que foram utilizados na pesquisa, dependem de vários elementos e decorrem inclusive, das diferentes dimensões, contextos sociais e culturais, momentos históricos, mas principalmente, advém da realidade pesquisada, com percepções que podem ressignificar determinadas informações.

“Trata-se de um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de dados” (NASCIMENTO, 2018, p. 244). Quando utilizada a técnica de saturação, é importante ter a consciência de que a pesquisa prevê resultados provisórios, e isso, se deve ao percurso, que contempla diversidade nos dados e informações por questões e fatores internos e externos, como tempo, duração, intensidade, frequência, ambiente, sujeitos, interações, organização e outros.

“O que precisa prevalecer é a certeza do pesquisador de que, mesmo provisoriamente, encontrou a lógica interna do seu objeto de estudo, em todas as suas conexões e interconexões” (MINAYO, 2017, p. 10).

É importante ressaltar que esta pesquisa, embora apresente dados estatísticos e quantitativos, apresenta-se como uma pesquisa qualitativa, visto a intensidade, a relevância e a densidade das informações a respeito do tema.

Por isso, busca-se por meio da saturação de dados, valorizar e reconhecer não apenas os dados que se repetem, mas que estão em consonância com outros elementos de validação científica, incluindo a análise do questionário realizado com as crianças, a análise da entrevista realizada com a autoridade em segurança pública e a análise realizada pelos especialistas acerca do guia para pais. Trata, principalmente, de dar significado ao processo, às relações estabelecidas, aos sujeitos, aos ambientes, aos objetos, fatos e acontecimentos.

Conforme afirma Minayo (2017, p. 08), “[...] o número de pessoas é menos importante do que o empenho de enxergar todas as possibilidades de se aproximar do objeto empiricamente, prestando-se atenção a todas as suas dimensões e interconexões.”

A partir das devolutivas dos formulários preenchidos pelos pais das crianças e especialistas que abordam o tema “interações da criança com as mídias digitais”, iniciou-se a organização dos dados da amostra, sendo que vários fatores foram relevantes nesse processo.

Um critério fundamental acerca da validação do guia para pais, foi considerar a participação de especialistas nas três áreas abordadas na pesquisa: saúde, segurança e educação. Esse critério foi primordial no sentido de apresentar diferentes olhares e concepções a respeito dos conteúdos e informações relevantes; esse fato reflete-se em uma abordagem significativa, pois considera o percurso, as informações, as diferentes formações dos especialistas, os diferentes contextos em que estão inseridos, as funções que exercem e os conhecimentos e experiências particulares de cada um.

Assim, cabe salientar que para a validação do guia, além dos resultados indicativos de número de respostas redundantes, pela saturação de dados, prezou-se abordar diferentes profissionais das áreas pesquisadas como forma de ampliar e aprofundar as percepções e os diferentes olhares.

Outro critério essencial utilizado para a saturação de dados, além da redundância e recorrência das informações, foi a intensidade com que alguns pais e especialistas expressaram suas opiniões, vindo ao encontro de falas das crianças encontradas no questionário e também ao encontro de falas da entrevista realizada com a autoridade em segurança pública.

Essas percepções remetem à reflexão de que as informações não são apenas repetidas, mas especialmente pertinentes e relevantes, pois aparecem em diferentes contextos, e não apenas no formulário com perguntas para a validação do guia para pais.

Um dado proeminente para a análise e validação do guia para pais, também diz respeito ao fato de manter a identidade e privacidade dos participantes, havendo sigilo nas informações prestadas. Isso confere maior confiabilidade nas respostas, maximizando o rigor para a investigação, pois as

peessoas sentem-se mais à vontade para expressar opiniões, críticas e apresentar ideias.

Vários fatores interferiram no processo de análise e validação da pesquisa como um todo, e ainda, do guia para pais como produto final desta dissertação. As saturações dos dados foram consideradas completas à medida que houve a recorrência das informações nas respostas do formulário, mas também mediante as percepções, conceitos e aprendizagens envolvendo o conhecimento teórico e à prática da pesquisadora. Além disso, foram considerados os objetivos iniciais da pesquisa, que conduziram a trajetória, a tomada de decisões e considerações relevantes.

Contextualizando, portanto, o percurso de análise e validação do guia para pais, além dos dados já citados anteriormente, o formulário com as questões disponibilizadas aos pais e aos especialistas foi produzido no *Google Forms*, sendo enviado um *link* por *e-mail* para cada participante ter acesso ao mesmo.

Ao abrir o *link*, cada participante recebeu o convite com uma breve apresentação sobre a pesquisa, os objetivos da mesma, o registro na Plataforma Brasil, o desenvolvimento, e ainda, sobre a sua participação como convidado(a). Em seguida, foi solicitado a cada participante, o preenchimento do endereço eletrônico, bem como a sinalização sobre a aceitação ou não em participar da análise e validação dos dados do guia para pais como convidado.

Com relação à análise e validação do guia para pais, foram apresentadas as questões para serem respondidas, seguidas das respostas dos participantes que foram registradas em sua forma original e sem qualquer alteração, respeitando a escrita de cada um.

Assim, a organização e a compilação de dados coletados seguiram algumas etapas:

1. Leitura e apreciação do guia para pais por parte dos participantes da pesquisa (especialistas).
2. Registro de dados e análise dos participantes por meio do *Google Forms*. (Formulário com questões).
3. Leitura e análise por parte da pesquisadora, das respostas registradas pelos participantes.

4. Organização das respostas dos participantes em forma de tabelas, seguida da análise crítica e reflexiva, compreendendo a população (participantes), a amostra e a amostragem com a saturação de dados, de forma a consolidar todo o processo da validação do guia para pais.

A organização dos dados coletados foi realizada em forma de tabelas, representando as percepções e análises registradas pelos participantes. Como todos os dados foram disponibilizados, as tabelas apresentam as respostas de todos os participantes, compreendendo a amostra da pesquisa e, após a compilação dos dados e a saturação deles, a amostragem encontra-se registrada como forma de possibilitar maior acesso aos dados e à interpretação da saturação destes.

Todas as tabelas apresentam duas colunas, sendo que a primeira coluna de cada tabela será utilizada para registrar o participante, sendo cada um nomeado com a letra P, indicando ser participante da pesquisa, seguido de um número que caracteriza a resposta em ordem de recebimento. Na segunda coluna da tabela, será apresentada a questão norteadora respondida pelos participantes.

Conforme a leitura do guia para pais, cada convidado recebeu a seguinte consigna: responda como você avalia:

Na tabela 1, foi apresentada a questão referente à apresentação visual do material, contemplando a diagramação, a formatação, a disposição das imagens e das informações.

TABELA 1 – CONSTATAÇÃO DA SATURAÇÃO TEÓRICA SOBRE A APRESENTAÇÃO VISUAL DO MATERIAL.

continua	
PARTICIPANTE	A APRESENTAÇÃO VISUAL DO MATERIAL:
P 1	Agradável.
P 2	Está ótima, bastante colorida, a letra é grande. Sem muita poluição visual.
P 3	Ótima.
P 4	Muito bem feita. Atrativa, objetiva, layout bem distribuído que proporciona a cadência na leitura de maneira prazerosa.
P 5	A apresentação do material está muito adequada, textos informativos curtos e diversificados com imagens interessantes e chamativas.

TABELA 1 – CONSTATAÇÃO DA SATURAÇÃO TEÓRICA SOBRE A APRESENTAÇÃO VISUAL DO MATERIAL.

		conclusão
PARTICIPANTE	A APRESENTAÇÃO VISUAL DO MATERIAL:	
P 6	Está de acordo. As citações merecem um destaque melhor. Talvez dentro de balões de fala.	
P 7	O material apresenta boa estrutura, está organizado de maneira clara, com ótima organização visual, sem poluições. Os diagramas e figuras utilizados convidam os leitores.	
P 8	Excelente. Bem elaborado.	
P 9	Boa apresentação. Material organizado de forma simples e atrativa.	
P 10	Bem elaborado e de fácil compreensão.	
P 11	Extremamente adequada, capaz de despertar o interesse.	
P 12	Muito boa.	
P 13	Muito boa, interativa, com vários recursos visuais: imagens, poesias, charge, histórias em quadrinhos, jogo de cores os quais despertam a atenção e foca no assunto em questão.	
P 14	Adequada.	

FONTE: A Autora (2019).

Vários foram os adjetivos mencionados pelos participantes da pesquisa para responder à questão sobre a apresentação visual do material, como: agradável, ótima, colorida, com letra grande, muito bem feita, atrativa, objetiva, clara, convidativa, adequada, excelente, de fácil compreensão, interessante e interativa. Outros sinônimos foram citados, no entanto, determina-se a saturação de dados na entrevista do P 13.

O P 13 foi escolhido para delimitar o adensamento teórico, pois acrescentou um dado muito importante na avaliação da apresentação visual do guia para pais, que estava previsto como objetivo para atingir de forma atrativa a todos os leitores. Afirmou que a apresentação é “muito boa, interativa, com vários recursos visuais: imagens, poesias, charge, histórias em quadrinhos, jogo de cores os quais despertam a atenção e foca no assunto em questão”. A palavra “interativa” contempla um dos maiores desafios da pesquisa: engajar os pais na leitura, convidando-os a continuar a mesma, interagindo e apropriando-se das dicas e informações para acompanhar o uso das mídias digitais pelas crianças.

Constatou-se, que o P 6 realizou a consideração de que “está de acordo. As citações merecem um destaque melhor. Talvez dentro de balões de fala.” Embora esse dado seja realmente uma consideração interessante, como o guia já possui uma apresentação colorida e com outras informações visuais nas páginas em que há as citações, este dado não será utilizado pelo fato de haver a preocupação em não saturar e poluir o projeto gráfico.

Na tabela 2, a questão norteadora foi referente à relevância do tema, portanto, a tabela representa os comentários dos participantes.

TABELA 2 – REGISTRO SOBRE A RELEVÂNCIA DO TEMA ABORDADO: “INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS: UM GUIA ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES”.

PARTICIPANTE	A RELEVÂNCIA DO TEMA:
P 1	De extrema relevância para os dias atuais.
P 2	De extrema importância.
P 3	Acredito ser de altíssima relevância uma vez que, as crianças estão cercadas de tecnologias digitais. Diante disso, é importante conscientizar pais e responsáveis acerca das possibilidades dum uso consciente.
P 4	Tema de intensa relevância na atualidade, para pais/responsáveis, educadores e sociedade civil tendo em vista o quantitativo de crianças com acesso e os cuidados necessários ao uso e interações no meio digital. Nas escolas, principalmente do 6º ao 9º ano, essa é uma temática bastante abordada nas práticas de professores e pedagogos.
P 5	O tema é de extrema importância no momento atual em que vivemos, as crianças estão utilizando cada vez mais as mídias digitais tanto em casa como nas escolas, porém na escola sempre existe a supervisão dos professores que acompanham os alunos, o que por vezes não acontece em casa com os pais. Os aparelhos eletrônicos acabaram por se tornar uma distração para os filhos enquanto os pais desenvolvem seus afazeres, ou seja, os filhos utilizam esses recursos sem muita supervisão. Existem maneiras de bloquear certos conteúdos nessas mídias, porém não são conhecidas por todos e como os conteúdos são atualizados o tempo todo é complicado conseguir utilizar esse recurso, logo a melhor maneira de proteger os filhos do que é inadequado nas mídias não é a supervisão constante, que se torna difícil, mas sim os indicadores citados na pesquisa.
P 6	Tema de elevada relevância para os pais.
P 7	Este tema é de fundamental relevância nos momentos atuais, e desperta interesse dos pais que têm filhos em formação.
P 8	As famílias precisam manter-se informadas constantemente. Tema relevante.
P 9	Tema de grande relevância. Os pais precisam ser informados sobre os riscos que as crianças estão expostas ao utilizarem as mídias sociais.
P 10	Tema interessante para nós que temos filhos pequenos e que já nascem praticamente introduzidos na tecnologia.
P 11	O acesso de crianças e adolescentes ao mundo virtual ocorreu muito rapidamente e os pais, por muitas vezes não vislumbrarem a nocividade que pode estar presente nestas interações, acabam por permitir uma liberdade extrema e sem vigilância. Nesta esteira, as orientações aos pais acerca da realidade em que se vê inserida uma criança quando interage na internet são de extrema importância e pertinência, principalmente para que possamos protegê-las das violações que hoje se revelam cada vez mais presentes no ambiente virtual.
P 12	Ótimo
P 13	Tema super em evidência, que se faz necessário ser abordado de uma forma interativa e sugestiva que servem de alerta e apoio aos pais.
P 14	Muito relevante.

FONTE: A Autora (2019).

Por unanimidade, todos os participantes relataram que o tema é de extrema importância, intensa relevância, relevante, pertinente, interessante e é

de grande importância para a proteção da criança, para garantir o seu desenvolvimento integral. Outros adjetivos e sinônimos foram acrescentados, o que demonstra que realmente o tema é atual, necessitando de pesquisa, aprofundamento e investimento.

Mesmo a questão tendo opinião unânime dos participantes, o ponderador para a saturação de dados pode ser observado no P 5, visto que a partir dele, os dados se repetem, apresentando redundância de informações. Além disso, o P 5 salientou a importância do controle parental, acrescentando dados importantes à segurança e proteção da criança ao fazer uso das mídias digitais. Essas considerações, refletem diretamente em percepções significativas, estabelecendo-se nesse ponto, a saturação de dados. A ilustração abaixo, representa e caracteriza aspectos desta opinião, registrada no guia para pais.

ILUSTRAÇÃO 10 – ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL.

ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL



Figura 5

Invista em momentos de mediação no uso das mídias digitais pelo seu filho, estimulando hábitos de tempo, atitudes de prevenção, ambiente de colaboração e cuidados consigo e com os outros.

A sua presença e o seu tempo são os **melhores presentes** que seu filho pode ter!

FONTE: A Autora (2019).

Os pais precisam acompanhar seus filhos nos momentos de interação do uso com as mídias digitais e, nesse sentido, Pinheiro (2013, p. 193) afirma que “devemos ensinar a prática da prevenção: formar, muito mais do que informar”. Assim, o olhar sensível abraçando a responsabilidade para que o adulto seja motivador nesse processo de aprendizagem para a criança, pode possibilitar o uso de forma consciente e saudável.

Outro fator mencionado é o de que as crianças realmente precisam do acompanhamento e da supervisão dos adultos nos momentos das interações com as mídias digitais, o que muitas vezes, ocorre no espaço escolar, mas não necessariamente em casa, com o apoio da família. Então, destaca-se a importância de conhecimentos por parte dos pais para bloquear acessos a determinados conteúdos como forma de proteção à criança.

Por meio desta análise, o guia para pais representa mais uma alternativa para disseminar informações, dicas e orientações aos pais, pois estabelece formação para um olhar sensível e protetor ao desenvolvimento da criança.

Na tabela 3, os participantes foram convidados a comentar sobre os conteúdos abordados no guia para pais e sobre a qualidade das informações.

Nesse sentido, cabe justificar que a pesquisa foi realizada com crianças com idade entre 8 e 12 anos, mas que os conteúdos apresentados no guia também podem ser utilizados por pais de crianças com outras faixas etárias, visto que algumas informações são abrangentes e contemplam as orientações para as demais.

TABELA 3 – COMENTÁRIOS SOBRE O CONTEÚDO E A QUALIDADE DAS INFORMAÇÕES.

PARTICIPANTE	CONTEÚDO E QUALIDADE DAS INFORMAÇÕES
P 1	Conteúdo diversificado e com informações consistentes.
P 2	Conteúdo ótimo, mas acredito que poderia aprofundar em alguns assuntos.
P 3	Ótimos.
P 4	O produto tem a intenção de ser um guia, que conduza, oriente o leitor com informações relevantes sobre a temática. Nesse sentido, o produto cumpre com sua finalidade. Os aspectos abordados como dados de utilização, indicadores de uso seguro, legislação, limites a observar, dicas do que fazer, referências, tornam o guia um interessante e abrangente material sobre a temática.
P 5	O conteúdo é de extrema relevância, trazendo dados importantes e reflexões a serem realizadas, informações exploradas de maneira a facilitar o entendimento e auxiliar as famílias nessa nova função de acompanhamento dos filhos. Todas as sugestões trazidas no guia são muito viáveis, fáceis de serem realizadas, o que será muito significativo para os pais que lerem e quiserem colocar em prática.
P 6	Conteúdo e qualidade atendem aos requisitos. Porém, sinto que falta explorar mais as possibilidades, bem como ajustes no formato (ex. texto justificado).
P 7	O material está bem dividido em tópicos que favorecem a visualização. O conteúdo está claro e de fácil compreensão e apresenta muita qualidade nas informações.
P 8	Muito bons.
P 9	Ótimo conteúdo, com informações de qualidade.
P 10	Muito bom. Tópicos interessantes com dicas para que possamos acompanhar com mais qualidade essa interação dos nossos filhos com o mundo digital.
P 11	O trabalho revela-se abrangente e adequado ao atingimento do público alvo, com conteúdo orientativo apresentado de maneira lógica e acessível.
P 12	Muito bom
P 13	Ótimo, eles se falam, dialogam entre si... chamando a atenção do leitor de forma clara, objetiva e prática...que levam a reflexão e com certeza mudanças de atitudes.
P 14	Relevante. Gostei muito do toque afetivo que se coloca no texto. Porém, achei que citar apenas o artigo 7o. do MCI é pouco para embasar direitos de crianças e adolescentes na Internet.

FONTE: A Autora (2019).

Os participantes realizaram suas considerações a respeito do conteúdo e da qualidade das informações, utilizando-se das seguintes declarações: conteúdo diversificado, informações consistentes, ótimo, interessante, abrangente, viáveis, informações de qualidade, muito bom, claro e de fácil compreensão e relevante.

O ponto de saturação de dados determinou-se no P 4, pois embora os demais participantes tenham usado palavras similares, este ponto já remete que o guia cumpre com o seu papel, sendo relevante, abordando dados de utilização,

indicadores de uso seguro, legislação, limites a observar, dicas do que fazer, referências, tornando-o interessante e abrangente material sobre a temática.

“Quando tentamos entender como as mídias são utilizadas e como os usuários são afetados, precisamos repensar [...]. Quais mídias são essas e os mecanismos pelos quais elas influenciam sua saúde, educação e relações” (RICH, 2013, p. 34).

Pensar nas interferências que as mídias possuem acerca do uso desmedido e excessivo pela criança, amplia as possibilidades de riscos eminentes, tornando-as vítimas imersa no mundo digital. Assim, Williams e Pereira (2003, p.49) afirmam:

A tecnologia comunicativa pode servir para praticar tanto ações de promoção dos direitos humanos quanto de rechaço a tais direitos. Assim, a má ou a boa utilização da tecnologia dependem de quem a está utilizando e do uso que faz dela, e não da tecnologia em si.

Alguns comentários citados pelos especialistas merecem considerações expressivas, pois corroboram para reflexões importantes no processo da pesquisa.

O P 6 afirmou que “conteúdo e qualidade atendem aos requisitos. Porém, sinto que falta explorar mais as possibilidades, bem como ajustes no formato (ex. texto justificado) ”.

Cabe salientar que o guia tem como objetivo ser prático e atrativo, dando indicações e orientações a respeito de algo, no caso, o guia para pais tem como objetivo disseminar informações acerca do uso seguro das mídias digitais pela criança. Dessa forma, as possibilidades foram contempladas no decorrer de todo o guia, com dicas, interações, imagens, legislação, música, quadrinhos e outros. Quanto à formatação do texto ser justificado, a informação não é relevante para a pesquisa, visto que há várias formas de se produzir um projeto gráfico, compreendendo diferentes concepções e formações.

O P 13 considerou o conteúdo e a qualidade das informações como “ótimo, eles se falam, dialogam entre si... chamando a atenção do leitor de forma clara, objetiva e prática...que levam a reflexão e com certeza mudanças de atitudes. ” Essa declaração confirma a importância de um guia prático para pais, capaz de despertar o interesse com clareza e objetividade nas informações e, ao mesmo tempo que contemple reflexões que se revertam em orientações,

ações e atitudes para o devido acompanhamento da criança ao fazer uso das mídias digitais.

O P 14 trouxe um olhar expressivo em suas considerações, relatando que o conteúdo e a qualidade das informações é “relevante. Gostei muito do toque afetivo que se coloca no texto.” A questão da afetividade acompanha todo o percurso da pesquisa e é considerado um dos cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança. Essa afirmação, enfatiza a importância de sensibilizar os pais por meio do exercício do afeto, principalmente, porque pelas intensas e frenéticas alterações das tecnologias, os aplicativos, redes sociais e recursos mudam com o passar do tempo e podem não se apresentar tão eficazes para garantir a segurança da criança.

A afetividade, portanto, é essencial para acompanhar as mudanças e sensibilizar os pais a serem presença na vida de seus filhos. O aspecto da afetividade é abordado logo na primeira página do guia, conforme ilustração, em consonância com as informações.

ILUSTRAÇÃO 11 – INTERAÇÕES E AFETIVIDADE.



FONTE: A Autora (2019).

Moran (2015, p. 24) enfatiza que “a aprendizagem precisa cada vez mais incorporar o humano, a afetividade, mas também as tecnologias de pesquisa e comunicação em tempo real”. Essa afirmação remete a pensar que a criança precisa se envolver, sentir-se motivada e engajada, acreditar em si e nos outros para ampliar seus conhecimentos, respeitando as diferenças, precisa aprender também o exercício da empatia, colocando-se no lugar do outro.

Um dos objetivos da pesquisa busca investigar a infância e o direito ao acesso e ao uso das mídias digitais pelas crianças na faixa etária entre 8 e 12 anos. Conforme o P 14 argumentou “achei que citar apenas o artigo 7º. do MCI é pouco para embasar direitos de crianças e adolescentes na Internet”. Realmente se pensar que a legislação é abrangente e o guia remete apenas um artigo sobre o direito de acesso da criança às mídias digitais, este poderia ser melhor abordado. Outras informações referentes à legislação encontram-se registradas na dissertação, no entanto, como o guia é prático e de uma leitura mais breve, prezou-se por informações variadas e curtas, com uma apresentação atrativa e de forma a contemplar vários contextos, por isso, a consideração não será relevante para a reavaliação do guia, pois ampliar a legislação, talvez signifique também tornar a leitura mais extensa e cansativa aos pais, ocasionando desinteresse por parte deles.

Na tabela 4, os participantes são convidados a manifestarem suas opiniões a respeito da linguagem e das interações com o leitor.

TABELA 4 – REGISTROS ACERCA DA LINGUAGEM UTILIZADA E AS INTERAÇÕES COM O(A) LEITOR(A)

Participante	Linguagem utilizada e as interações com o(a) leitor(a)
P 1	Adequada a proposta do material, possibilita boas reflexões
P 2	A autora acaba misturando linguagem científica com coloquial. Acho que seria interessante focar em uma só, principalmente na coloquial pois o guia é para pais.
P 3	De fácil de entendimento.
P 4	De maneira geral, sim. Sugiro apenas a revisão da página 5, nesse sentido.
P 5	A linguagem utilizada acredito estar ao alcance do público alvo que seriam os pais, com exceção da página 5, onde as informações trazidas podem parecer confusas para pessoas leigas. A interação acredito ser a melhor parte do guia, pois existem muitos momentos onde os pais são convidados a refletir a respeito de sua interação com os filhos, o que é muito importante para que ocorra uma mudança de atitude.
P 6	Muito boas!
P 7	Apresenta texto muito convidativo. Dá vontade de realizar agora mesmo algumas ações propostas. Sem contar que favorece e fortalece os vínculos de pais e filhos e nos faz repensar o tempo que estamos dedicando aos nossos maiores tesouros.
P 8	Claros e objetivos.
P 9	Linguagem acessível, de fácil compreensão e interação com o leitor.
P 10	Linguagem de fácil interpretação. Temas bem explicados. Conteúdo de qualidade.
P 11	A linguagem permite a utilização do guia por todos os pais, independentemente da condição socioeconômica, revelando-se, também sob este aspecto, importante ferramenta de orientação às famílias.
P 12	Bons.
P 13	Uma linguagem clara, objetiva, de fácil compreensão, que chama a atenção e desperta a curiosidade do leitor, já que sugere os cinco indicadores da temática abordada de uma forma que "casou" a teoria e a prática.
P 14	Simples e adequada

FONTE: A Autora (2019).

A respeito da linguagem e das interações com os leitores, os especialistas apreciaram e teceram considerações de modo a aprovar a forma como estas foram utilizadas no guia para pais. Para isso, utilizaram-se de termos, como: adequada, possibilita boas reflexões, fácil entendimento, muito boas, texto convidativo, claros e objetivos, linguagem acessível, de fácil compreensão e interação com o leitor, linguagem de fácil interpretação, temas bem explicados e conteúdo de qualidade, bons, simples e adequado.

Pelo fato de haver redundância em várias considerações por parte dos participantes, a saturação de dados poderia ocorrer logo no início, no entanto, algumas considerações foram essenciais para definir o ponto da saturação.

Uma declaração foi essencial para valorizar a importância da linguagem e da interação do(a) leitor(a) com o guia para pais, sendo observada no momento

em que o P 5 expressa: “a interação, acredito ser a melhor parte do guia, pois existem muitos momentos onde os pais são convidados a refletir a respeito de sua interação com os filhos, o que é muito importante para que ocorra uma mudança de atitude”.

Essa consciência reforçada pela apreciação do guia para pais, reflete em atitudes e comportamentos que espera-se da família, quando esta vir a ter contato com o guia para pais. Esse aflorar para a mudança de atitudes, indica que os dados e informações são relevantes e atingem os objetivos propostos.

Rich (2013, p. 32) afirma que:

A nossa tarefa como cuidadores, pais e cidadãos do século XXI é compreender as mídias, reconhecer e usar seu imenso potencial para o bem, proteger a nós mesmos e aos outros contra danos e discernir quando elas são a melhor ferramenta para a atividade em questão, desligando-as quando não for esse o caso.

Quando percebe-se os pais e a família envolvidos no processo das interações da criança com as mídias digitais, também crescem as possibilidades para a melhoria das relações interpessoais, e nesse contexto, a linguagem e as interações são essenciais para a busca da consciência, maturidade e exercício da responsabilidade por parte da criança.

Nessa questão, a interação permitiu sensibilizar os adultos enquanto leitores, mas também enquanto responsáveis pelo desenvolvimento da criança. Uma consideração relevante foi realizada pelo P 7, que declara: “texto muito convidativo. Dá vontade de realizar agora mesmo algumas ações propostas. Sem contar que favorece e fortalece os vínculos de pais e filhos e nos faz repensar o tempo que estamos dedicando aos nossos maiores tesouros”.

É interessante perceber que estímulos externos podem motivar e impulsionar atitudes e hábitos diferentes pelos próprios adultos, sendo estes referência para a criança. Por esse mesmo motivo, Williams e Pereira (2013, p. 56) ressaltam que “é necessário que os adultos sejam modelos para as crianças e busquem criar um clima de respeito, aceitação e suporte a todos.”

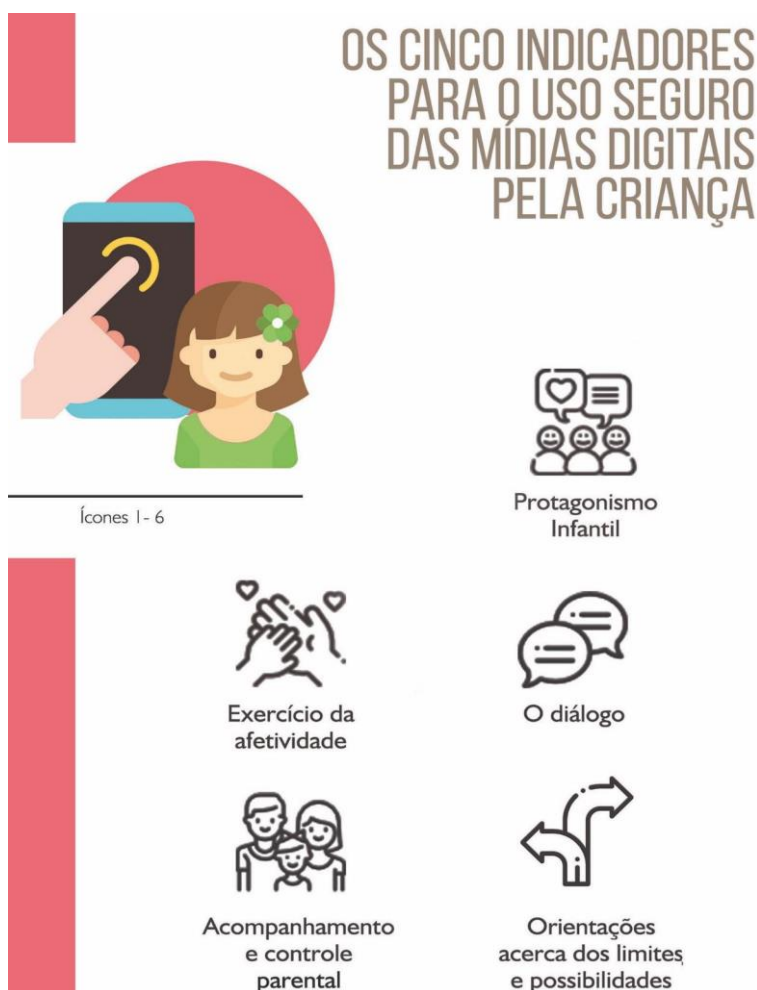
Todas as considerações acima, registram a importância que a linguagem e as interações estabelecem no cotidiano, ressignificando momentos. Então, observa-se que o guia para pais resultou em uma relação envolvente,

compreendendo sentimentos, emoções, percepções, reflexões e conhecimentos.

A partir da análise e das reflexões que se estabeleceram, embora bem antes já se pudesse perceber a redundância das informações, o ponto que foi elemento essencial nesse processo, determinando a saturação de dados aconteceu com a participação do P 13, que abordou a linguagem e a interação com o leitor como: “uma linguagem clara, objetiva, de fácil compreensão, que chama a atenção e desperta a curiosidade do leitor, já que sugere os cinco indicadores da temática abordada de uma forma que "casou" a teoria e a prática.”

No guia para pais, os cinco indicadores foram registrados e encontram-se em consonância com os dados e informações da pesquisa.

ILUSTRAÇÃO 12 – OS CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA.



FONTE: A Autora (2019).

Esse olhar acerca dos cinco indicadores que foram criados para garantir o uso seguro das mídias digitais pela criança, realmente foi um diferencial que delimitou a sensibilidade do participante como leitor. Sendo assim, os cinco indicadores vieram como forma de fortalecer a linguagem, as interações e as relações interpessoais.

A linguagem, as interações e os cinco indicadores resultam, portanto, em formas para que a criança exercite a cidadania digital, utilizando-a de forma a usufruir de suas potencialidades, minimizando qualquer risco ou dano que possa se apresentar no contexto ao qual encontra-se inserida.

Na tabela 5, os participantes são convidados a analisarem e refletirem sobre os “cinco indicadores para o uso das mídias digitais pela criança”, emitindo opiniões sobre a relevância destes.

TABELA 5 – ANÁLISE E REGISTRO DOS PARTICIPANTES ACERCA DOS “CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA”, SENDO ELES: E PROTAGONISMO INFANTIL, O EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE, O DIÁLOGO, O ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL E ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES. DE ACORDO COM A SUA ANÁLISE, ESSES INDICADORES CONTRIBUEM PARA APOIAR AS FAMÍLIAS A POSSIBILITAREM INTERAÇÕES SAUDÁVEIS DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.

continua

Participante	Percepção sobre os cinco indicadores para o uso saudável das mídias digitais pela criança
P 1	Sim. Os indicadores podem auxiliar as famílias constituindo-se em referências para refletir sobre o uso atual das mídias pela criança e serve como referência para readequar o uso, se necessário.
P 2	Sim, acredito que sim. Mas em minha opinião poderia enfatizar mais com exemplos e dicas como utilizar esses indicadores. Por exemplo, no "Acompanhamento e controle parental": Explicar sobre os mecanismos que sites/jogos/Netflix tem que podem ser utilizados além do diálogo direto.
P 3	Sim, acredito que estes sejam elementos básicos e assertivos no que diz respeito à interação digital das crianças, interação essa que quando pautada nestes elementos ocasionam uma orientação fidedigna.
P 4	Sim. Os estudos que temos realizado nos mostram que a prevenção e orientação são fatores fundamentais para o exercício saudável da cidadania digital. Os cinco indicadores tratam de maneira prática, desses dois aspectos.
P 5	Sim, acredito que todos os indicadores citados contribuem para interações saudáveis de maneira pertinente e viável, pois nenhum pai consegue acompanhar o filho o tempo todo enquanto ele utiliza as mídias digitais, então concordo que as melhores maneiras de protegê-los são essas citadas no guia, pois elas basicamente estão voltadas para uma aproximação entre pais e filhos, que não precisa ocorrer necessariamente no momento da utilização das mídias, mas no cotidiano, que auxilia não somente com relação às mídias digitais, mas na vida como um todo.
P 6	Contribuem sim, na medida em que apontam maneiras de abordar esse tema, de modo acessível, responsável e ético.

TABELA 5 – ANÁLISE E REGISTRO DOS PARTICIPANTES ACERCA DOS “CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA”, SENDO ELES: E PROTAGONISMO INFANTIL, O EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE, O DIÁLOGO, O ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL E ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES. DE ACORDO COM A SUA ANÁLISE, ESSES INDICADORES CONTRIBUEM PARA APOIAR AS FAMÍLIAS A POSSIBILITAREM INTERAÇÕES SAUDÁVEIS DA CRIANÇA COM AS MÍDIAS DIGITAIS? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA. **Conclusão**

Participante	Percepção sobre os cinco indicadores para o uso saudável das mídias digitais pela criança
P 7	Sim. O uso desenfreado das mídias digitais por crianças ainda muito pequenas, que não aprenderam a se relacionar com o mundo real pode ser catastrófico se não for bem administrado pelos pais. Esses indicadores servem de alerta para estarmos atentos não só ao tempo, mas aos conteúdos que nossos filhos estão tendo acesso, além da importância do fortalecimento de vínculos. Faz com que nós pais fiquemos atentos. Às vezes é uma verdadeira alfinetada.
P 8	Sim. Pois esses indicadores contribuem para que as famílias percebam em quais deles estão falhando ou dando menos importância para, efetivamente, mudar o comportamento.
P 9	Certamente esse material poderá ser de grande contribuição. Além de informar, o guia procura fazer um resgate das relações familiares saudáveis, mostrando a importância do diálogo e da afetividade tão necessárias ao desenvolvimento infantil.
P 10	Sim, porque com esses indicadores conseguimos estar mais próximos dos nossos filhos. Assim eles criam confiança em nos mostrar o que acessam na internet e com isso conseguimos "monitorar" para que não caiam em armadilhas digitais.
P 11	Com toda certeza esses indicadores servirão de parâmetro para auxiliar os pais na avaliação dos conteúdos e acessos adequados às crianças e adolescentes, funcionando também como critérios norteadores de novas condutas que devem ser adotadas por toda a sociedade, no sentido de fiscalizar o uso da internet em todos os ambientes que acolhem o público infanto-juvenil, e, mais do que nunca, dialogar com nossos filhos sobre os perigos “disfarçados” que se lhes apresentarão, tudo para que possamos romper com este ciclo de violações a nível cibernético que vem apresentando cifras assustadoras, decorrentes, em regra, da falta de informações e da invisibilidade da problemática.
P 12	Sim, são pontos relevantes!
P 13	No meu ponto de vista, a pesquisadora foi feliz em abordar esses indicadores, que são um dos pilares do desenvolvimento infantil com qualidade. Sabe-se que a criança em seu desenvolvimento global, necessita de estímulos saudáveis e de qualidade em seus vínculos familiares, ambiente... Essas interações, a pesquisadora expõe de forma assertiva que acontecem por meio de diálogo, afetividade, autonomia da crianças em suas ações de explorar, conhecer, experimentar e apropriar-se do uso das mídias e tecnologias, sendo orientada pelos seus pais e ou responsáveis com responsabilidade, carinho, atenção ao uso do que lhe é de direito, possibilitará um percurso de aprendizagem consciente em suas atitudes, hábitos, habilidades, ética para si e para o outro.
P 14	Sim, são essenciais para as famílias auxiliarem crianças e adolescentes a interagirem saudavelmente na internet. Na minha singela visão, eu achei que as dicas de atividades <i>off-line</i> poderiam ser apresentadas de forma mais resumida, citando somente exemplos de atividades para se fazer com os filhos e citar atividades esportivas também: andar de bicicleta, patinete, patins, passear no parque, brincar de esconde-esconde, pega pega, queimada, amarelinha, dentre inúmeras outras

FONTE: A Autora (2019).

Todos os participantes da pesquisa manifestaram que os cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança realmente contribuem para apoiar as famílias a possibilitarem interações saudáveis da criança com as mídias digitais. Esses indicadores foram criados a partir de várias leituras e reflexões, compreendendo autores e conceitos diversos, vinculando-os como forma de ampliar as possibilidades para o acompanhamento e orientação aos pais.

Conforme afirma Pinheiro (2013, p. 188), “[...] a criança deve ser assistida no uso de tecnologia e, conforme conquista confiança e responsabilidade, vai tendo mais autonomia”. Nesse sentido, cabe acompanhar, educar e orientar a criança, formando atitudes de consciência e responsabilidade para o uso saudável das mídias digitais.

Observou-se que cada autor pesquisado enfatiza determinada questão ou critério para auxiliar os pais nesse processo, tendo olhar específico para a saúde, educação ou segurança. Por esse motivo, a pesquisa amplia essa perspectiva, colaborando com critérios que sugerem cuidado e atenção à criança em todas as áreas, de modo a garantir segurança e proteção no uso das mídias digitais, caracterizando a prevenção como agente essencial nesse processo.

Considerando as percepções dos participantes da pesquisa, as manifestações a respeito dos cinco indicadores foram as seguintes: são referências para refletir o uso atual das mídias pela criança, são elementos básicos assertivos no que diz respeito à interação digital das crianças, prática, contribuem para interações saudáveis de maneira pertinente e viável, contribuem de modo acessível, responsável e ético, servem de alerta para os pais e fortalecimento dos vínculos, informam e resgatam as relações familiares saudáveis, criam confiança, são relevantes, são pilares do desenvolvimento infantil com qualidade, são essenciais e com sugestões sobre outras atividades esportivas e brincadeiras.

Refletindo sobre essas perspectivas, a saturação de dados obteve-se somente no P 14, pois este apresentou dados relevantes e novos elementos para a pesquisa. Os dados essenciais para caracterizar sua densidade, foram determinados pela seguinte expressão: “as dicas de atividades *off-line* poderiam ser apresentadas de forma mais resumida, citando somente exemplos de atividades para se fazer com os filhos e citar atividades esportivas também:

andar de bicicleta, patinete, patins, passear no parque, brincar de esconde esconde, pega pega, queimada, amarelinha, dentre inúmeras outras.”

Se as interações saudáveis e a afetividade são essenciais para o desenvolvimento integral da criança e, dessa forma, estimulam aprendizagens significativas que conduzem à maturidade, consciência, ética e responsabilidade, além do exercício de tantas outras habilidades cognitivas, então, realmente os exemplos acima podem tornar o guia mais atrativo, ampliando as possibilidades de interações com as crianças.

A consideração merece um olhar expressivo e criterioso, sendo ampliadas as possibilidades de interações off-line, no entanto, sem reduzir as que já encontravam-se registradas. Embora as ideias apresentadas possam parecer óbvias demais ao serem lidas, muitas vezes, condicionados pela rotina, os pais e as famílias não conseguem vislumbrar possibilidades de lazer e entretenimento sem ser em torno das tecnologias digitais, em todas as suas amplitudes.

O participante P2 também colaborou com uma sugestão para o acompanhamento e controle parental: “Sim, acredito que sim. Mas em minha opinião poderia enfatizar mais com exemplos e dicas como utilizar esses indicadores. Por exemplo no “Acompanhamento e controle parental”: Explicar sobre os mecanismos que sites/jogos/Netflix tem que podem ser utilizados além do diálogo direto”.

As considerações são relevantes, no entanto, justifica-se que a ideia do guia vem ao encontro de disseminar informações e dados de forma criativa e diversificada, agregando conhecimento e interação, de forma que torne-se atrativo, prático e convidativo, alcançando a todos os leitores. Com relação aos mecanismos de controle parental, cabe salientar que estes apresentam-se com vários nomes, programas e funções diferenciadas e, em sua grande maioria, não são totalmente seguros, apresentando lacunas com eventuais falhas. Dessa forma, optou-se por não citá-los no guia, até porque são de empresas especializadas e não poderiam estar sendo veiculados sem autorização prévia. Além disso, como os aplicativos estão em constante mudanças, os sistemas e programas são frequentemente avaliados e alterados, portanto logo, o guia estaria desatualizado.

Prezou-se então, por enfatizar as informações aos pais, com charge, dicas e ideias para estimular as reflexões sobre atitudes e hábitos destes com

seus filhos, princípios estes, que devem ser exercitados cotidianamente, independente dos aparelhos, aplicativos, programas ou recursos digitais que vierem a ser novidade no mercado tecnológico.

A recomendação sobre a distribuição do guia para pais foi outra proposta avaliada pelos participantes da pesquisa, conforme registro na tabela 6.

TABELA 6 – REGISTRO DA OPINIÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: CONSIDERANDO A SUA AVALIAÇÃO A RESPEITO DO “GUIA PARA PAIS”, VOCÊ RECOMENDA A DISTRIBUIÇÃO DESTE MATERIAL PARA AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS COM IDADE ENTRE 8 E 12 ANOS, COMO FORMA DE DISSEMINAR INFORMAÇÕES, DICAS E SUGESTÕES AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS PARA O USO SEGURO, CONSCIENTE E RESPONSÁVEL DAS MÍDIAS DIGITAIS PELAS CRIANÇAS?

Participante	Recomendação da distribuição do Guia para Pais
P 1	Sim
P 2	Sim
P 3	Sim
P 4	Sim
P 5	Sim
P 6	Sim
P 7	Sim
P 8	Sim
P 9	Sim
P 10	Sim
P 11	Sim
P 12	Sim
P 13	Sim
P 14	Sim

FONTE: A Autora (2019).

Considerando as análises realizadas até o presente momento, várias declarações vêm ao encontro do sim recomendando a distribuição do guia para pais, dado por unanimidade de todos os participantes da pesquisa. Embora haja a unanimidade, é importante considerar que a partir do P 5 já ocorre a saturação dos dados visto que representa a opinião de mais de um terço dos entrevistados. Além disso, essa afirmativa pela distribuição do guia não representa apenas a sinalização da simples recomendação, mas principalmente, as manifestações realizadas nas questões anteriores expressando a importância e a relevância do guia.

Conforme as opiniões declaradas pelos participantes, a relevância do tema, as interações abordadas, as dicas, sugestões e a forma atrativa e motivadora com que se apresentam, são recomendadas e assertivas. Dessa forma, o guia para pais, embora recomendado por todos, necessita passar por

pequenos ajustes, que serão considerados perante as sugestões pertinentes dos participantes especialistas.

Pensando na distribuição do guia para os pais como forma de ampliar as reflexões, o acompanhamento e as orientações acerca do uso das mídias digitais pela criança, Eisenstein (2013, p. 216) compreende que “cidadania, direitos e responsabilidades se aprendem na família, na escola e a cada momento de convívio com outros no contexto social”.

Então, ao disseminar dados e informações a respeito da pesquisa, compreende-se que esses vêm corroborar para engajar a família e a sociedade como um todo, preservando e cuidando da infância na era digital.

Na tabela 7, os participantes emitiram opiniões, sugestões, ideias e outras considerações que julgaram relevantes à validação do guia para pais.

TABELA 7 - SUGESTÕES, IDEIAS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES PERTINENTES PODERÃO SER AQUI REGISTRADAS POR VOCÊ.

continua

Participante	Sugestões, ideias e outras considerações dos participantes
P 1	Uma sugestão seria a inclusão de um tópico onde as crianças de 8 a 12 anos pudessem expressar-se, enriquecendo ainda mais o material.
P 2	Página 3: Poderia transformar todas as informações em gráficos, visualmente seria mais estimulante e simples de entender as porcentagens. Página 5: Acredito que a linguagem ficou muito científica. Talvez colocando algum exemplo prático no mundo digital ajudaria melhor a entender. A charge dessa página está em baixa resolução. Página 7: Como ter/fazer esse diálogo com seus filhos no mundo digital. Importante também. Página 8: Colocar exemplos, dicas, explicar sobre esse controle parental que existe nos sites e etc. Página 9 e 10: Poderia colocar os limites de uma cor e possibilidades de outra, pra visualmente ficarem diferentes. Página 12: Poderia juntar com a página 16, e dar informações aos pais caso tenham algum problema na internet com seus filhos. Página 13 e 14: Acho super legal as dicas, mas eu achei um pouco fora do contexto. Poderia colocar mais dicas de como os pais podem também passar tempo com seus filhos nesse mundo digital. E não só ter interações offline para uma infância feliz, porque é quase impossível depois de uma idade. Página 16: Muito legal, poderia explicar melhor o que são esses crimes e violações que podem ocorrer e como proceder. Eu colocaria também algumas dicas da Sociedade Brasileira de Medicina, sobre idade do início do uso da internet e etc. No geral está ótimo, somente algumas considerações!! Obrigada pelo convite para participar!
P 3	Parabéns pelo excelente material.

TABELA 7 - SUGESTÕES, IDEIAS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES PERTINENTES PODERÃO SER AQUI REGISTRADAS POR VOCÊ.

Participante	Sugestões, ideias e outras considerações dos participantes
P 4	Há um aspecto conceitual a observar. O guia trata de interações com as mídias digitais. Qual o conceito de mídias digitais adotado? No meu entendimento como pesquisadora da área, evidencio que aqui temos um conceito que não se restringe à internet, mas também ao rádio, tv, vídeos, músicas, revistas, jornais, redes sociais, enfim, às linguagens bem como seus equipamentos: celulares, computadores, <i>tablets</i>, rádios, TVs, etc. Durante a leitura do material, fiquei confusa em identificar se tratava do uso da internet, ou do uso do celular para outras atividades que não necessitam obrigatoriamente da internet, como alguns jogos, por exemplo. Também há que se considerar aspectos específicos do uso das redes sociais e outros usos como vídeos e jogos, que são os mais acessados por essa faixa etária. Ou, em se tratando disso tudo, creio que caberia uma definição para situar o leitor. - Na página 8, sobre controle parental, sugiro colocar dicas de como os pais podem fazer ou indicar tutoriais disponíveis na internet que trazem informações de como realizar o processo em aparelhos. - Indicar outros materiais produzidos sobre a temática. No site da Safernet há cartilhas sobre diferentes assuntos correlatos.
P 5	Uma sugestão, que talvez não seja pertinente ao foco do guia, seria de iniciá-lo com um texto mais incisivo, com dados mais alarmantes, trazendo os absurdos que andam ocorrendo com crianças que são influenciadas por meio das mídias, algo chocante que atraísse a atenção dos pais, para que visualizassem que é algo realmente necessário estar presente na vida de seu filho e controlando o que ele acessa. Na página 2 onde descreve o modo pelo qual a criança aprende, acredito que seria válido incluir que ela aprende também observando, o que já faria um link com a página seguinte onde fala que os pais podem ser a referência dos filhos e nesse caso normalmente são, pois eles os observam a mexer nas mídias o que gera o interesse e faz com que inicialmente imitem os pais nos comandos dados nessas situações. Nas páginas 9 e 10, onde são trazidos os limites e as possibilidades das mídias digitais, acredito que seria interessante que as cores deveriam ser diferenciadas, para os limites uma cor diferente das possibilidades, para facilitar a diferenciação e a visualização.
P 6	O participante não apresentou considerações.
P 7	Parabéns pelo maravilhoso material. Esse guia nos faz ficar atentos, repensar nosso dia a dia, e nos deixa com uma vontade imensa de estar mais próximos de nossos filhos, trocando afeto. Dá vontade de correr abraçá-los.
P 8	O participante não apresentou considerações.
P 9	O participante não apresentou considerações.
P 10	Parabéns pela escolha do tema e pela elaboração do material. Muito legal!
P 11	O participante não apresentou considerações.
P 12	Creio que para um material desse não seja necessário colocar as referências no meio do texto e numeração nas figuras.
P 13	Considerando de grande importância a temática pesquisada, e tão necessário o resgate das relações saudáveis entre pais e filhos (pag.13)...onde os pais são exemplos, espelhos para o desenvolvimento dos filhos... o rico momento do brincar, fica a dica para enriquecer ainda mais as interações pais e filhos: o brincar de faz de conta, o brincar explorando a criatividade da criança com apenas a linguagem, ou uma simples sucata, onde o uso da imaginação...reporta toda a infância...que muitas das vezes se perdem pelo excesso do mau uso das tecnologias...
P 14	Incluir outras referências como os materiais do NIC.br: Guia Internet com Resposta e Internet Segura (www.internetsegura.br).

FONTE: A Autora (2019).

As considerações manifestadas pelos participantes especialistas da pesquisa, vieram ampliar as possibilidades e valorizar a reformulação do guia para pais, ressignificando o olhar criterioso e sensível acerca do tema e, principalmente, para as adequações de modo a torná-lo ainda mais prático, atrativo, funcional e acessível.

Analisando as sugestões, ideias e considerações, a saturação de dados apresenta elementos diferenciados até o P 12, portanto, o adensamento se dá neste ponto, em que ele relata: “creio que para um material desse não seja necessário colocar as referências no meio do texto e numeração nas figuras.” Esta afirmação é de extrema relevância e aponta para critérios e questões que, aparentemente, podem passar despercebidos por alguns leitores, no entanto, para a produção de todo e qualquer material, principalmente nesse caso, em que há uso de diferentes recursos e fontes, justifica-se a manutenção dessas citações no decorrer do texto, respaldando legalmente o uso de todos os dados utilizados, respeitando dessa forma, os direitos autorais.

Alguns elementos foram redundantes e outros singulares no percurso apresentado, no entanto, nem todos serão considerados para a reformulação do guia para pais, visto que o número de páginas aumentaria demais, descaracterizando o guia e talvez, até trazendo desinteresse na leitura pelos pais por ficar extenso.

É importante destacar que o guia foi escolhido como produto final da pesquisa, portanto, não se equipara a um jornal, revista, ou ainda, a um livro. Assim, necessariamente, apresenta características próprias, que conforme algumas considerações dos especialistas, poderiam estar interferindo nos critérios para a sua organização.

Algumas sugestões que vêm ao encontro com o percurso da pesquisa, considerando os conceitos dos autores neste processo, bem como os objetivos propostos e que enfatizam os objetos do estudo e suas relações, como a afetividade, a criança, a interação, a brincadeira, o diálogo, a proteção, a prevenção, o cuidado, a sensibilidade, o protagonismo infantil, o acompanhamento e o controle parental, os limites e as possibilidades, são prováveis escolhas para a reformulação do guia para pais.

Estas sugestões, confirmam e destacam a importância do uso seguro e saudável das mídias digitais pela criança, acrescentando significado e

informação aos pais que são os leitores do guia. Algumas considerações foram registradas no guia por especialistas da área, confirmando e validando a importância do tema.

ILUSTRAÇÃO 13 – CONSIDERAÇÕES DE ESPECIALISTAS.

COM A PALAVRA... OS ESPECIALISTAS. AOS PAIS:



DR. FLÚVIO CARDINELLE GARCIA
Especialista em Segurança Pública

"Invista no maior patrimônio que você tem, que é o seu filho [...]. E investir no seu filho, é investir em orientação, em apoio, em cuidado [...]."
(GARCIA, 2018).



DRA. CINEIVA CAMPOLI PAULINO TONO
Especialista em Tecnologia e Sociedade

"Quanto à responsabilidade que possuem acerca da garantia de proteção das crianças na era digital, de modo a desenvolver valores humanos e sociais para as futuras gerações, superando a frieza das relações preponderantemente materializadas por dispositivos tecnológicos."
(TONO, 2017)



ELIANE BLASZKOWSKI CHAMPAOSKI
Especialista em Educação

"Os princípios da criança estão sempre pautados no despertar para a alegria, no despertar da criatividade, das emoções e de tudo aquilo que lhe atribui esperança e prazer. Brincar, explorar e interagir possibilitam a cada criança uma experiência única, singular e particular".
(CHAMPAOSKI, 2018)

FONTE: A Autora (2019).

Outra ideia foi apresentada pelo P 1, sendo considerada muito relevante, pois o participante afirma que: "uma sugestão seria a inclusão de um tópico onde as crianças de 8 a 12 anos pudessem expressar-se, enriquecendo ainda mais o

material”. Esta é uma forma simples e prática de se respeitar os sentimentos, os desejos e os conhecimentos prévios da criança, no entanto, neste momento, não há tempo suficiente para estruturar a devida organização visto que demanda seleção de crianças, autorizações dos pais, a aplicação da proposta e a diagramação do guia. Assim, mesmo sendo relevante, esta consideração não será realizada, podendo posteriormente, ser utilizada para compor outros documentos e ideias.

O P 2 trouxe várias reflexões que vieram a contribuir para as análises e a reformulação do guia para pais. A primeira sugestão citada, “página 3: Poderia transformar todas as informações em gráficos, visualmente seria mais estimulante e simples de entender as porcentagens” foi aceita, pois o gráfico apresenta melhor visibilidade, portanto, esses dados serão reestruturados na versão final do guia para pais.

Na página 5 também o P 2 faz considerações pertinentes a respeito da linguagem utilizada, posicionando que a mesma foi articulada de forma mais científica. Esta análise também foi observada por outros participantes em questões anteriores, portanto, será reestruturada para facilitar a compreensão dos pais no momento da leitura do guia. Com relação à história em quadrinhos, nomeada pelo participante como “charge”, realmente encontra-se em baixa resolução, portanto, foi realizado contato com a editora responsável, que providenciou a devida autorização para o uso da imagem, e ainda, disponibilizou uma versão com uma resolução melhor.

Na página 7, o P 2 sugere “como ter/fazer esse diálogo com seus filhos no mundo digital”. Há muitas formas de se contemplar o tema, mas a citação registrada é de uma médica pediatra e a observação dela é muito sensata, crítica e sensível à causa, portanto, não há motivos para alteração e, como não há muito espaço para explorar tantas possibilidades, a citação será mantida, pois representa os fundamentos que devem ser possibilitados nas interações e no diálogo da família com a criança, como afeto, respeito, compreensão, tolerância e confiança.

Na página 8, o P 2 sugeriu “colocar exemplos, dicas, explicar sobre esse controle parental que existe nos sites e etc.” Como esta declaração já apareceu em tabelas anteriores, foi justificada e não será considerada na reestruturação do guia.

Nas páginas 9 e 10, o P 2 declarou que “poderia colocar os limites de uma cor e possibilidades de outra, pra visualmente ficarem diferentes”. Essa sugestão também foi contemplada por outro participante, no entanto, a reestruturação não será relevante no sentido da alteração de cores, pois a intenção não está em separar os limites e as possibilidades, e nem ressaltar a tecnologia como o bem e o mal, mas na forma em que se usa os recursos tecnológicos. Para tornar visualmente mais funcionais e claras as informações acerca dos limites e possibilidades, a formatação será mantida, no entanto, a ordem das páginas será alterada.

Houve ainda, a manifestação por parte do P 2: “na página 12: Poderia juntar com a página 16, e dar informações aos pais caso tenham algum problema na internet com seus filhos.” Esta sugestão não será considerada devido ao fato de que na página 16 outras informações serão acrescentadas, alterando o conteúdo.

Nas páginas 13 e 14, o P 2 declarou: “Acho super legal as dicas, mas eu achei um pouco fora do contexto. Poderia colocar mais dicas de como os pais podem também passar tempo com seus filhos nesse mundo digital. E não só ter interações *off-line* para uma infância feliz, porque é quase impossível depois de uma idade.” Esse olhar não condiz com o percurso da pesquisa, que apresenta que embora as mídias digitais sejam recursos valiosos para o brincar, não são a única forma para isso acontecer, devendo sim, haver maior investimento em interações pessoais, nas relações, no brincar, nos estímulos para o bom convívio, na socialização e, dessa forma, valorizar esses exercícios com as crianças e suas famílias, pois os resultados apontam que as mídias digitais têm sido utilizadas de forma excessiva e desmedida, justificando-se principalmente, momentos de interações *off-line*, já que as interações online já encontram-se saturadas.

Na página 16, o P 2 considera as informações como: “Muito legal, poderia explicar melhor o que são esses crimes e violações que podem ocorrer e como proceder.” Justifica-se que não cabe explicar esses dados no guia, pois como são inúmeros os crimes e violações, seria uma leitura cansativa e desgastante para os leitores, não conseguindo ainda, abordar todas as possibilidades no espaço estabelecido.

Ainda, o P 2 ilustrou: “Eu colocaria também algumas dicas da Sociedade Brasileira de Medicina, sobre idade do início do uso da internet e etc.” Essa afirmação é válida e será considerada relevante para a reformulação do guia, pois muitos pais nem sequer têm a noção da frequência que seus filhos acessam as mídias digitais, os conteúdos que acessam, as demasiadas horas que ficam frente às telas e, tão pouco, conhecem a respeito do que esse uso desmedido e excessivo pode gerar para o desenvolvimento global da criança.

Houve ainda, participantes que não teceram opiniões e nem considerações, e outros, que parabenizaram o material, manifestando-se com expressões positivas, como: “excelente material, maravilhoso material, parabéns pela escolha do tema e pela elaboração do material, dentre outros”.

O P 4 fez menção ao conceito de mídias adotado, afirmando; “há um aspecto conceitual a observar. O guia trata de interações com as mídias digitais. Qual o conceito de mídias digitais adotado? No meu entendimento como pesquisadora da área, evidencio que aqui temos um conceito que não se restringe à internet, mas também ao rádio, tv, vídeos, músicas, revistas, jornais, redes sociais, enfim, às linguagens bem como seus equipamentos: celulares, computadores, *tablets*, rádios, TVs, etc. Durante a leitura do material, fiquei confusa em identificar se tratava do uso da internet, ou do uso do celular para outras atividades que não necessitam obrigatoriamente da internet, como alguns jogos, por exemplo. Também há que se considerar aspectos específicos do uso das redes sociais e outros usos como vídeos e jogos, que são os mais acessados por essa faixa etária. Ou, em se tratando disso tudo, creio que caberia uma definição para situar o leitor. ” Nesse contexto, tal abordagem não é significativa para o guia para pais, pois realmente o termo “mídias digitais” foi pesquisado e aprofundado na dissertação, com conceitos e autores diferentes. No entanto, no guia para pais, as nomenclaturas estão implícitas nos conteúdos abordados, com recursos e informações diversificadas.

Na página 8, o P 4 aponta considerações sobre controle parental: “sugiro colocar dicas de como os pais podem fazer ou indicar tutoriais disponíveis na internet que trazem informações de como realizar o processo em aparelhos.” Esse dado não é relevante na reformulação do guia e já foi justificado anteriormente.

E o P 4 complementa com a sugestão de “indicar outros materiais produzidos sobre a temática. No site da Safernet há cartilhas sobre diferentes assuntos correlatos. ” Esta consideração é interessante, no entanto, como são vários os materiais produzidos a respeito, isso utilizaria mais espaço e, conseqüentemente, número de páginas, incluindo referências que precisariam ser citadas. Então, esta sugestão não será considerada para a reformulação do guia. Salienta-se ainda, que o guia é uma ideia original da pesquisadora, que veio delineando o seu percurso de uma forma única e singular, com ideias exclusivas que remetem, principalmente, ao fato de os pais perceberem no guia, um recurso de acompanhamento, orientação, acalento e motivação, não necessitando recorrer a outros documentos para obter informações, mas tendo-as de forma integrada num guia prático e pedagógico.

O P 5 também apresentou considerações, expressando: “uma sugestão, que talvez não seja pertinente ao foco do guia, seria de iniciá-lo com um texto mais incisivo, com dados mais alarmantes, trazendo os absurdos que andam ocorrendo com crianças que são influenciadas por meio das mídias, algo chocante que atraísse a atenção dos pais, para que visualizassem que é algo realmente necessário estar presente na vida de seu filho e controlando o que ele acessa.” Tal informação não será relevante no processo de reformulação do guia, pois o intuito do guia é sensibilizar os pais leitores por meio de uma leitura positiva, atrativa e que os convide a pensar em propostas para possibilitar o uso das mídias digitais pelas crianças de forma responsável e saudável.

Na página 2, o P 5 relata: “onde descreve o modo pelo qual a criança aprende, acredito que seria válido incluir que ela aprende também observando, o que já faria um link com a página seguinte onde fala que os pais podem ser a referência dos filhos e nesse caso normalmente são, pois eles os observam a mexer nas mídias o que gera o interesse e faz com que inicialmente imitem os pais nos comandos dados nessas situações.” Esta afirmação também será considerada válida na reformulação do guia, visto que complementa o texto de forma positiva.

Nas páginas 9 e 10, o P 5 afirma: “onde são trazidos os limites e as possibilidades das mídias digitais, acredito que seria interessante que as cores deveriam ser diferenciadas, para os limites uma cor diferente das possibilidades, para facilitar a diferenciação e a visualização.” Essa consideração já foi tratada

anteriormente e será considerada não pela cor, mas em páginas diferentes para a apresentação.

Alguns participantes especialistas da pesquisa não apresentaram considerações, como o P 6, o P 8, o P 9 e o P 11. Outros parabenizaram o trabalho, utilizando-se de expressões como: “ótimo, parabéns pelo excelente material, parabéns pelo maravilhoso trabalho, pela escolha do tema e pela elaboração do material. Muito legal!” Essas observações ilustram a importância do guia para a disseminação das informações e dados aos pais, comprovando que o tema é relevante e apresenta contribuições e orientações que podem auxiliar e apoiar no processo de acompanhamento e orientação aos pais, junto ao uso seguro das mídias digitais pelos seus filhos.

O P 13 valorizou o resgate do brincar na infância, justificando que “considerando de grande importância a temática pesquisada, e tão necessário o resgate das relações saudáveis entre pais e filhos (pag.13)...onde os pais são exemplos, espelhos para o desenvolvimento dos filhos... o rico momento do brincar, fica a dica para enriquecer ainda mais as interações pais e filhos: o brincar de faz de conta, o brincar explorando a criatividade da criança com apenas a linguagem, ou uma simples sucata, onde o uso da imaginação...reporta toda a infância...que muitas das vezes se perdem pelo excesso do mau uso das tecnologias.”

Observando o relato do P 13, em tabela anterior já foi ressaltada a importância do brincar por meio dessas interações com os pais, principalmente, de modo *off-line*. Dessa forma, a presente sugestão será considerada e reformulada no guia para pais, ampliando as possibilidades e recomendações para o brincar.

E, por último, e de forma proposital, o relato do P 7 foi deixado para ser considerado no fechamento desta análise e do capítulo, pois caracteriza o olhar sensível e desafiador do guia para pais. Neste contexto, o P 7 declara: “parabéns pelo maravilhoso material. Esse guia nos faz ficar atentos, repensar nosso dia a dia, e nos deixa com uma vontade imensa de estar mais próximos de nossos filhos, trocando afeto. Dá vontade de correr abraçá-los.”

E quando, a partir da leitura do guia para pais, uma mãe leitora expressa com tamanha ternura e olhar cuidadoso esses sentimentos, a percepção é que o guia cumpre com seus objetivos. Torna-se realmente uma forma de

disseminação de dados e informações relevantes, compreendendo o objetivo de sensibilizar os pais e às famílias para garantir o uso seguro, responsável e emancipador das mídias digitais pela criança e, principalmente, do seu papel enquanto responsável nesse processo, sendo agente impulsionador de mudanças, acompanhamento e orientação, formador e mediador.

O guia para pais, apresenta-se, portanto, recomendado como um recurso para uma leitura agradável, rápida, de fácil acesso e compreensão, atrativa e com informação e dados concisos, que possibilitam o acompanhamento e orientações adequadas e positivas aos pais.

Como forma de valorizar as considerações realizadas pelos especialistas que participaram da validação de dados acerca do guia para pais, o guia receberá algumas contribuições, sendo realizadas poucas alterações de forma que o mesmo não seja descaracterizado visto que já passou por análise e validação.

Esta é uma forma de garantir que o guia represente as ideias, os dados e as informações, selecionados criteriosamente no percurso da pesquisa, visando ainda, ampliar a qualidade, a acessibilidade e a funcionalidade do mesmo.

5 INDICADORES DE PREVENÇÃO, SEGURANÇA E ORIENTAÇÕES AOS PAIS

O desenvolvimento da pesquisa foi se delineando a partir da revisão de literatura, compreendendo o tema interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades.

Após a delimitação do tema e a revisão de literatura, foi realizada a aplicação do questionário a crianças de 8 aos 12 anos de idade acerca do uso dos recursos tecnológicos e a análise dos dados recolhidos.

Ainda, foi realizada a entrevista com o delegado da Polícia Federal do Paraná, autoridade e especialista em crimes na internet, e sua análise. Ocorreram momentos de interações em eventos pertinentes abordando a temática, respeitando nesse contexto os conhecimentos prévios e também os que foram se constituindo no decorrer do processo.

Além disso, houve a produção de uma guia para pais, de forma a disseminar dados e informações a respeito do uso das mídias digitais pela criança, sendo posteriormente, realizada a amostragem e a saturação de dados por meio da aplicação de um questionário para especialistas nas áreas da saúde, segurança e educação e a reformulação do guia para pais, apresentando-se a versão final, com as informações e os dados reformulados para qualificar os objetivos do mesmo.

Assim, foram sendo registradas todas essas etapas como forma de estabelecer significado e registrar a memória dos fatos para enriquecer a análise e a categorização dos dados.

Esse percurso foi sendo revelado gradativamente, conforme algumas etapas foram se concretizando e, a partir da análise dos dados, faz-se necessária a compreensão de todos esses passos, conforme apontam Bogdan e Biklen (2013, p. 221):

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidade de padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões.

Considerando-se aspectos relacionados à regulação, intensidade e frequência dos dados, algumas expressões ficaram em evidência. Com relação aos riscos e danos às crianças acerca do uso das mídias digitais, aponta-se que perpassam todas as áreas, como saúde, educação e segurança, mas se apresentam mais claramente identificados na segurança e educação, pois é a partir delas que as demais áreas são afetadas.

Isso se justifica porque na área da educação é que se estabelece a cultura digital, os estímulos para o uso apropriado das mídias digitais e as possibilidades de uso seguro e responsável, como agente de transformação social. Conforme aponta Ungerer (2013, p. 22), “[...] as tecnologias estão revolucionando a forma como as pessoas se comunicam, se socializam, buscam trocar informações e adquirem conhecimentos”.

Cabe salientar que essa apropriação da cultura digital tanto pode acontecer de uma forma saudável como pode se estabelecer oferecendo riscos e danos à criança, compreendendo, portanto, uma série de implicações que vêm fragilizando as capacidades infantis. Por isso, justifica-se investimentos para a prevenção e segurança da criança, o que pode ser potencializado na área da segurança.

Reitera-se, então, que todos estes aspectos, embora perpassem pelas áreas da saúde, da segurança e da educação, implicam que a criança passe a interagir, a viver suas experiências e a conhecer as mídias digitais de forma a ter acompanhamento e orientações pelos adultos, o que remete à apropriação de atitudes, hábitos e aprendizagens.

Os limites observados no percurso da pesquisa apontam para o conteúdo, o tempo e a forma como a criança acessa e utiliza as mídias digitais, compondo nesse cenário, aspectos que indicam que os tipos de acessos, na maioria das vezes, não são adequados à criança e à sua faixa etária.

Ainda, é pertinente afirmar que, de acordo com a revisão sistemática de literatura, bem como os dados analisados a partir do questionário realizado com as crianças e da entrevista realizada com o delegado da Polícia Federal do Paraná, o número de crianças de 8 aos 12 anos que vêm fazendo uso das mídias digitais é extremamente elevado, considerando-se na pesquisa do questionário um total de 95,7%, podendo ainda ser maior conforme citado na análise a partir

de lacunas e respostas que foram registradas em discordância com outras questões apresentadas.

Esse número também é expressivo em relação aos recursos tecnológicos utilizados, pois, quando perguntado às crianças qual o mais utilizado, 65,1% fizeram referência ao aparelho celular, utilizando-o em todos os tempos e espaços da vida.

Se pensarmos ainda nos resultados da pesquisa abordando o acesso que as crianças têm às mídias digitais compreendendo o uso da internet, essa situação se agrava de forma alarmante, pois os dados indicam que na mais tenra idade elas já vêm acessando a internet de forma descompensada e, o que é mais sério, não estão protegidas, acompanhadas, nem recebem orientações a respeito disso.

E conseqüentemente, mesmo que houvesse inúmeros critérios para a proteção da criança, ainda assim ela estaria sendo lesada por estar tendo o seu desenvolvimento cognitivo afetado, visto que não tem maturidade para lidar com o uso desmedido e deliberado das mídias digitais.

A questão do tempo de uso das telas e das mídias digitais pela criança é outro fator que envolve riscos e danos. Kilbey (2018, p. 63) alerta que “os pais devem limitar as mídias digitais. [...] A ênfase é nos pais para determinar as restrições, monitorar o tipo de mídia digital que seus filhos utilizam e definir limites firmes sobre os tipos de mídia e o tempo passado em seu uso”.

Muitos casos de dependência ou uso excessivo das mídias digitais pelas crianças tem sido relatados, inclusive sendo o termo “*nomofobia*”, caracterizado por Costa, Góes e Abreu (2013, p. 107) como “um fenômeno que gera desconforto e mal estar quando a criança não faz uso das mídias digitais, ou ainda, encontra-se fora de contato com os mesmos”.

Esse fato remete a observar que diversas áreas cognitivas podem estar sendo afetadas no momento em que a criança passa a viver em função das mídias, principalmente, do aparelho celular. Inúmeros problemas poderiam ser citados, no entanto, a pesquisa irá referenciar apenas alguns deles como forma de registrá-los para contextualizar e esclarecer as formas com que podem se apresentar.

“Independentemente da conveniência e das contribuições que o aparelho celular traz para a vida cotidiana, ele vem sendo associado também a

comportamentos considerados prejudiciais” (COSTA, GÓES, ABREU, 2013, p. 106).

Pela pesquisa buscou-se identificar e analisar como está se dando o acesso e o uso das mídias digitais pelas crianças e, nesse contexto, cabe observar e perceber como os pais ou responsáveis têm colaborado nesse processo, se está ocorrendo ou não acompanhamento parental, oferecendo ou não apoio com orientações, observando ou não os hábitos que estão sendo desenvolvidos por seus filhos, preparando-os ou não para exercer a cidadania digital.

Poderão haver resultados diferentes de uso das tecnologias, devido à distinção do processo de apropriação de uso das tecnologias, nos aspectos objetivos e subjetivos, que certamente têm influência de agentes intrínsecos e extrínsecos à convivência de cada um, correspondentes a diversas concepções, formações e experiências do usuário e nos distintos contextos sociais em que estejam inseridos. (TONO, 2017, p. 55).

Considerando essas experiências e todas as principais implicações que foram analisadas, cabe então destacar que as mídias digitais apresentam limites e possibilidades reais para o desenvolvimento cognitivo da criança, estimulando-a em suas habilidades, potencialidades e aprendizagens, ou ainda, apresentando limites, riscos ou danos.

Kilbey (2018, p. 175) acredita na potencialidade da tecnologia para o aprendizado, salientando que “o aprendizado digital é interativo e visual, e as crianças recebem feedback instantaneamente, de maneira que sabem imediatamente se a resposta está certa ou errada”. A autora destaca sucessos na aprendizagem das crianças em diferentes contextos: na leitura, na motivação e concentração, atenção, colaboração, interação social, interesse e pertencimento.

“Educar para a nova cidadania digital significa manter essa abordagem crítica, integrando-a em uma nova abordagem culturalista” [...]. (FANTIN; GIRARDELLO, 2008, p. 54).

Desenvolver as habilidades para o exercício da cidadania digital, compreendendo o uso seguro das mídias digitais pelas crianças, sugere intencionalidade, reflexões, estudos e pesquisas, iniciativa, compromisso e responsabilidade, principalmente, quando se trata de crianças com idade entre 8 e 12 anos.

É preciso reconhecer que o uso das mídias digitais na infância vem se ampliando significativamente, potencializando conhecimentos e aprendizagens, e propiciando às crianças criar estratégias que exploram a distração e o lazer, e ainda, valorizam o bem-estar.

Em contrapartida, muitas são as síndromes e os problemas de doenças que estão associados às crianças no contexto da utilização desenfreada dos recursos digitais, “[...] o que produz efeitos indesejáveis não somente na cognição e nos aspectos psicológicos, mas também na saúde física, nas relações sociais e na segurança dos usuários” (TONO, 2017, p. 114).

O olhar sensível e cuidadoso do adulto tem então papel essencial, revelando que a família constitui agente de formação, oferecendo suporte emocional e social para que a criança integre a sociedade de forma segura, sem excessos, danos e vícios. Assim, há o entendimento de que a família, ao estar presente na vida da criança, tem condições de desenvolver estratégias de prevenção que zelem e preservem a sua integridade.

Considerando, portanto, os estudos realizados por meio da revisão de literatura, a participação em eventos para formação e aperfeiçoamento a respeito da presente temática, bem como as análises criteriosamente realizadas a respeito dos resultados do questionário desenvolvido com as crianças de 8 aos 12 anos de idade, a entrevista com o delegado da Polícia Federal do Paraná e o questionário realizado com os especialistas a partir da observação do guia para pais, deslumbrou-se limites e possibilidades que, se bem compreendidos, valorizam as mídias digitais e corroboram para a proteção da criança.

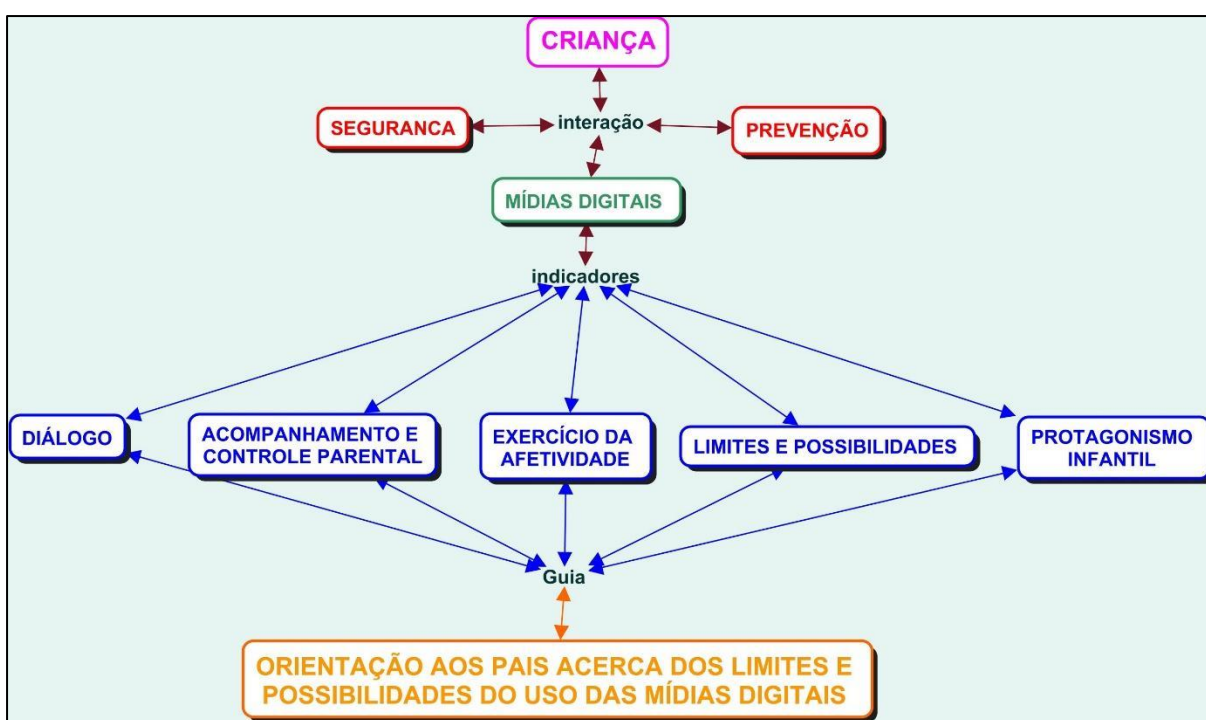
Esperando colaborar para minimizar os impactos, riscos e danos causados pelo uso desmedido das tecnologias pela criança, bem como corroborar para potencializar o uso das mídias digitais pela criança de forma saudável e responsável, compõe-se o que será intitulado os cinco indicadores que sustentam o uso seguro das mídias digitais pelas crianças, sendo eles: o diálogo, o exercício da afetividade, o acompanhamento e controle parental, as orientações acerca dos limites e possibilidades das mídias digitais, e não menos importante, se não o mais importante, o protagonismo infantil que advém de todos os anteriores.

Cabe ressaltar que não há como apresentar os indicadores em forma linear ou em ordem de importância, pois todos são fundamentais para o uso

seguro das mídias digitais pelas crianças, contemplando-os ainda de forma interdependente. Todos os indicadores estão enredados de forma integral, visando a busca pela otimização do desenvolvimento, da cultura e das experiências infantis no uso das mídias digitais.

Esses indicadores são fundamentais para amparar a criança em seus direitos, garantindo-lhe prevenção em forma de respeito, cuidado e proteção. Todos os indicadores determinam e são determinados nas interações, e devem ser acompanhados por adultos que têm o papel de desempenhar responsabilidades, atuando com o diálogo, o exercício da afetividade, o acompanhamento parental, as orientações acerca dos limites e possibilidades das mídias digitais e garantindo o protagonismo infantil.

ILUSTRAÇÃO 14 - MAPA CONCEITUAL COMPREENDENDO OS INDICADORES DE PREVENÇÃO, SEGURANÇA E ORIENTAÇÕES AOS PAIS.



FONTE: A autora (2018).

Estes indicadores, são considerados os alicerces para agregar informações e dados relevantes para a produção do guia de orientações aos pais, sendo contextualizados a partir da regularização das informações recolhidas e analisadas.

Os indicadores constituem-se ainda, como elementos essenciais para o exercício de uma efetiva educação para o mundo digital, para o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, consciência, maturidade, responsabilidade e emancipação da criança. Cabe aos adultos, como referência para a criança, possibilitar e motivar interações saudáveis, que a levem a discernir, realizar escolhas, selecionar e utilizar as mídias digitais da melhor forma possível.

Os indicadores apontam ainda, para o aprofundamento do tema acerca de cada critério, que amplia as reflexões e respaldam o exercício da cidadania digital.

5.1 O PROTAGONISMO INFANTIL

O protagonismo infantil, que é um dos indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança, delibera acerca da participação ativa dela em diferentes contextos, envolvendo-a em todos os processos de interações, em tempos e espaços diversificados, com suas experiências e habilidades.

À medida que crescem e são orientadas social, cultural e educacionalmente, e também no meio familiar, as crianças desenvolvem mecanismos de seleção, estratégias seletivas, e amadurecem sobre o que vão consumir em termos de mídia (GARCIA, 2018, p. 71).

Portanto, as crianças devem ser protagonistas nesses momentos de interações, observando, explorando, conhecendo, vivenciando, experimentando, sentindo, validando e ressignificando esses momentos, percebendo, ainda, que esse percurso apresenta limites e possibilidades.

Por isso mesmo, destaca Garcia (2018, p. 71),

Deve haver uma preocupação de educar para a seleção do próprio consumo midiático, ou seja, o que chega até as crianças em termos de conteúdos, em formas visuais, sonoras, referências da convivência humana e social, aspectos que irão constituir sua formação até chegar à idade adulta.

Quando a criança passa a exercitar suas escolhas, a selecionar os seus interesses, passa a ampliar as possibilidades para a formação da sua cidadania digital, pois a partir destas, podem resultar aprendizagens, como também podem se apresentar limites, riscos e danos.

No decorrer desse processo, a criança vai estabelecendo relações, constituindo habilidades e exercitando o senso crítico, e isso, vai determinando atitudes e posturas para lidar com as mídias digitais, compreendendo processos com relação ao tempo, frequência, conteúdos, acessos e outros.

Kilbey (2018, p. 69) afirma que “as crianças em idade latente não têm as habilidades cognitivas para saber quanto tempo passam num aparelho e para registrar que precisam desligá-lo”. Essa postura se apresenta pela imaturidade cognitiva, social e cultural da criança. Como forma de colaborar para ampliar o olhar para o controle desse uso, a família pode estimular a criança a controlar o seu próprio tempo em frente às telas, o que vai fundando-se numa gradativa percepção e consciência, tornando a criança partícipe e protagonista de suas ações.

Fantin e Girardello (2008, p. 77) expressam que “ao colocarmos as crianças como protagonistas [...], estamos valorizando os registros de sua passagem pela história”. Considerar o protagonismo infantil envolve constantes exercícios de oportunizar o fazer pela criança, respeitando seu percurso, ideias, pensamentos e criatividade.

Pressupõe também que, se reconhecermos que as crianças constroem um mundo cultural que lhes é próprio, num fecundo diálogo com a cultura e a sociedade adultas, as práticas (tanto pedagógicas, quanto de pesquisa) devem, pelo menos, levar em consideração o ponto de vista infantil. (SANTOS, 2015, p. 237).

Se reconhecemos que as crianças são protagonistas e têm competências que advêm de suas experiências, então elas certamente exercem a alteridade da infância, remodelando suas estruturas cognitivas, que potencializam o seu desenvolvimento.

Exercitando esse pensamento, a história em quadrinhos “Perdidos e Desconectados”, de Maurício de Sousa, apresentada no guia para pais, reflete à ilustração:

ILUSTRAÇÃO 15 – PROTAGONISMO INFANTIL.



FONTE: SOUSA (2018).

Moran (2015, p. 58) também destaca que as tecnologias móveis bem utilizadas facilitam a interaprendizagem⁴, a pesquisa em grupo, a troca de resultados. “Elas podem ajudar a desenvolver a intuição, a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes. [...] As tecnologias móveis abrem os horizontes do mundo, as janelas da escola para a vida[...]”. A busca pela cidadania digital envolve, portanto, novas abordagens.

Ravasio e Fuhr (2013, 227) também afirmam que, “ao compartilhar experiências, conhecimentos e estratégias, o sujeito desenvolve-se como sujeito autônomo na sua própria aprendizagem”. Dessa forma, a criança vai interagindo e personalizando a própria história, que vai sendo constantemente reorganizada pelo amadurecimento das suas estruturas cognitivas.

Então, é importante a criança compreender que “o uso da internet não é só uma questão de tecnologia, mas de aprender juntos, valorizar a diversidade,

⁴Aprendizagem que resulta da ação entre duas ou mais pessoas; ação recíproca que produz aprendizagem. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/interaprendizagem/>

trabalhar em rede, ou ficarão usando a internet apenas como mídia (MOREIRA, 2013, p. 172).

Por isso mesmo, as mídias não podem se resumir a ferramentas, mas devem se estabelecer em elementos de aprendizagem, que auxiliem e apoiem a emancipação para o estímulo de habilidades voltadas para o aprender, o fazer, o sentir, o pesquisar e o conhecer para o desenvolvimento integral da criança, estimulando o protagonismo infantil.

Conforme Barco aponta (2013, p. 161):

Talvez deversem ensinar nossas crianças a compreender o mundo que as rodeia para, assim, fazerem novas e originais perguntas. Para tanto, teríamos que substituir o desgastado verbo ensinar pelo, nada novo, porém pouco usado, “compreender.” E ser feliz com isso.

Pode parecer óbvia esta consideração, mas ao mesmo tempo, o verbo e a ação de “compreender” significa o exercício de uma imensidão de informações, pois para compreender algo, algo já precisa estar internalizado, portanto, pressupõe-se uma aprendizagem já adquirida. E se a criança já se apropriou deste conhecimento, de alguma forma ela exerceu o protagonismo infantil, estabelecendo exercícios e relações que a levaram a consolidar tal conhecimento.

Lins e Silva (2013, p. 139) enfatizam as relações da criança com as mídias, afirmando que, “nunca o cérebro humano precisou lidar, em um intervalo tão curto de tempo, com uma quantidade tão grande de dados, tornando muito diferente a filtragem, a decodificação, a reflexão e as relações entre as informações”.

E dessa forma, novos padrões de comportamento vão surgindo, as próprias conexões neurológicas vão se modificando e o conhecimento passa a se apresentar de modo diferente, com fatores de motivação, tempos, espaços e intensidades diferenciados.

São novos tempos, novos olhares e novas concepções para a criança. São aprendizagens que a tornam protagonista para exercer o importante papel de cidadã digital.

5.2 O EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE

Tratando-se da educação propriamente dita, as estruturas cognitivas vão sendo formadas pelas experiências da criança, em contextos sociais, culturais, psicológicos, éticos, morais e outros, estimulando o desenvolvimento. A educação pode despertar na criança as possibilidades para ampliar conhecimentos acerca dos acessos e utilização das mídias digitais, considerando seus limites e possibilidades.

É importante humanizar as tecnologias: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem. É importante também inserir as tecnologias nos valores, na comunicação afetiva, na flexibilização do espaço e tempo do ensino-aprendizagem (MORAN, 2015, p. 38).

Conforme afirma Gabriel (2013, p. 9), “a tecnologia não é neutra, sendo certo que elas sempre afetam a humanidade em algum grau. Elas nos beneficiam de algumas formas e, de outras, nos prejudicam”.

A afetividade, portanto, como um dos indicadores que sustenta o uso seguro das mídias digitais pelas crianças, é o vínculo positivo que se estabelece entre as pessoas, causando empatia, carinho, cuidado e afeto.

Gomes e Mello (apud GOMES, 2013, p. 514) afirmam que:

Afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção.

Várias são as formas de compreender a complexidade de abordar a temática, constituindo o direito da criança em acessar e usar as mídias digitais e o exercício das interações nos diferentes contextos. Assim, notadamente, vários autores embasam o papel primordial da afetividade, essencial para o desenvolvimento integral da criança.

A afetividade reflete como uma forma de impulsionar, e impulsionar é seguir, ir além, ser ativo e desenvolver. Como bem salientam Bacich, Neto e Trevisani (2016, p. 30): “Nosso maior desafio é aprender a nos transformar em pessoas mais humanas, sensíveis, afetivas e realizadas[...]”.

Moran (2015, p. 15) também afirma que “nosso grande projeto de vida é conseguir ampliar nossa visão, nosso conhecimento, nossas emoções e nossos

valores, construindo um percurso cada vez mais equilibrado, estimulante, libertador em todos os campos e atividades”.

E tantas outras citações poderiam aqui ser registradas, pois em inúmeras afirmações a afetividade apresenta-se como fator preponderante nas interações da criança com as mídias digitais, isso é fato. A própria família da criança compreende um papel fundamental no momento de se estabelecer e fortalecer os vínculos afetivos.

E não há como abordar a família no processo de inserção do mundo tecnológico digital na infância sem falar em afetividade e prevenção, pois ambas sustentam a formação humana das crianças, visando garantir seus direitos.

Diante disso, Eisenstein (2013, p. 213) abrilhanta as reflexões com sua argumentação:

Mas os confrontos entre as gerações ainda continuam, e também os confrontos entre os mundos real e virtual, pois ainda faltam aos computadores o toque mágico da confiança sobre o amor e o afeto, e o calor da atenção humana e espiritual, consciente e inconsciente, com integração dos valores das sensações e percepções.

É possível também observar que a afetividade prepondera nas relações, incluindo a relação da criança com o uso das mídias digitais. Então, estimular o uso consciente e responsável também significa estimular a autoconfiança, o conhecimento e a segurança, para que a criança, ao apropriar-se deles, estabeleça limites saudáveis nos momentos de interação com as tecnologias. Por isso, destaca-se no guia para pais o exercício da afetividade.

ILUSTRAÇÃO 16 – EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE.

EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE

A Internet conecta, mas também desconecta! Desconecta as relações pessoais, construindo obstáculos e barreiras de tempos e espaços, atitudes, liberdade e respeito.

- 1 Qual a frequência e o tempo que o seu filho faz uso das mídias digitais?
- 2 Você acompanha seu filho nos momentos de interação com as mídias digitais?
- 3 Você sabe quais os conteúdos que o seu filho mais gosta de acessar?



Ícones 7 - 9

FONTE: A autora (2018).

Que, nesse contexto, todas as crianças possam então ser afetadas por bons exemplos e relações positivas ao fazer uso das mídias digitais, e, principalmente, como sujeitos cheios de emoções, sentimentos e afeto, valorizando o conceito de pertença, participe e protagonista nos momentos de interações.

5.3 O DIÁLOGO

Outro indicador que sustenta o uso seguro das mídias digitais pelas crianças é o diálogo. Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013, p. 13) apresentam o diálogo entre as gerações como ponte para o exercício do afeto, abordando-o

numa “perspectiva de uso da Internet em uma fonte mais segura, ética, educativa e saudável de conhecimentos”. Essa reflexão aponta a necessidade de olhar também para os pais das crianças, que primeiramente são referências e exemplos, portanto, suas posturas, hábitos e atitudes também irão se traduzir em posturas, hábitos e atitudes de seus filhos.

Eisenstein (2013, p. 214) ressalta que “o diálogo estabelecido entre pai e filhos é a ponte essencial da comunicação familiar e vai sendo expandido para outros vínculos[...]”.

Já Kilbey (2018), afirma que “crianças em idade latente têm uma capacidade menor de regular e processar emocionalmente o mundo[...]. Uma das habilidades que elas precisam desenvolver para isso é entender as próprias emoções e os sentimentos – isto é, o próprio estado mental”. E esse exercício pode ser realizado por meio do diálogo.

Portanto, diálogo imprime identidade, percepção, acolhimento, doação e interação. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016, não paginado), também aponta o diálogo como uma oportunidade para “desconectar, dialogar, aproveitar oportunidades aos finais de semana e durante as férias para conviver com a família, com amigos e dividir momentos de prazer sem o uso da tecnologia, mas com afeto e alegria”.

E diálogo sempre se dá por meio de uma interação, envolvendo os sujeitos interessados em participar, compreendendo disponibilidade, tempo, espaço, vontade, iniciativa e partilha. Essa partilha pode ser corporal, emocional, e intencional ou não. Tudo depende dos fatores internos e externos aos sujeitos que dela fazem parte e aos contextos em que estão inseridos.

Aprender a clicar, navegar e mesmo criar conteúdos são atividades possíveis sem a mediação dos pais/educadores, mas a formação ética necessária para o exercício responsável e seguro da liberdade nos ambientes digitais depende de um permanente e intenso diálogo entre as diferentes gerações (NEJM; RIBEIRO, 2013, p. 305).

Estabelecer o diálogo em família é desafiador também na forma com que se realiza, considerando o tempo e qualidade. No entanto, essa importante interação entre pais e crianças sustenta o exercício do uso mais seguro e responsável. Esse exercício é considerado no guia para pais.

ILUSTRAÇÃO 17 – DIÁLOGO.

DIÁLOGO

“Desde o nascimento e durante toda a infância, o diálogo estabelecido entre pais e filhos é a ponte essencial da comunicação familiar e vai sendo expandido para outros vínculos sociais durante o período escolar. Se a atenção e o afeto são transmitidos em quaisquer mensagens, usando valores como respeito, compreensão e tolerância, no desenvolvimento da criança ou adolescente estarão sendo inculcados os fundamentos ou princípios da construção de um elo de confiança positivo e saudável entre as gerações.” (EISENSTEIN, 2013, p. 214).



Figura 4

Uma rede de proteção,
carinho, aconchego, afeto e
cuidado... A FAMÍLIA!

FONTE: A autora (2018).

Eisenstein (2013, p. 219) amplia seu olhar com um alerta:

Cabe à família manter o canal de diálogo com as crianças e adolescentes sempre aberto e permeável, mesmo usando as tecnologias, e realizar um aprendizado mútuo de regras de respeito ao outro, respeitando o seu tempo de maturação e compreensão, tanto na família em si como na rede de convívio das amizades na escola.

Dialogar com a criança, portanto, é algo desafiador, pois, como protagonista, ela também tem sentimentos, emoções e experiências, possui um arcabouço de conhecimentos e se apropria deles para argumentar, justificar e

interagir, o que, algumas vezes, pode gerar desconforto aos pais quando precisam agir com autoridade e controle.

Então, diálogo também envolve afeto, porque quando não há argumentos suficientes o que precisa ser entendido é que, nesta relação de adulto e criança, os pais são responsáveis pela árdua tarefa de educar, e educar com afetividade resulta em maior realização e sucesso, desempenho e consciência.

5.4 ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL

Educar as crianças para o uso seguro das mídias digitais sugere que elas estejam sujeitas à autoridade dos seus pais, não no sentido de uma dependência passiva, mas no sentido de agregar proteção e segurança, garantindo direitos e deveres para a sua inclusão na cidadania digital.

Por isso, Pinheiro (2013, p. 193) afirma que “precisamos formar uma geração digital com foco na construção do positivo e não no uso da tecnologia para fins ilícitos e de má-fé. A internet tem o poder de perpetuar o conteúdo”.

Então, o papel dos pais e responsáveis pela criança não está apenas no acompanhamento, mas na mediação e nas orientações, de forma a estimular e prezar pela prevenção, pelo uso e pela qualidade das informações. Portanto, infância feliz e segura na era digital, corresponde à cidadania digital, conforme consta no guia para pais.

ILUSTRAÇÃO 18 – INFÂNCIA FELIZ E SEGURA NA ERA DIGITAL.



FONTE: A autora (2018).

“Inicialmente, sem a utilização de mecanismos de comunicação tecnológica, a mediação era essencialmente presencial, síncrona e dependente de recursos não digitais, concretos, materializados e analógicos” (GARCIA, 2018, p. 150). A partir da ampliação das tecnologias e do acesso e uso dessas pela criança, a mediação surge como um mecanismo de proteção e cuidado, que primeiramente, deve ser exercido pela família, sendo compartilhado com a escola e com a sociedade em todos os contextos em que a criança se encontra.

E aí o acompanhamento e o controle parental emergem como um grande indicador para o uso seguro das mídias digitais pelas crianças. O acompanhamento do adulto em momentos de interações com as mídias digitais é fator preponderante no processo de desenvolvimento da criança. Ela precisa ser estimulada em suas habilidades para o autoconhecimento, do qual deve se apropriar para usufruir experiências positivas no uso das mídias digitais.

Pinheiro (2013, p. 187) ainda salienta:

A criança deve ser assistida no uso de tecnologia e adquirir mais autonomia após conquistar confiança e demonstrar responsabilidade. Segurança é papel da família! Os pais precisam fazer parte do processo de iniciação de seus filhos no ambiente eletrônico, especialmente, quando envolver redes sociais.

Neste contexto, é importante considerar o adulto como uma referência positiva para a criança, para o desenvolvimento de suas aprendizagens e habilidades. A SBP (2016, não paginado) recomenda:

Lembrar sempre que você como adulto, pai ou mãe, e, com a convivência diária, se torna um modelo de referência para seus filhos. Portanto, dar o primeiro exemplo: limite o seu tempo de trabalho no computador, quando em casa. Desconectar e estar presencialmente com seus filhos.

O adulto passa a exercer um valor que repercute no olhar da criança, constituindo-se em um aprendizado social; em contrapartida, a criança pode observar atitudes e posturas emitidas nos mais diversos contextos, o que pode referenciar seus padrões de comportamentos, sociais e culturais.

Os padrões de comportamento social são muitas vezes reações-espelho (refletem estereótipos da mídia), muitas vezes pós-traumáticas, de adaptação moral e cultural e de assimilação de novas informações, com a internalização de novos valores tecnológicos que permitem não só a sobrevivência, mas a facilitação do funcionamento nesse grupo social geracional (EINSEINSTEIN, 2013. P. 219).

E a partir daí emerge a necessidade de se estabelecer os limites saudáveis, que implicam na postura dos pais como exemplo, respeitando tempos e espaços da criança, ao mesmo tempo em que articula-se desafios para o seu desenvolvimento, de forma ética, segura e saudável.

Como forma de contribuir nesse processo, há vários dispositivos, aplicativos e programas que podem auxiliar para o controle parental, que tem o objetivo de limitar os acessos a determinados conteúdos, programas e aplicativos, compreendendo critérios de tempo, faixa etária, conteúdos, acessos, horário, frequência e outros, minimizando os riscos de vulnerabilidade para a criança. No entanto, os softwares e dispositivos para o controle parental não são totalmente confiáveis e apresentam falhas e lacunas que possibilitam à criança burlar o sistema, então, caso a criança tenha a intenção de fazê-lo, o controle parental apresenta-se como um meio fragilizado e não totalmente seguro.

Nesse contexto, o acompanhamento da família é primordial no processo de construção da cidadania digital da criança, pois é uma forma de mediação, interação, orientação e formação.

Como salientam Nejm e Ribeiro (2013, p. 307),

É importante que desde o primeiro clique, os pequenos internautas brasileiros possam contar com pais, educadores e irmãos para aprenderem a exercer sua cidadania e manterem-se seguros nos ambientes digitais.

O acompanhamento parental estimula ainda, que a criança desenvolva maior autonomia, pois utiliza-se da sua identidade e suas habilidades, para ampliar o olhar para outras informações, que desencadeiam novos conhecimentos.

E o papel da família nesse processo de descoberta, mediação e acompanhamento, fortalece os vínculos de respeito, confiança e afeto, o que resulta em uma parceria de sucesso. Os pais ou responsáveis pela criança precisam aprender a encontrar um ponto de equilíbrio para esse exercício, que deve ser constante no cotidiano. No guia para pais, registra-se o trecho da música “Desconecta”, de Daniel Salles, abordando um dos maiores critérios para se estabelecer essa parceria: o tempo.

ILUSTRAÇÃO 19 – TRECHO DA MÚSICA “DESCONECTA”, POR DANIEL SALLES.



Figura 11

FONTE: A autora (2018).

Conforme afirma a médica pediatra Luci Pfeiffer, “o problema é que nenhuma tecnologia substitui abraço, carinho, sorriso e olhar de aprovação. O que está acontecendo é uma grave terceirização do cuidar, que não tem afeto nem calor” (UOL, 2017, não paginado).

Acompanhar o uso das mídias digitais pelas crianças não quer dizer necessariamente estar junto o tempo todo, mas exercitar com a criança todos os indicadores que são fundamentais para o seu desenvolvimento, como o

protagonismo infantil, o diálogo, a afetividade e, por fim, as orientações. Esse círculo pode trazer grandes benefícios no desenvolvimento social, cultural e cognitivo da criança, pois fortalece as suas experiências, que estimulam habilidades para interações seguras, éticas e responsáveis.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016, não paginado) indica que, como forma de acompanhamento, “é preciso conversar sobre valores familiares e regras de proteção social para o uso saudável, crítico, construtivo e pró-social das tecnologias para a ética, de não postar qualquer mensagem de desrespeito, discriminação, intolerância ou ódio”.

E, nesse contexto, o acompanhamento e o controle parental são considerados fundamentais para a proteção e prevenção da criança em seus acessos e usos das mídias digitais, tendo os pais a primeira responsabilidade pelas devidas orientações, em parceria com a escola e a sociedade como um todo.

5.5 ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES E POSSIBILIDADES

As orientações também compõem um dos indicadores para o uso seguro das mídias digitais pelas crianças. E orientar não significa apenas instruir, indicar ou aconselhar, mas antes de tudo, “ser modelo de referência para seus filhos” (SBP, 2016, não paginado).

Orientar significa, ainda, acolher a criança, compreendendo-a como coadjuvante nas relações que estabelece na sociedade, portanto, suas opiniões, interesses e potencialidades devem estar também sendo considerados. E considerar isso, significa imprimir nas orientações aos filhos marcas de afetividade, pois elas fortalecem os vínculos, que, posteriormente, serão avaliados pela criança no envolvimento e nos momentos das orientações por seus pais.

A maioria das sociedades e culturas quer minimizar os riscos, a impulsividade e proteger as crianças das consequências perturbadoras da violência. A redução dos riscos precisa estar atrelada à determinação e à abordagem da motivação e minimizar os contextos e ambientes vulneráveis online (LUNA, 2013, p. 65).

Na sociedade em que algumas culturas são exemplo de proteção, outras ainda precisam aprender a zelar pela proteção à criança, que é sim responsabilidade da família, da sociedade e do Estado. Mas vale salientar que

os primeiros a serem responsáveis nesse processo de prevenção, cuidado e proteção são os pais.

Williams e Pereira (2013, p. 49), citam que:

Atualmente, crianças bem jovens estão imersas no mundo digital, apesar da recomendação da Academia Norte-americana de Pediatria de que não se deve expô-las à mídias eletrônicas antes dos 2 anos.

Se observarmos o entorno da sociedade em que vivemos, e ainda, os dados estatísticos pesquisados, facilmente, podemos perceber que os limites saudáveis para o uso das mídias digitais pela criança não estão sendo respeitados, e aí, vários são os fatores que motivam hábitos que não colaboram para o uso seguro e consciente das mídias digitais pela criança.

Alguns contextos revelam pais ausentes por demandas acentuadas de trabalho, repassando suas responsabilidades para as tecnologias. Isso pode ser observado por pais que terceirizam o cuidado e a proteção de seus filhos para as babás eletrônicas, que são as próprias mídias acompanhando a criança; porém, ressalta-se que acompanhar, não implica necessariamente em cuidado e proteção, pois as crianças encontram-se imersas num mundo virtual, aberto e repleto de informações, que podem deixá-la em vulnerabilidade. Outra forma de violação é a perda de autoridade na pirâmide familiar, em que a criança passa a ser autossuficiente no uso das tecnologias, quando o adulto responsável por ela ainda não as domina. E claro, o próprio descuido, despreparo, a falta de interesse, a falta de tempo, a falta de informação e de formação, remetem os pais à ausência ou omissão da segurança de seus filhos.

Muitas crianças já consolidaram hábitos de uso excessivo e desmedido das tecnologias, inclusive, realizando multitarefas, usando duas ou mais mídias ao mesmo tempo, o que pode resultar em descompensação, vícios e danos.

A SBP (2016, não paginado) destaca que:

O tempo de uso diário ou a duração total/dia de uso de tecnologia digital seja limitado e proporcional às idades e às etapas do desenvolvimento cerebral-mental-cognitivo-psicossocial das crianças e adolescentes.

Ainda, sobre os hábitos, a SBP (2016, não paginado) recomenda “limitar o tempo de exposição às mídias digitais ao máximo de 1 hora para crianças entre

2 a 5 anos de idade. Crianças entre 0 a 10 anos não devem fazer uso de televisão ou computador nos seus próprios quartos”.

Kilbey (2018, p. 103) também afirma que “até os onze anos, as crianças não têm a resiliência cognitiva ou emocional para lidar com sites de redes sociais, isso pode expô-las a pessoas, conteúdos e situações para os quais elas não têm preparo”.

Esse fator é visivelmente observado em contextos em que se vê tanto as crianças quanto os adultos, engajados em momentos de lazer, juntos, fazendo o uso das mídias digitais, seja por celular, *tablets*, *tv*s, *games* e outros. Ora, se o momento é para lazer, seria apropriado estimular interações entre as pessoas, de modo a fortalecer os vínculos e as relações pessoais!

É importante entender que essas restrições de idade existem por um motivo. O relatório do *Office Of National Statistics* sobre o bem-estar infantil descobriu que as crianças que passam mais de três horas por dia letivo em sites de redes sociais têm o dobro de risco de sofrer problemas de saúde mental. O relatório afirmou que essa quantidade de tempo de tela pode levar essas crianças a sofrer retardos no desenvolvimento emocional e social (KILBEY, 2018, p. 102).

Várias outras medidas protetivas e de limites para o uso saudável das mídias digitais poderiam aqui ser elencadas, como restrições de tempo, monitoramento dos equipamentos com alcance visual dos pais, restrição a determinados conteúdos, utilização de programas e/ou filtros de segurança e monitoramento, configuração de regras e combinados claros para o acesso e uso das crianças, dentre outros.

É evidente que mesmo com todo cuidado, proteção e prevenção para o acesso e o uso das mídias digitais pela criança, ainda podem existir lacunas e falhas nos mecanismos e nas formas das interações, colocando a criança em vulnerabilidade. No entanto, o fator primordial para o exercício desse uso, ainda volta-se para a responsabilidade da família, que pode determinar e buscar valores e princípios que não apenas se restrinjam à criança, mas a estimulem a desenvolver o uso ético, crítico e social.

Para a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016, não paginado), uma forma de construir uma relação de confiança para a vida, juntos, implica em os pais brincarem mais com seus filhos de maneira interativa, olhando, abraçando, sendo parceiros e estando ao seu lado. E aí, mais uma vez, a afetividade perpassa pela responsabilidade dos pais.

Moran (2015, p. 27) contribui com considerações a respeito das crianças:

Alunos que provêm de famílias abertas, que apoiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e tornam-se pessoas mais produtivas. Muitas mudanças demoram porque a sociedade mantém um padrão mental de que ensinar é falar e aprender é ouvir.

Então, talvez o segredo para que os pais possam orientar seus filhos de maneira íntegra e positiva esteja bem antes do conceito em si, esteja em estabelecer e fortalecer os vínculos afetivos e possibilitar a ampliação social e cultural, proporcionando exercícios para elevar a autoconfiança e a autoestima, aspectos determinantes para a formação e o desenvolvimento integral da criança.

Como resultado do uso excessivo e desmedido das tecnologias, podem ser observados comportamentos alterados, voltados para atitudes de violência e agressividade, problemas interpessoais, déficit de atenção, memória e concentração, habilidades sociais, psicológicas e emocionais alteradas, comprometimento na linguagem, na comunicação e expressão, alterações no sono, motricidade e capacidade motora restringidas, exposição demasiada e a conteúdos impróprios, baixo rendimento escolar, desenvolvimento de vícios, doenças e patologias, comprometimento da segurança e da privacidade, diminuição ou ausência de responsabilidades, dentre tantos outros, que poderiam caracterizar-se em inúmeras situações de negligência, violência, risco ou danos à criança, mas que podem vir a ser minimizados a partir de limites e do acompanhamento e orientações por parte dos adultos.

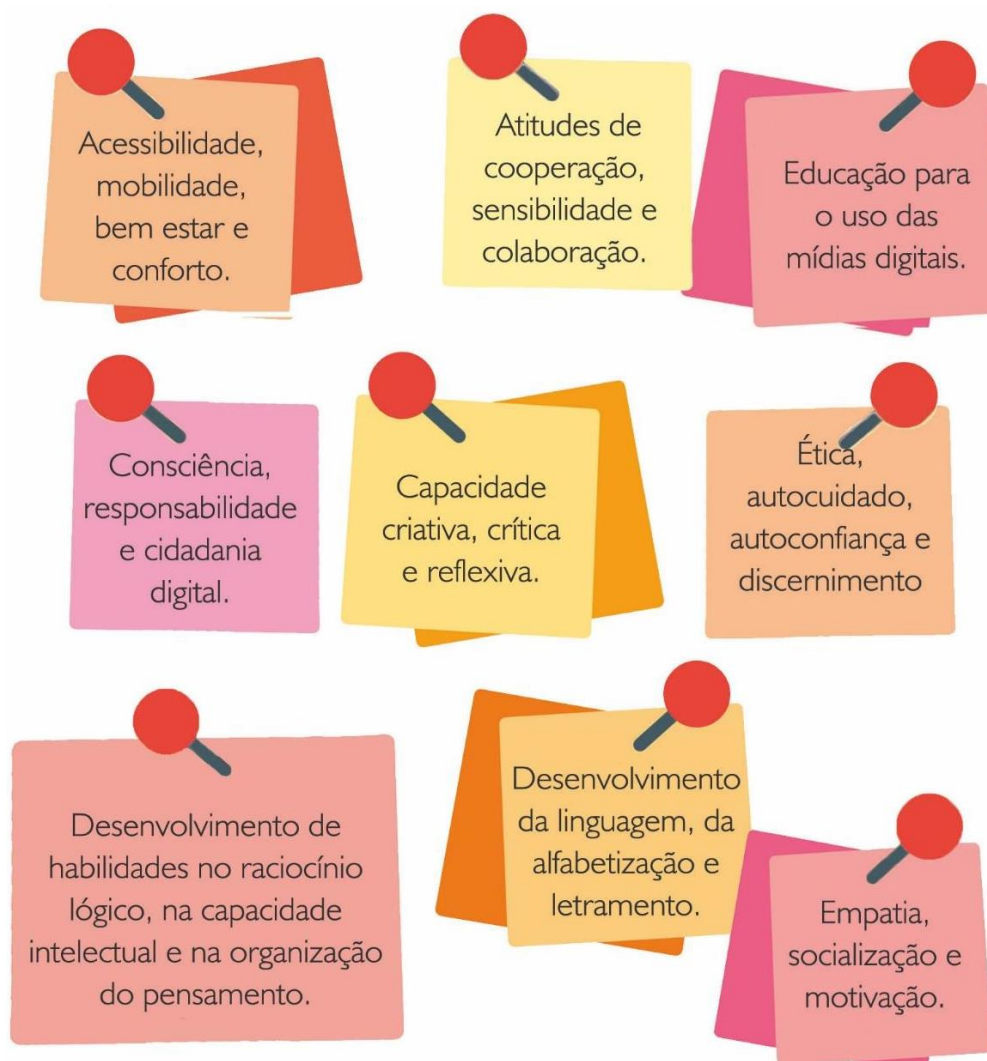
ILUSTRAÇÃO 20 – ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES PARA O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA.



FONTE: A autora (2018).

Dessa forma, é urgente estabelecer formas alternativas para garantir que a criança seja acompanhada e orientada em seus acessos e usos nos momentos de interações com as mídias digitais. Quando isso acontece, as orientações podem ser potencializadas e transformadas em possibilidades, emergindo em atitudes e hábitos seguros e saudáveis pela criança, o que se reflete em: acessibilidade, mobilidade, bem estar e conforto, atitudes de cooperação, sensibilidade e cooperação, educação para o uso das mídias digitais, consciência, responsabilidade e cidadania digital, capacidade criativa, crítica e reflexiva, ética, autocuidado, autoconfiança e discernimento, desenvolvimento de habilidades no raciocínio lógico, na capacidade intelectual e na organização do pensamento, desenvolvimento da linguagem, da alfabetização e letramento, empatia, socialização e motivação.

ILUSTRAÇÃO 21 – ORIENTAÇÕES ACERCA DAS POSSIBILIDADES PARA O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA.



FONTE: A autora (2018).

Nesse enlace, os cinco indicadores são fundamentais para o exercício do uso seguro das mídias digitais pelas crianças, pois compreendem e valorizam a criança como um sujeito capaz, com direitos e deveres, tendo seus interesses respeitados e garantidos, potencialidades em evidência e, principalmente, tendo assegurados os direitos à inclusão e à cidadania digital, caracterizando-se, então, num processo dialógico, com maturidade e discernimento, nos limites da sua proteção, para a apropriação de conhecimentos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados da pesquisa e do seu percurso, algumas considerações e reflexões são necessárias como forma de registro.

No decorrer do desenvolvimento, algumas ideias foram sendo reformuladas e, estratégias foram sendo alteradas e ressignificadas, em consonância com os objetivos iniciais. Vários foram os fatores que contribuíram para a consolidação da pesquisa, resultando em uma perspectiva autêntica, legítima e confiável, compondo a validade científica da mesma.

Um primeiro e grande fator a ser considerado no desenvolvimento da pesquisa foi a parceria desenvolvida com as instituições que aceitaram o convite para a realização em suas dependências, compreendendo a participação do grupo de estudantes, pais, famílias e profissionais. É essencial remeter tão calorosa acolhida em tempos que nem sempre a pesquisa é bem vinda nos contextos das instituições. Mesmo diante das demandas de trabalho e dos desafios apresentados, todos os envolvidos ofereceram seu tempo e dedicação, tornando esse processo colaborativo e participativo, apresentando-se expressivo e repleto de significados, descobertas e aprendizagens.

Outro fator fundamental para ampliar as possibilidades do trabalho, aconteceu ao conhecer a querida professora doutora Cineiva Campoli Paulino Tono, que em muito contribuiu para a sensibilização acerca do tema, mas, principalmente, para o engajamento em ações de prevenção e segurança à infância na era digital, compreendendo aspectos de saúde, educação e segurança.

Foi gratificante e motivador receber o convite da professora doutora Cineiva Campoli Paulino Tono para fazer parte do Conselho Técnico do Instituto de Tecnologia e Dignidade Humana. Cabe salientar que por meio desta grande parceria várias portas se abriram, inclusive, para conhecer pessoas que influenciaram nos resultados da pesquisa, como, por exemplo, a participação do delegado da Polícia Federal do Paraná, a quem agradeço a pronta disponibilidade e o grande auxílio.

Outro fator que em muito enriqueceu o percurso do trabalho foi a participação da pesquisadora em eventos como congressos, seminários, palestras, *workshops*, encontros, fóruns, feiras e outros, que agregaram estudos,

reflexões, experiências e conhecimentos para qualificar a pesquisa. É importante salientar que em alguns desses momentos as interações aconteceram como participante e, em outros, como palestrante e comunicadora.

Algumas ocorrências também foram consideradas como limitadores no decorrer da pesquisa. Uma questão registrada, foi o fato de uma gestora das escolas convidadas para participar da pesquisa, após aceitar o convite, retroceder à sua decisão, justificando que não dispunha de um número de profissionais suficiente na instituição para acompanhar a presente pesquisa. Esse fato limitou a questão do tempo, no entanto, não trouxe maiores interferências nos resultados pois implicou na escolha imediata de outra instituição, sendo isso resolvido imediatamente pela pesquisadora.

Outro aspecto limitador no processo do desenvolvimento da pesquisa foi o fato de algumas escolas apontarem o uso do *Google Forms* como sendo inviável para as crianças responderem ao questionário, visto que os professores atuantes não dispunham de tempo necessário para levar os estudantes até o laboratório, pois isso exigiria uma logística de horários, disposição e mobilidade impraticáveis naquele momento.

Alguns gestores também relataram que os professores preferiam aplicar o questionário em sala de aula e sem a presença da pesquisadora, alegando que isso facilitaria a logística e a organização do tempo e espaço em sala.

Ainda, os gestores apontaram a falta de disponibilidade e vontade por parte de alguns professores, solicitando à pesquisadora a alteração das turmas que já estavam pré-estabelecidas, o que não interferiu nos resultados, apenas sendo as turmas redirecionadas para a aplicação da pesquisa. Dessa forma, apesar deste fator ser limitador, a pesquisa foi realizada com sucesso por meio de formulário físico impresso, disponibilizado em sala de aula para aplicação do questionário aos estudantes com idade entre 8 e 12 anos.

Um momento desafiador no percurso da pesquisa foi o da validação de dados do guia para pais, realizado pelos especialistas escolhidos. Mesmo após os especialistas terem confirmado sua participação na análise e validação dos dados, alguns deles não participaram desta etapa, sendo que justificaram não poder participar por demandas de trabalho ou compromissos pessoais, e outros, nem sequer justificaram a ausência (mesmo após vários contatos por diferentes meios), extrapolando, portanto, o prazo combinado.

Assim, como este momento era de extrema relevância para a pesquisa, houve a necessidade do envio do questionário para análise e validação dos dados para outros especialistas, respeitando o critério destes serem da mesma área como forma de abordagem.

Os especialistas já encontravam-se previamente selecionados pela pesquisadora, no entanto, receberam o convite posteriormente, o que ampliou o tempo para a validação do guia para pais e, conseqüentemente, para a finalização da pesquisa. Embora este fator seja pertinente no processo, não houve demais interferências, findando a validação da pesquisa como um todo.

Cabe ressaltar que embora o processo desta pesquisa esteja sendo finalizado, as considerações partem dos estudos realizados, podendo os resultados sofrer alterações no decorrer do tempo, dos ambientes, das circunstâncias, dos diferentes contextos e das pessoas envolvidas, portanto, caracteriza-se como um estudo que pode ser aprimorado, aprofundado, diversificado e, inclusive, contrário e adverso.

Neste contexto, um dado importante a se destacar, é que no percurso da pesquisa, vários pesquisadores e profissionais das áreas da saúde, segurança e educação foram contatados para colaborar com o desenvolvimento do trabalho, no entanto, foi muito frustrante perceber que muitos que se dizem engajados com o tema, não se mostraram sensíveis e dispostos à colaborar, se omitiram, ou ainda, negaram-se a participar de qualquer uma das etapas da pesquisa, apresentando variadas justificativas, pessoais ou profissionais.

Esse olhar faz com que o meu comprometimento enquanto pesquisadora se reflita em não apenas ler e escrever, mas exercitar as aprendizagens para colaborar para a construção da cidadania digital, que se dissemina e consolida por conhecimentos, experiências e habilidades nas mais diversas áreas, contextos, tempos e espaços.

Esse fato, me sensibilizou a ponto de eu perceber que a cada dia sou mais responsável pelo que cativei, portanto, como sonhei e tracei objetivos para garantir a segurança das crianças acerca do uso das mídias digitais, meu compromisso torna-se ainda mais desafiador e promissor. Eu prometo fazer a diferença na vida das crianças!

E para fazer a diferença na vida de cada criança, compartilho dos meus conhecimentos até aqui adquiridos e também de um sonho: o desejo enorme de

continuar a aprender, pesquisar mais e ousar: O doutorado! Expectativas movem o desejo de continuar estudando e pesquisando, pois, ler e escrever alimentam a minha alma e me enchem de entusiasmo e alegria, portanto, não posso deixar de contribuir com pesquisas que podem vir a fazer a diferença na vida das pessoas. E esse é meu grande lema: fazer a diferença, ir além e levar o amor em forma de conhecimento!

O tema para o doutorado vem sendo pensado a partir da pesquisa realizada e das lacunas existentes, voltado para as questões da saúde emocional e dos impactos que as tecnologias digitais vêm trazendo para a infância.

Dessa forma, emergem possibilidades para o desenvolvimento de uma pesquisa com foco nas relações que a criança estabelece com as tecnologias, os reflexos deste uso e possibilidades para a constituição da criança como protagonista, preparando-a para o exercício da cidadania digital, favorecendo a criatividade e inovação, refletindo-se em seu desenvolvimento infantil, no processo de construção da identidade e nos processos de personalização.

Outras formas de valorizar os conhecimentos que estão a todo momento palpitando em mim: escrita de artigos para disseminar relatos, experiências e pesquisas em seminários, congressos e eventos científicos; escrita de capítulos e/ou livro abordando a temática pesquisada; participação em ONG de forma colaborativa, como membro do Instituto de Tecnologia e Dignidade Humana, com palestras, *workshops*, seminários e encontros diversos; participação no contexto escolar com orientações e formações, compreendendo as crianças, os pais, as famílias, os profissionais da educação e a sociedade em geral; participação constante em todos os contextos que se fizerem necessários, sedentos por conhecimentos com os quais eu possa contribuir, semeando e plantando conhecimentos para disseminar o uso consciente e responsável das mídias digitais pelas crianças e, conseqüentemente, por toda a sociedade.

Como parte das contribuições recebidas no decorrer da pesquisa, considero fundamental compartilhar e disseminar tais dados e informações, partindo da divulgação do guia para pais, por meio da realização de palestras e encontros, com a explanação do tema e a distribuição do guia como forma de sensibilização e motivação dos pais, principalmente, visando a mudança de

hábitos e atitudes, acompanhando e orientando a formação da criança para exercer a cidadania digital.

Para consolidar a proposta de distribuição do guia para pais, há também a perspectiva para compor uma parceria com uma instituição que possa viabilizar a impressão e a divulgação do guia para pais, de forma colaborativa e participativa, envolvendo-se no processo, buscando beneficiar a sociedade como um todo, principalmente, de forma a amparar os pais e as famílias para o bom uso dos recursos tecnológicos pela criança.

Posteriormente, outra forma de corroborar para compartilhar os dados e as informações da pesquisa, vem ao encontro da organização e produção de um livro. O livro pode possibilitar a leitura e a apropriação de conceitos para ampliar as bases de pesquisas acadêmicas e científicas posteriores, podendo integrar-se à outras pesquisas, complementando, enriquecendo, confrontando, empoderando e formando novas concepções.

Além das considerações realizadas, torna-se imprescindível resgatar os objetivos apontados no início da pesquisa. A pesquisa propôs compreender como e sob que condições as crianças com idade entre 8 e 12 anos acessam as mídias digitais, a fim de propor mecanismos e estratégias de proteção e segurança da criança por meio de um guia de orientação aos pais.

Analisando a pesquisa, foi possível constatar que os objetivos foram consolidados por meio de várias etapas, compreendendo a análise do questionário aplicado às crianças, a entrevista realizada com um delegado, a produção de um guia para pais, a validação das informações e dos dados do guia para pais realizado por meio da aplicação de um questionário para especialistas no tema, por meio de amostragem e saturação de dados, e ainda, a reformulação do guia em sua versão final.

O desenvolvimento das várias etapas no percurso da pesquisa, possibilitou ampliar o olhar e compreender que a maior parte das crianças encontra-se desprotegida nos momentos de acesso, uso e nas interações que acontecem com as mídias digitais, o que pode realmente implicar em riscos e danos à criança.

Percebeu-se que as crianças entre 8 e 12 anos de idade, são as que encontram-se com maior risco de vulnerabilidade, visto que estão fazendo uso excessivo e desmedido das mídias digitais, considerando-se os critérios de

tempo, duração, frequência, conteúdos, formas de acessos, ambientes de acesso e outros.

Como forma de valorizar o olhar sensível à criança nas áreas da saúde, da segurança e da educação, contemplando o uso das mídias digitais de forma segura, consciente e responsável, a pesquisadora elaborou os cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais, sendo eles: o diálogo, o exercício da afetividade, o acompanhamento e controle parental, as orientações acerca dos limites e possibilidades e o protagonismo infantil.

Os cinco indicadores são considerados essenciais para amparar a criança em seus direitos, de forma a prevenir riscos e danos nos momentos de interações com as mídias digitais, bem como garantir prevenção em forma de respeito, cuidado e proteção.

A pesquisa indica que o uso das mídias digitais pela criança, se realizado com acompanhamento e controle parental, com orientações e mediação dos pais ou responsáveis, com o exercício da afetividade, pode potencializar aprendizagens, resultando no uso seguro, consciente e responsável, preparando a criança para o exercício da cidadania digital.

Justifica-se, portanto, que a pesquisa corrobora para propiciar e potencializar um trabalho de prevenção e conscientização, para sensibilizar os pais, as famílias e a própria sociedade em prol das crianças, tendo como fator preponderante o processo de construção da cidadania digital na infância, num constante exercício de ação-reflexão-ação.

Por fim, meus agradecimentos por este árduo e rico percurso de aprendizagem, conquistas e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana Graciela Bruno (Org.). **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente e Leis Complementares**. Curitiba: Comtiba, 2013.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 21 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.: I.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, SariKnopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, 2013.

CARASCO, Daniela. Por que 56% das crianças querem ser um celular? **UOL**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/11/28/pais-que-nao-largam-o-celular-como-esse-vicio-impacta-a-criacao-dos-filhos.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil**, 2017. São Paulo: CGI.br, 2017.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação, 2017. São Paulo: CGI.br, 2017.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **3º Workshop “Impactos da exposição de crianças e**

adolescentes na internet". Disponível em: <<https://workshopexposicaonainternet.nic.br>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto. Prática de jogos eletrônicos por crianças pequenas: o que dizem as pesquisas recentes? **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, v. 33, n. 102, p. 1-11, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex&pib=S0103>. Acesso em: 22 maio 2018.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**. v. 2, Curitiba, 2006.

DIAS, Felipe da Veiga. **O direito à informação na infância online**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

Dicionário Informal: Conceito de **Interaprendizagem**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/interaprendizagem/>> Acesso em: 20 de fev. de 2019.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (Org.). **Estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FAVA, Rui. **Educação 3.0. Aplicando o PDCA nas instituições de ensino**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FLEURY, Afonso; NAKANO, Davi; CORDEIRO, José H. D. **Pesquisa do GEDIGames**, NPGT, Escola Politécnica, USP, para o BNDES, 2014. Disponível em: <http://www.abragames.org/uploads/5/6/8/0/56805537/mapeamento_da_industria_brasileira_e_global_de_jogos_digitais.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(1): 17 – 27, jan, 2008. Disponível em: <<https://scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>>. Acesso em: 07/01/2019.

GABRIEL, Martha. **Educar: a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GARCIA, Marilene Santana dos Santos. **Mobilidade tecnológica e planejamento didático**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas. O lugar afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. 2013. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v18n3/v18n3a11.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos; SÁ, Ricardo Antunes de; GABARDO, Cleusa Valério. **Diálogos epistemológicos e culturais**. Curitiba: W&A Editores, 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2015.

KILBEY, Elizabeth. **Como criar filhos na era digital**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Fontanar, 2018.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MELO, Itamar. **Apego à tecnologia**. São Paulo: Grupo RBS, 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01 -12, abril, 2017. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2204111>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos. Novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2015.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2015.

NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes (Org.). Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Rio de Janeiro: 2018, Disponível em: <https://scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0228.pdf> Acesso em: 03 jan. 2019.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR.; Centro de Estudos, Resposta e tratamento de incidentes de segurança no Brasil. **Cartilha de segurança para internet versão 4.0**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PFEIFFER, Luci. **Desconstruindo álibis da violência contra crianças e adolescentes**. Campinas, 2014. Disponível em: <<http://www.gr.unicamp.br/penses/wp-content/uploads/2016/03/Luci-Pfeiffer-Desconstruindo-%C3%A1libis-da-viol%C3%A2ncia-.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

PORTUGAL, Cristina. **Design, educação e tecnologia**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

RAVASIO, Marcele Homrich; FUHR, Ana Paula de Oliveira. **Infância e tecnologia: aproximações e diálogos**. ETD. Campinas, SP, v. 15, n. 2, p. 220-229, 2013. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/3035>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, Belo Horizonte, MG, v. 26, n. 2, p. 223-239, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507711>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de orientação. Departamento de adolescência. **Saúde de crianças e adolescentes na era digital**. São Paulo: SBP, 2016.

SOUSA, Mauricio de. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=perdidos+e+desconectados+mauricio+de+souza&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUEKwiMIYZdzpPfAhUDDJAKHT85BKcQsAR6BAgGEAE&cshid=1544388318035001>> Acesso em 21 nov.2018.

STRASBURGER, Victor C.; Wilson, Barbara J.; JORDAN, Amy B. **Crianças, adolescentes e a mídia**. Tradução de Sandra Mallmann. Porto Alegre: Penso, 2011.

TONO, Cineiva Campoli Paulino. **Tecnologia e dignidade humana**. Curitiba: Juruá, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAKKA, Wagner. Vício em videogames agora é uma doença, classifica OMS.**UOL**, São Paulo, 2018. Disponível em:

<<https://canaltech.com.br/comportamento/vicio-em-videogames-agora-e-uma-doenca-classifica-oms-116190/>>. Acesso em: 17/12/2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION CID 11. **CID 11 define uso abusivo de jogos eletrônicos como doença.** Rio de Janeiro: SBP, 2018. Disponível em:

<<http://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/cid-11-define-uso-abusivo-de-jogos-eletronicos-como-doenca/>>. Acesso em: 25/01/2019.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA CRIANÇAS DE 8 A 12 ANOS DE IDADE SOBRE O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS

PESQUISA SOBRE AS TECNOLOGIAS

PARA VOCÊ, CRIANÇA COM IDADE ENTRE 8 E 12 ANOS DE IDADE

VOCÊ UTILIZA CELULAR OU OUTROS RECURSOS TECNOLÓGICOS DIGITAIS PARA ACESSO EM MOMENTOS DE ESTUDO, LAZER OU DIVERSÃO?

- () SIM
- () NÃO

INDIQUE A SUA IDADE

- () 8 A 9 ANOS
- () 10 A 12 ANOS

QUAL O RECURSO TECNOLÓGICO QUE VOCÊ MAIS UTILIZA?

- () celular ou *smartphone*
- () *tablet*
- () computador
- () videogame
- () *notebook* ou *netbook*
- () outros

COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ USA OS RECURSOS TECNOLÓGICOS?

- () 1 vez por semana
- () 3 vezes por semana
- () Diariamente

QUAL O TEMPO QUE VOCÊ OS UTILIZA?

- () Até 1 hora diária

() Entre 1 e 3 horas diárias

() Acima de 3 horas diárias

SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS ACOMPANHAM VOCÊ NOS MOMENTOS DE ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

() Frequentemente ou quase sempre

() Eventualmente ou às vezes

() Nunca

COMO ACONTECEM OS SEUS ACESSOS AOS RECURSOS TECNOLÓGICOS DIGITAIS?

() Com muitas restrições (dias, horários, acessos e bloqueios a conteúdos com senhas).

() Com muita liberdade, podendo escolher o que quero acessar e sem tempo determinado.

() Com algumas medidas de proteção, como cuidar do tempo e dos conteúdos que tenho acesso.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS CONTEÚDOS ACESSADOS POR VOCÊ?

() Jogos

() Aplicativos

() Redes sociais (*Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram, Youtube*)

() Blogs

() Outros

O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE ACESSAR OU VER NA INTERNET?

APÊNDICE B

PAUTA DA ENTREVISTA COM O DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL DO PARANÁ, AUTORIDADE EM SEGURANÇA PÚBLICA

ENTREVISTA

Questões abordadas na entrevista com o delegado em exercício na Superintendência da Polícia Federal do Paraná e especialista em crimes na internet.

Cumprimentos e agradecimentos por parte da mestranda ao delegado.

Apresentação do delegado, contextualizando sua carreira profissional e o engajamento com o tema “crimes na internet, compreendendo crianças”.

Compreendendo que a internet vem abrangendo cada vez mais a participação de crianças, inclusive na mais tenra idade, e que essa participação traz implicações, acompanhadas de situações de negligência, crimes e violência, ferindo o direito de acesso das crianças à internet para o exercício da cidadania, conforme o art. 7º do cap. II, da Lei nº 12.965/2014, de que forma é possível a utilização das mídias digitais pelas crianças de forma segura, ética e emancipadora?

Qual a faixa etária de crianças mais atingidas por crimes na internet?

Quais são os meios e os mecanismos mais utilizados por criminosos, observados pelos investigadores da polícia, para praticar delitos e crimes com crianças na internet?

Quais os principais fatores de riscos e danos, observados por parte dos investigadores da polícia, que favorecem a suscetibilidade da criança aos crimes na internet?

Quais os principais desafios que os investigadores da polícia encontram no desenvolvimento do trabalho com crimes realizados contra a criança na internet?

De que forma o abandono, a violência, a negligência e os crimes envolvendo o uso das mídias digitais refletem na saúde emocional, psicológica e física da criança?

Pensando no grupo de crianças com faixa etária entre 8 e 12 anos de idade, que ao mesmo tempo requer cuidado e proteção, mas também demonstra curiosidade e é alvo de criminosos, quais são os tipos de violência mais comuns observados e registrados? Tem algum caso que o senhor tenha acompanhado e possa relatar?

Considerando que atualmente as crianças têm acesso às mídias digitais e, muitas vezes, esse acesso acontece sem os devidos cuidados e acompanhamentos necessários, quais recomendações ou alertas o senhor daria aos pais como forma de segurança, proteção e prevenção à criança no acesso e uso das mídias digitais?

Em sua opinião, considerando que a criança é resultado das ações da sociedade, o que a população em geral pode fazer para estabelecer uma rede de apoio e proteção a ela? Qual alerta o senhor faz à sociedade para garantir os devidos cuidados e proteção das crianças no acesso e uso das mídias digitais?

Agradecimentos.

Eliane Blaszkowski Champaoski

Mestranda em Educação e Novas Tecnologias – UNINTER

Curitiba, 26 de junho de 2018.

APÊNDICE C

Formulário com questões semiestruturadas, enviadas para especialistas nas áreas da saúde, segurança e educação, como forma de apreciação, análise e validação dos dados, sendo estes posteriormente, tratados por amostragem e saturação de dados.

Você está sendo convidado(a) a participar da validação do produto final da pesquisa de mestrado em Educação e Novas Tecnologias, da autoria de Eliane Blaszkowski Champaoski, intitulada Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades. Para isso, está recebendo o GUIA PARA PAIS, para apreciação, análise e considerações.

Sua análise é muito importante para validar dados, informações e conhecimentos realizados a partir do desenvolvimento da pesquisa que foi desenvolvida com foco no acesso e uso das mídias digitais pelas crianças com idade entre 8 e 12 anos.

As questões a seguir estarão norteando suas considerações e reflexões, que posteriormente, serão organizadas e categorizadas na pesquisa científica, juntamente com outros dados pertinentes.

Endereço de e-mail

Aceito participar da validação do "GUIA PARA PAIS"

☐

Sim

☐

Não

POR GENTILEZA, APÓS A LEITURA E A APRECIÇÃO DO "GUIA PARA PAIS", RESPONDA COMO VOCÊ AVALIA:

1. A apresentação visual do material?
2. A relevância do tema abordado: "interações da criança com as mídias digitais: um guia acerca dos limites e possibilidades"?

3. O conteúdo e a qualidade das informações?

4. A linguagem utilizada e as interações com o(a) leitor(a)?

5. No "GUIA PARA PAIS", a pesquisadora abordou os "cinco indicadores para o uso seguro das mídias digitais pela criança", sendo eles: o protagonismo infantil, o exercício da afetividade, o diálogo, o acompanhamento e controle parental e orientações acerca dos limites e possibilidades. De acordo com a sua análise, esses indicadores contribuem para apoiar as famílias a possibilitarem interações saudáveis da criança com as mídias digitais? Justifique sua resposta.

6. Considerando a sua avaliação a respeito do "GUIA PARA PAIS", você recomenda a distribuição deste material para as famílias de crianças com idade entre 8 e 12 anos, como forma de disseminar informações, dicas e sugestões aos pais e/ou responsáveis para o uso seguro, consciente e responsável das mídias digitais pelas crianças?

☐ Sim

☐ Não

7. Sugestões, ideias e outras considerações pertinentes poderão ser aqui registradas por você.

Um grande abraço como singelo agradecimento por sua importante contribuição. Obrigada!

Eliane Blaszkowski Champaoski.
Mestranda em Educação e Novas Tecnologias
E-mail: elichampaos@gmail.com

APÊNDICE D

GUIA PARA PAIS

INTERAÇÕES DA CRIANÇA
COM AS MÍDIAS DIGITAIS:

Um guia de orientações acerca
dos limites e possibilidades.



Eliane Blaszkowski Champaoski

2018

VOCÊ JÁ ACESSOU O CORAÇÃO DE SEU FILHO HOJE?



Figura 1

LEMBRE-SE

Os melhores momentos da vida são os links de afeto, respeito, cuidado e empatia, interações e diálogo que compartilhamos com as crianças...

São os vínculos do **amor**!

“Atrás de cada criança que acredita em si mesma, está uma família que acreditou primeiro.”

(Matthew L. Jacobson)

INFÂNCIA FELIZ E SEGURA NA ERA DIGITAL

Crianças aprendem a interagir com as mídias digitais explorando, realizando tentativas, sendo persistentes, errando e se frustrando, acertando e conquistando, sendo protagonistas para exercer a CIDADANIA DIGITAL.

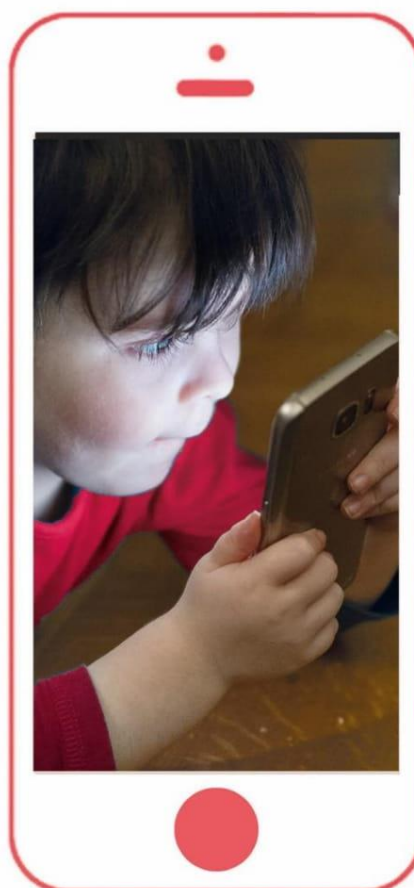


Figura 2

VOCÊ SABIA QUE...

De acordo com a pesquisa intitulada “Interações da criança com as mídias digitais: um guia acerca dos limites e possibilidades”, realizada com 186 crianças entre 8 e 12 anos de idade no ano de 2018:

- 1 65,1% das crianças que acessam e usam as mídias digitais o fazem exclusivamente por meio do celular?
- 2 As crianças que fazem uso diário das mídias digitais indicam o total de 76,3% das crianças pesquisadas?
- 3 As crianças que acessam as mídias digitais por até 1 hora diária somam 37,6%, as que acessam entre 1 e 3 horas somam 39,8% e, as crianças que fazem uso acima de 3 horas diárias totalizam 22,6%?
- 4 54,8% dos pais acompanham eventualmente seus filhos nos momentos de acesso aos recursos tecnológicos; 28,5% acompanham frequentemente, e 16,7% nunca acompanham seus filhos nos momentos de acessos às mídias digitais?

Você pode ser a referência
que o seu filho precisa!
PENSE NISSO!

OS CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA



Ícones 1 - 6



Protagonismo
Infantil



Exercício da
afetividade



O diálogo



Acompanhamento
e controle
parental



Orientações
acerca dos limites
e possibilidades

PROTAGONISMO INFANTIL

Se reconhecemos que as crianças são protagonistas e têm competências que advêm de suas experiências, então, elas certamente exercem a alteridade da infância, remodelando suas estruturas cognitivas, que potencializam o seu desenvolvimento.

Como estimulamos o protagonismo em nossas crianças?



Figura 3

EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE

A Internet conecta, mas também desconecta! Desconecta as relações pessoais, construindo obstáculos e barreiras de tempos e espaços, atitudes, liberdade e respeito.

- 1 Qual a frequência e o tempo que o seu filho faz uso das mídias digitais?
- 2 Você acompanha seu filho nos momentos de interação com as mídias digitais?
- 3 Você sabe quais os conteúdos que o seu filho mais gosta de acessar?



“Quando a gente gosta é claro
que a gente cuida...”
“Sozinho” - Por Peninha



...E respeita,
acompanha, dialoga,
orienta, acalenta e
estabelece limites.
A gente
simplesmente ama!

DIÁLOGO

“Desde o nascimento e durante toda a infância, o diálogo estabelecido entre pais e filhos é a ponte essencial da comunicação familiar e vai sendo expandido para outros vínculos sociais durante o período escolar. Se a atenção e o afeto são transmitidos em quaisquer mensagens, usando valores como respeito, compreensão e tolerância, no desenvolvimento da criança ou adolescente estarão sendo inculcados os fundamentos ou princípios da construção de um elo de confiança positivo e saudável entre as gerações.” (EISENSTEIN, 2013, p. 214).



Figura 4

Uma rede de proteção,
carinho, aconchego, afeto e
cuidado... A FAMÍLIA!

ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL



Figura 5

Invista em momentos de mediação no uso das mídias digitais pelo seu filho, estimulando hábitos de tempo, atitudes de prevenção, ambiente de colaboração e cuidados consigo e com os outros.

A sua presença e o seu tempo são os **melhores presentes** que seu filho pode ter!

ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES:

Ao fazer uso inadequado e excessivo das mídias digitais, a criança pode apresentar riscos ou danos, como:



ORIENTAÇÕES ACERCA DAS POSSIBILIDADES:

Quando as mídias digitais são bem utilizadas pela criança, podem valorizar as diferentes dimensões humanas, proporcionando:



POESIA, CRIANÇA E ALEGRIA

PAIS CONECTADOS COM INFORMAÇÃO, FILHOS PROTEGIDOS COM ORIENTAÇÃO!

Que tal conectar seu coração ao do seu filho,
dedicar-lhe tempo e atenção, estabelecer interação?
Investir em orientação,
conectar com a educação,
buscar diálogo e prevenção!
Um ponto, um encontro...
Encontro para a liberdade e o conhecimento,
estímulo à consciência e responsabilidade.
Acessar e usar as mídias digitais,
Só com autoconhecimento, com todo o respeito,
Pais são a ponte, o diálogo, o amparo, o porto seguro,
Então, cabe acompanhar a formação,
valorizar as relações,
encantar e mediar com amor,
Ser presença e proteção!

Eliane Blaszkowski Champaoski

Figura 6



Ó PÁTRIA AMADA, BRASIL! Ó PÁTRIA AMADA, INFANTIL!

O Marco Civil da Internet, lei nº 12.965/2014, estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil.

Em seu art. 7º e inciso XII determina:

“O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania, e ao usuário é assegurada a acessibilidade, consideradas as características físico-motoras, perceptivas, sensoriais, intelectuais e mentais do usuário, nos termos da lei.”

Portanto, criança também têm seus direitos assegurados...



Seja responsável

Ícones 25 e 26

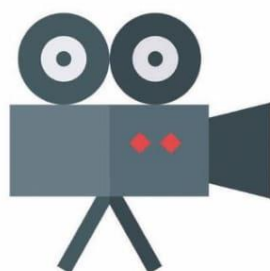
DICAS PARA INTERAGIR COM SEU FILHO! DICAS PARA UMA INFÂNCIA FELIZ!



Organize algumas delícias e guloseimas e convide seu filho para um piquenique, nem que seja no meio da sala de casa. Vai ser um momento para conviver, dialogar, interagir e ser feliz! Aproveitem, são os pequenos momentos que nos fortalecem e nos deixam felizes!



Festa do pijama: as crianças adoram exercitar a criatividade. Que tal improvisar uma festa do pijama com seu filho? Vale também convidar algum amiguinho dele ou familiar. E pra tornar esse momento especial e divertido, vale desfile de pijama, chá quentinho, história pra relaxar e muito aconchego em forma de abraço, colo e carinho. Boa noite e bons sonhos!



Aproveitar uma tarde para curtir uma sessão cinema em casa mesmo é dar asas à diversão: aqui vale desenho, filme, pipoca, docinhos, abraços e animação. Bom cinema!



É dia de passear: uma cartinha pode ser o convite que seu filho espera! Pode ser num parque, num bosque, na pracinha ou até mesmo no entorno da sua casa. O que vale é sair de mãos dadas, conversar, trocar carinhos e palavras de afeto. Vale até uma paradinha para tomar um sorvete! Bom passeio!



Que tal surpreender seu filho colocando uma música que ele gosta para dançar? Dançar é dar liberdade ao corpo para encantar-se... Encantar-se com seu filho é melhor ainda. Divirtam-se!



Receita especial, hummmmm, que delícia! Que tal ir para a cozinha com seu filho para preparar um bolo, alguns docinhos, um suco, um sanduíche ou a receita que a família mais gosta? Esse momento será recheado de momentos saborosos, com interações, doçura, afeto e o ingrediente mais especial de todos: o amor!



Recadinhos pela casa: espalhar bilhetinhos carinhosos pela casa com mensagens de carinho para seu filho, com certeza será uma surpresa mais que divertida e feliz! Aproveitem para conversar e falar sobre seus sentimentos, isso fortalece os vínculos afetivos!

COM A PALAVRA... OS ESPECIALISTAS. AOS PAIS:



DR. FLÚVIO CARDINELLE GARCIA
Especialista em Segurança Pública

“Invista no maior patrimônio que você tem, que é o seu filho [...]. E investir no seu filho, é investir em orientação, em apoio, em cuidado [...].”
(GARCIA, 2018).



DRA. CINEIVA CAMPOLI PAULINO TONO
Especialista em Tecnologia e Sociedade

“Quanto à responsabilidade que possuem acerca da garantia de proteção das crianças na era digital, de modo a desenvolver valores humanos e sociais para as futuras gerações, superando a frieza das relações preponderantemente materializadas por dispositivos tecnológicos.”
(TONO, 2017)



ELIANE BLASZKOWSKI CHAMPAOSKI
Especialista em Educação

“Os princípios da criança estão sempre pautados no despertar para a alegria, no despertar da criatividade, das emoções e de tudo aquilo que lhe atribui esperança e prazer. Brincar, explorar e interagir possibilitam a cada criança uma experiência única, singular e particular”.
(CHAMPAOSKI, 2018)

PROBLEMAS NO ACESSO

Se você ou alguém da sua família tiver problemas no acesso ou uso das mídias digitais, com informações que prejudiquem os Direitos Humanos na Internet, pode denunciar..

A SaferNet Brasil pode te ajudar!!!

A SaferNet Brasil oferece um serviço de recebimento de denúncias anônimas de crimes e violações contra os Direitos Humanos na Internet.

ACESSE E DENUNCIE:
<https://new.safernet.org.br>

OU LIGUE **181**
(no Estado do Paraná):



Figura 10
Ícones 33

Ajude a proteger as crianças, demonstrando respeito, cuidado e carinho.

DESCONECTA

Desliga! Desconecta! E sem pressa
Vem aproveitar o pôr do sol comigo
Aqui, e bem agora, nessa hora
Vou compartilhar o melhor arquivo
O tempo com você!
O tempo com você!

Trecho da música Desconecta
Por Daniel Salles

Figura 11



REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana Graciela Bruno (Org.) Vivendo Esse Mundo Digital: impactos na saúde, educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed 2013.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 21 ago. 2018.

CHAMPAOSKI, Eliane Blaszkowski. Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba.

JACOBSON, Matthew L. Disponível em: < <https://www.soescola.com> >. Acesso em: 22 nov. 2018.

PENINHA, 1997. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/peninha/sozinho/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

SAFERNET, 2018. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SOUZA, Maurício de. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=perdidos+e+desconectados+mauricio+de+souza&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwiM1Y7dZpPfAhUDDJAKHT85BKcQsAR6BAgGEAE&cshid=1544388318035001>> Acesso em: 21 nov. 2018.

TONO, Cineiva Campoli Paulino. Tecnologia e Dignidade Humana. Curitiba: Juruá, 2017.

SALLES, Daniel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mFRawMgg6jw> Acesso em: 19 nov. 2018.

STRASBURGER, Victor C.; Wilson, Barbara J.; JORDAN, Amy B. Crianças, adolescentes e a mídia. Tradução de Sandra Mallmann. Porto Alegre: Penso, 2011.

FICHA TÉCNICA

Autoria: Eliane Blaszkowski Champaoski
Consultoria Científica: Prof. Dr. Ademir Aparecido Pinhelli
Mendes
Diagramação e Projeto gráfico: Ana Valéria De Pieri Alvarez

IMAGENS:

Figuras de 1 a 4, 10 e 12: Domínio Público, através de Unsplash.
Disponível em: <<https://unsplash.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Figura 5: Baby Blues, de Rock Kirkman e Jerry Scott apud STRASBURGER, Victor C., Barbara J. WILSON, and Amy B. JORDAN. "Crianças, adolescentes e a mídia." Porto Alegre: Penso (2011), p. 31.

Figura Página 6: Desenho de Brenda Blaszkowski Champaoski.

Figuras de 9 a 11: da autora.

Ícones de 1 a 33: adaptado de Freepik, através de Flaticon. Disponível em: <<https://www.flaticon.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

APÊNDICE E

GUIA PARA PAIS

INTERAÇÕES DA CRIANÇA
COM AS MÍDIAS DIGITAIS:
Um guia de orientações acerca
dos limites e possibilidades.



Eliane Blaszkowski Champaoski

2019

VOCÊ JÁ ACESSOU O CORAÇÃO DE SEU FILHO HOJE?



Figura 1

LEMBRE-SE

Os melhores momentos da vida são os links de afeto, respeito, cuidado e empatia, interações e diálogo que compartilhamos com as crianças...

São os vínculos do **amor!**

“Atrás de cada criança que acredita em si mesma, está uma família que acreditou primeiro.”

(Matthew L. Jacobson)

INFÂNCIA FELIZ E SEGURA NA ERA DIGITAL

Crianças aprendem a interagir com as mídias digitais observando, explorando, realizando tentativas, sendo persistentes, errando e se frustrando, acertando e conquistando, sendo protagonistas para exercer a CIDADANIA DIGITAL.

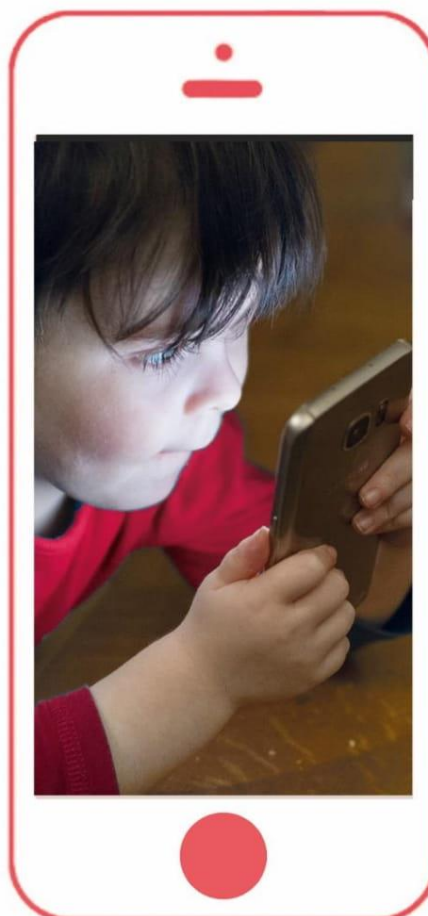
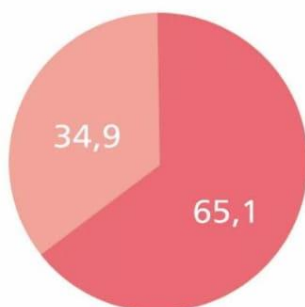


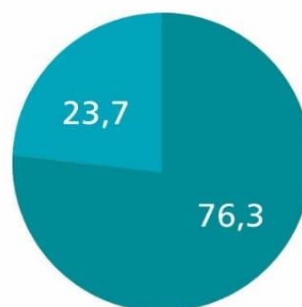
Figura 2

VOCÊ SABIA QUE...

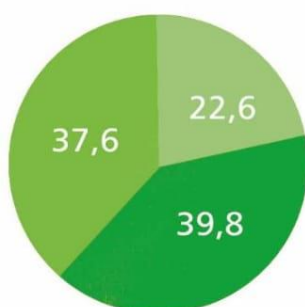
De acordo com a pesquisa intitulada "Interações da criança com as mídias digitais: um guia acerca dos limites e possibilidades", realizada com 186 crianças entre 8 e 12 anos de idade no ano de 2018:



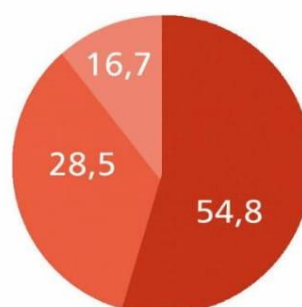
65,1% das crianças que acessam e usam as mídias digitais o fazem exclusivamente por meio do celular?



As crianças que fazem uso diário das mídias digitais indicam o total de 76,3% das crianças pesquisadas?



As crianças que acessam as mídias digitais por até 1 hora diária somam 37,6%, as que acessam entre 1 e 3 horas somam 39,8% e, as crianças que fazem uso acima de 3 horas diárias totalizam 22,6%?



54,8% dos pais acompanham eventualmente seus filhos nos momentos de acesso; 28,5% acompanham frequentemente, e 16,7% nunca acompanham seus filhos nos momentos de acessos às mídias digitais?

Você pode ser a referência que o seu filho precisa! PENSE NISSO!

OS CINCO INDICADORES PARA O USO SEGURO DAS MÍDIAS DIGITAIS PELA CRIANÇA



Ícones 1 - 6



Protagonismo
Infantil



Exercício da
afetividade



O diálogo



Acompanhamento
e controle
parental



Orientações
acerca dos limites
e possibilidades

PROTAGONISMO INFANTIL

“À medida que crescem e são orientadas social, cultural e educacionalmente, e também no meio familiar, as crianças desenvolvem mecanismos de seleção, estratégias seletivas, e amadurecem sobre o que vão consumir em termos de mídia” (GARCIA, 2018, p. 71).

Como estimulamos o protagonismo em nossas crianças?



Figura 3 - “Perdidos e desconectados” (Maurício de Sousa)

EXERCÍCIO DA AFETIVIDADE

A Internet conecta, mas também desconecta! Desconecta as relações pessoais, construindo obstáculos e barreiras de tempos e espaços, atitudes, liberdade e respeito.

- 1 Qual a frequência e o tempo que o seu filho faz uso das mídias digitais?
- 2 Você acompanha seu filho nos momentos de interação com as mídias digitais?
- 3 Você sabe quais os conteúdos que o seu filho mais gosta de acessar?



“Quando a gente gosta é claro
que a gente cuida...”
“Sozinho” - Por Peninha



...E respeita,
acompanha, dialoga,
orienta, acalenta e
estabelece limites.
A gente
simplesmente ama!

DIÁLOGO

“Desde o nascimento e durante toda a infância, o diálogo estabelecido entre pais e filhos é a ponte essencial da comunicação familiar e vai sendo expandido para outros vínculos sociais durante o período escolar. Se a atenção e o afeto são transmitidos em quaisquer mensagens, usando valores como respeito, compreensão e tolerância, no desenvolvimento da criança ou adolescente estarão sendo inculcados os fundamentos ou princípios da construção de um elo de confiança positivo e saudável entre as gerações.” (EISENSTEIN, 2013, p. 214).



Figura 4

Uma rede de proteção,
carinho, aconchego, afeto e
cuidado... A FAMÍLIA!

ACOMPANHAMENTO E CONTROLE PARENTAL



Figura 5

Invista em momentos de mediação no uso das mídias digitais pelo seu filho, estimulando hábitos de tempo, atitudes de prevenção, ambiente de colaboração e cuidados consigo e com os outros.

A sua presença e o seu tempo são os **melhores presentes** que seu filho pode ter!

ORIENTAÇÕES ACERCA DOS LIMITES:

Ao fazer uso desmedido e excessivo das mídias digitais, a criança pode apresentar riscos ou danos, como:



Ô PÁTRIA AMADA, BRASIL! Ô PÁTRIA AMADA, INFANTIL!

O Marco Civil da Internet, lei nº 12.965/2014, estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil.

Em seu art. 7º e inciso XII determina:

“O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania, e ao usuário é assegurada a acessibilidade, consideradas as características físico-motoras, perceptivas, sensoriais, intelectuais e mentais do usuário, nos termos da lei.”

Portanto, criança também têm seus direitos assegurados...



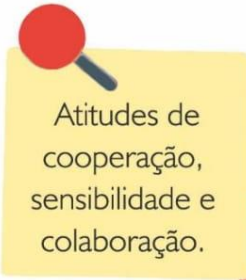
Seja responsável

ORIENTAÇÕES ACERCA DAS POSSIBILIDADES:

Quando as mídias digitais são bem utilizadas pela criança, podem valorizar as diferentes dimensões humanas, proporcionando:



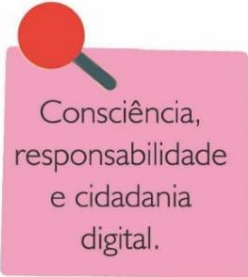
Acessibilidade, mobilidade, bem estar e conforto.



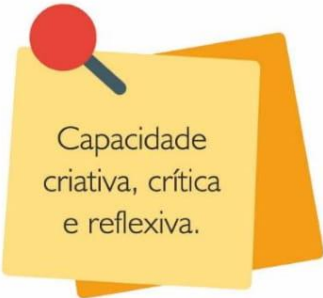
Atitudes de cooperação, sensibilidade e colaboração.



Educação para o uso das mídias digitais.



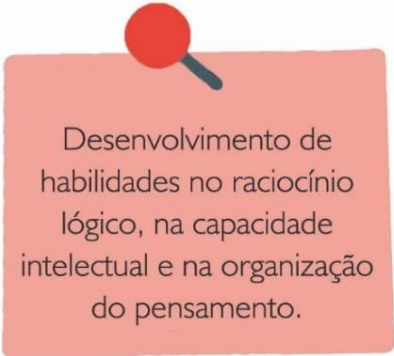
Consciência, responsabilidade e cidadania digital.



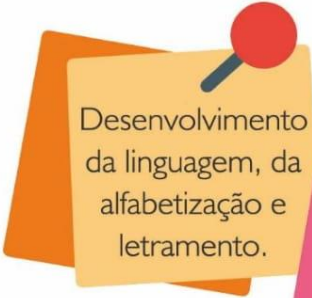
Capacidade criativa, crítica e reflexiva.



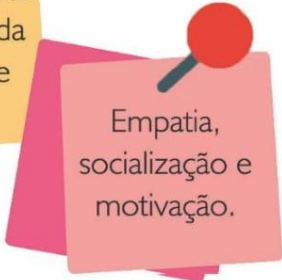
Ética, autocuidado, autoconfiança e discernimento



Desenvolvimento de habilidades no raciocínio lógico, na capacidade intelectual e na organização do pensamento.



Desenvolvimento da linguagem, da alfabetização e letramento.



Empatia, socialização e motivação.

POESIA, CRIANÇA E ALEGRIA

PAIS CONECTADOS COM INFORMAÇÃO, FILHOS PROTEGIDOS COM ORIENTAÇÃO!

Que tal conectar seu coração ao do seu filho,
dedicar-lhe tempo e atenção, estabelecer interação?
Investir em orientação,
conectar com a educação,
buscar diálogo e prevenção!
Um ponto, um encontro...
Encontro para a liberdade e o conhecimento,
estímulo à consciência e responsabilidade.
Acessar e usar as mídias digitais,
Só com autoconhecimento, com todo o respeito,
Pais são a ponte, o diálogo, o amparo, o porto seguro,
Então, cabe acompanhar a formação,
valorizar as relações,
encantar e mediar com amor,
Ser presença e proteção!

Eliane Blaszkowski Champaoski
Figura 6



DICAS PARA INTERAGIR COM SEU FILHO! DICAS PARA UMA INFÂNCIA FELIZ!



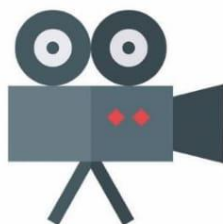
Organize algumas delícias e guloseimas e convide seu filho para um piquenique, nem que seja no meio da sala de casa. Vai ser um momento para conviver, dialogar, interagir e ser feliz! Aproveitem, são os pequenos momentos que nos fortalecem e nos deixam felizes!

Festa do pijama: as crianças adoram exercitar a criatividade. Que tal improvisar uma festa do pijama com seu filho? Vale também convidar algum amiguinho dele ou familiar. E pra tornar esse momento especial e divertido, vale desfile de pijama, chá quentinho, história pra relaxar e muito aconchego em forma de abraço, colo e carinho. Boa noite e bons sonhos!



Que tal fazer arte? Pais e filhos interagindo, desenhando, pintando, recortando e colando. Juntos, são grandes artistas!

Que delícia aproveitar os dias de sol para andar de bicicleta, patins ou patinete! É diversão garantida!



Aproveitar uma tarde para curtir uma sessão cinema em casa mesmo é dar asas à diversão: aqui vale desenho, filme, pipoca, docinhos, abraços e animação. Bom cinema!



É dia de passear: uma cartinha pode ser o convite que seu filho espera! Pode ser num parque, num bosque, na pracinha ou até mesmo no entorno da sua casa. O que vale é sair de mãos dadas, conversar, trocar carinhos e palavras de afeto. Vale até uma paradinha para tomar um sorvete! Bom passeio!

Brincar e interagir na melhor companhia: que tal brincar de pega-pega, esconde-esconde, amarelinha e passa anel?



Receita especial, hummmmm, que delícia! Que tal ir para a cozinha com seu filho para preparar um bolo, alguns docinhos, um suco, um sanduíche ou a receita que a família mais gosta? Esse momento será recheado de momentos saborosos, com interações, doçura, afeto e o ingrediente mais especial de todos: o amor!

Recadinhos pela casa: espalhar bilhetinhos carinhosos pela casa com mensagens de carinho para seu filho, com certeza será uma surpresa mais que divertida e feliz! Aproveitem para conversar e falar sobre seus sentimentos, isso fortalece os vínculos afetivos!



Que tal surpreender seu filho colocando uma música que ele gosta para dançar? Dançar é dar liberdade ao corpo para encantar-se... Encantar-se com seu filho é melhor ainda. Divirtam-se!

COM A PALAVRA... OS ESPECIALISTAS. AOS PAIS:



DR. FLÚVIO CARDINELLE GARCIA
Especialista em Segurança Pública

“Invista no maior patrimônio que você tem, que é o seu filho [...]. E investir no seu filho, é investir em orientação, em apoio, em cuidado [...].”
(GARCIA, 2018).



DRA. CINEIVA CAMPOLI PAULINO TONO
Especialista em Tecnologia e Sociedade

“Quanto à responsabilidade que possuem acerca da garantia de proteção das crianças na era digital, de modo a desenvolver valores humanos e sociais para as futuras gerações, superando a frieza das relações preponderantemente materializadas por dispositivos tecnológicos.”
(TONO, 2017)

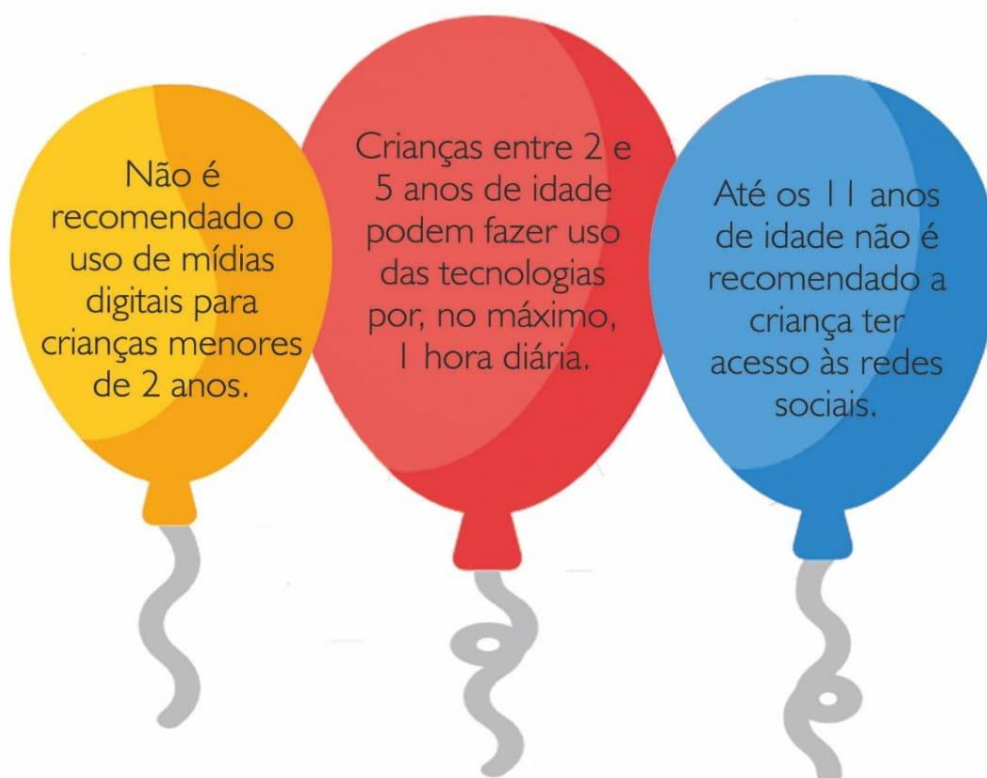


ELIANE BLASZKOWSKI CHAMPAOSKI
Especialista em Educação

“Os princípios da criança estão sempre pautados no despertar para a alegria, no despertar da criatividade, das emoções e de tudo aquilo que lhe atribui esperança e prazer. Brincar, explorar e interagir possibilitam a cada criança uma experiência única, singular e particular”.
(CHAMPAOSKI, 2018)

OLHAR ATENTO ÀS CRIANÇAS

Conheça os limites de idade para o uso seguro das mídias digitais pelas crianças:



Precisa de ajuda para orientação sobre mediação parental?

LIGUE **181**
(No Estado do Paraná)

Ajude a proteger as crianças,
demonstrando respeito,
carinho e cuidado.

Ícones 40 e 42

DESCONECTA

Desliga! Desconecta! E sem pressa
Vem aproveitar o pôr do sol comigo
Aqui, e bem agora, nessa hora
Vou compartilhar o melhor arquivo
O tempo com você!
O tempo com você!

Trecho da música Desconecta
Por Daniel Salles

Figura 10



REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana Graciela Bruno (Org.) Vivendo Esse Mundo Digital: impactos na saúde, educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed 2013.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 21 ago.2018.

CHAMPAOSKI, Eliane Blaszkowski. Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba.

GARCIA, Marilene Santana dos Santos. Mobilidade e planejamento didático. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

JACOBSON, Matthew L. Disponível em: < <https://www.soescola.com>> . Acesso em: 22 nov. 2018.

PENINHA, 1997. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/peninha/sozinho/>> . Acesso em: 13 set. 2018.

SAFERNET, 2018. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br>> . Acesso em: 27 nov. 2018.

SOUSA, Maurício de. Do 5º ao 8º quadrinho da 10ª página da história intitulada Perdidos e Desconectados, publicada na revista Chico Bento nº 387, Editora Globo.

TONO, Cineiva Campoli Paulino. Tecnologia e Dignidade Humana. Curitiba: Juruá, 2017.

SALLES, Daniel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mFRawMgg6jw> Acesso em: 19 nov. 2018.

STRASBURGER, Victor C.; Wilson, Barbara J.; JORDAN, Amy B. Crianças, adolescentes e a mídia. Tradução de Sandra Mallmann. Porto Alegre: Penso, 2011.

FICHA TÉCNICA

Autoria: Eliane Blaszkowski Champaoski
Consultoria Científica: Prof. Dr. Ademir Aparecido Pinhelli
Mendes
Diagramação e Projeto gráfico: Ana Valéria De Pieri Alvarez

IMAGENS:

Figuras 1, 2, 4 e 10 Domínio Público, através de Unsplash. Disponível em: <<https://unsplash.com/>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

Figura 3: SOUSA, Maurício de. Do 5º ao 8º quadrinho da 10ª página da história intitulada Perdidos e Desconectados, publicada na revista Chico Bento nº 387, Editora Globo.

Figura 5: Baby Blues, de Rock Kirkman e Jerry Scott apud STRASBURGER, Victor C., Barbara J. WILSON, and Amy B. JORDAN. "Crianças, adolescentes e a mídia." Porto Alegre: Penso (2011), p. 31.

Figura 6: Desenho de Brenda Blaszkowski Champaoski.

Figuras de 7 a 9: da autora.

Ícones de 1 a 43: adaptado de Freepik, através de Flaticon. Disponível em: <<https://www.flaticon.com/>>. Acesso em: 22 jan. 2019.